

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

AS MULHERES DE CHURCHILL:  
ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NA MARINHA E  
AERONÁUTICA BRITÂNICAS DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Trabalho apresentado em exigência ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, para a obtenção do grau de Mestre em História.

Ana Claudia de Rezende Costa Dutra e Mello

Profa. Orientadora: Miriam Cabral Coser.

## FICHA CATALOGRÁFICA

MELLO, Ana Claudia de Rezende Costa Dutra e.

*As Mulheres de Churchill: Análise da participação feminina na Marinha e Aeronáutica britânicas durante a Segunda Guerra Mundial.* Ana Claudia de Rezende Costa Dutra e Mello. – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, 2015.

186f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Cabral Coser.

Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Urca, Rio de Janeiro, 2015.

1 - Mulheres na Guerra. 2 – História do Gênero. 3 – Relações de Gênero. 4 – Segunda Guerra Mundial. I – COSER, Miriam Cabral. II – As Mulheres de Churchill: Análise da participação feminina na Marinha e Aeronáutica britânicas durante a Segunda Guerra Mundial.

ANA CLAUDIA DE REZENDE COSTA DUTRA E MELLO

AS MULHERES DE CHURCHILL:  
ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NA MARINHA E AERONÁUTICA  
BRITÂNICAS DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Trabalho apresentado em exigência ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, para a obtenção do grau de Mestre em História.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Dra. Miriam Cabral Coser  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

---

Dra. Suely Gomes da Costa  
Universidade Federal Fluminense – UFF

---

Dr. Paulo André Leila Parente  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

## DEDICATÓRIA

Há muitos para quem esta obra poderia ser dedicada, por todo apoio emocional e profissional que recebi durante estes dois longos anos de preparo para a dissertação. De modo mais geral, esta obra não poderia deixar de ser dedicada à minha família, em especial ao meu pai, que tanto me apoiou e incentivou durante todos os anos de minha vida e sem o qual este trabalho não poderia ter sido concretizado. Por seus anseios, encorajamento, amparo e amor, o meu muito obrigada. Todavia, minha formação e empenho durante longo oito anos no campo da História se deveu a uma pessoa particularmente especial, inesquecível e única. Esta obra é dedicada inteiramente à minha mãe, Kátia Maria de Rezende Costa, que infelizmente nos deixou no auge de sua vida e não pôde me acompanhar neste processo de formação e que tanto me serviu como exemplo e norte para vida. Meu amor e minha disciplina quanto à vida pessoal e acadêmica, são fundamentados nos passos tão cautelosos e carinhosos ensinados por ela. Se hoje consigo estar onde estou e ser forte como nunca imaginei ser, o sou por causa dela. Obrigado seria pouco para tudo aquilo que eu lhe tenho como gratidão. Por último, dedico este trabalho àquelas mulheres que participaram desta guerra e de tantas outras e que ainda possuem muito a se contar.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus familiares, pelo apoio, amor e paciência durante estes anos de produção, em especial ao meu pai Gelso Arthur F. D. e Mello, à minha avó Olga de Almeida Costa e ao meu querido irmão Arthur de Rezende C. Dutra e Mello que tanto me aliviou dores e angústias.

Agradeço à Neuza Maria Sgró, por tantos anos de companheirismo e zelo, com suas risadas e palavras mais do que reconfortantes.

Agradeço aos meus tios Cláudio Luiz de R. Costa e Luzia de R. Costa, e Márcia Fischer e Carlos Fischer, às minhas queridas primas Caroline G. R. Costa e Carine G. R. Costa e aos meus primos Rafael Fischer e Pedro Fischer.

Agradeço ao meu querido amigo Daniel Albino da Silva, cuja amizade de longos oito anos serve-me até hoje como alicerce e incentivo para continuar este tortuoso caminho.

Agradeço à minha orientadora, Miriam Cabral Coser, por toda a ajuda profissional e emocional, por toda paciência e zelo em orientar este trabalho e aconselhar-me em muito daquilo que daqui em diante, escolherei como caminho.

À tantos outros amigos e colegas que sempre me apoiaram e que aqui posso estar cometendo a indelicadeza de mencionar e sem os quais este trabalho não teria sido possível: em especial às minhas amigas tão queridas e amadas Manuela Mello, Ludmila Aguiar, Clarisse Castro e Flávia Kingsbury; à Luana Vitor e Virginia Mattoso por todo zelo, conforto e risadas; à Luciano C. Rossato, Fernanda Haag, Tatiana Antunes, Sandra Martins e Mariana Suzuki pelo carinho e acompanhamento e à Cel. Luiz Carneiro de Paula pelo carinho e pelas palavras sábias.

As mulheres serviram todos estes séculos como espelhos possuindo o poder de refletir a figura do homem duas vezes maior que seu tamanho natural.

Virgínia Woolf (1882 – 1941)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a participação das mulheres que atuaram na Marinha e na Força Aérea britânicas durante a Segunda Guerra Mundial. Entre os anos de 1939 e 1945, mulheres de toda a Grã-Bretanha foram convocadas a servirem junto ao esforço de guerra e incentivadas a se alistarem nos serviços auxiliares das forças armadas, assumindo posições que antes não desempenhavam socialmente. Com base na teoria da politização das relações de gênero, a entrada das mulheres nas forças armadas e sua ambientação serão analisadas a partir do conceito de *habitus* e de *capital* desenvolvidos por Pierre Bourdieu e, com base nos estudos de Foucault sobre a docilização dos corpos, será possível compreender os processos de seleção, treinamento e doutrinação pelos quais as mesmas passaram. A partir desses estudos será possível fundamentar as constantes adaptações sofridas por esses órgãos auxiliares que as recebiam, assim como perceber como o próprio contexto das relações de gênero se moldava às novas urgências do esforço de guerra.

## **ABSTRACT**

This work analyses the participation of women who served in the British Royal Navy and Royal Air Force during World War II. Between the years 1939 and 1945, women throughout Britain were called to serve in the war effort and encouraged to enlist in the auxiliary services of the armed forces, taking positions that they previously did not play socially. Based on the theory of the politicization of gender relations, women's entry into the armed forces will be analysed based on the habitus and capital concepts developed by Pierre Bourdieu and, based on Foucault's docile bodies studies, it will be possible to understand the selection, training and indoctrination process through which they passed. That allowed us to state the constant adaptations afforded by these auxiliary forces, and see how the proper context of gender relations are shaped to the new urgencies of the war effort.



## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

- Fotografia 1 – Votes for Women. Reino Unido, 1912.** Fonte: The Guardian - <http://www.theguardian.com/theguardian/2012/feb/07/archive-1918-some-but-not-all-women-get-vote>..... 33
- Fotografia 2 - Cozinheiras da WRAF preparando uma refeição teste, em uma manhã de treinamento.** Fotógrafo desconhecido. Fonte: Imperial War Museum: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205317509>..... 50
- Fotografia 3 – Costureiras da WRAF na produção de balões de barragem.** Fotógrafo desconhecido Fonte:Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205090939>..... 50
- Fotografia 4- Princess Elizabeth Undergoing Instruction at the ATS, 1945.** Fotógrafo oficial do Exército Major Horton W. G. Fonte: Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205127875>..... 55
- Fotografia 5 – Princesa Elizabeth trocando pneu de uma caminhonete, 1945.** Fotógrafo desconhecido. Fonte: The Daily Telegraph - <http://www.dailytelegraph.com.au/photos-e6freuy9-1226164731530?page=13> ..... 56
- Fotografia 6 – A.T.S Recruit** Fotógrafo: Desconhecido Fonte: ROSS, Stewart. **Women’s War – At Home in World War Two.** Londres: Evans Brothers, 2007 ..... 61
- Fotografia 7 – Dama Katharina Furse Diretora das WRENS, 1917** Escritório D.W.R.E.N.S., 1917 Fonte: Imperial War Museum <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205254058>..... 69
- Fotografia 8 – Physical Training fo Happy Wrens** Fonte: Imperial War Museum Collecions Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/20513903396>
- Fotografia 9 – Instruction by the Sergeant of Marines, 1940.** Fotógrafo: Tomlin, H. M. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205136050>..... 97
- Fotografia 10 – WRNS At Work at the Rifle Range, 1940.** Fotógrafo: Tomlin, H. M. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205136049>..... 98
- Fotografia 11 - Mrs Laughton-Mathews inspecting WRNS, 1942.** Fotógrafo: Priest, L.C. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205142997>..... 99

<b>Fotografia 12</b> - Mrs Laughton-Mathews inspecting WRNS, 1942. Fotógrafo: Priest, L.C. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205142996">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205142996</a> .....	99
<b>Fotografia 13</b> - The Admiral shaking hands with WRNS officers. Fotógrafo: Zimmerman, E. A. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205142899">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205142899</a> .....	100
<b>Fotografia 14</b> – Veronica Owen.....	111
<b>Fotografia 15</b> – Wrens do setor de comunicações trabalham na estação de Porstmouth. .....	113
<b>Fotografia 16</b> - WRNS radio mechanics carrying wireless apparatus to a naval aircraft, 1942. Fotógrafo: Priest, L. C. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205143000">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205143000</a> .....	114
<b>Fotografia 17</b> - WRNS radio mechanics fitting wireless apparatus to a naval aircraft.1942. Fotógrafo: Priest, L. C. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205143001">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205143001</a> .....	115
<b>Fotografia 18</b> - Petty Officer Wren Drummond cooking. Escócia, 1943. Produtor: Ministry of Information Photo Division Photographer. Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205199973">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205199973</a> .....	116
<b>Fotografia 19</b> – WAAF personnel assist recruits Fonte: Imperial War Museum Collections – CH2155 Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205212710">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205212710</a> .....	12521.
<b>Fotografia 20</b> – Desfile WAAF, 1939.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>

<b>Propaganda 1</b> – <b>The Greatest Mother in The World, 1917.</b> Artista: Alonzo E. Foronger. Fonte: <a href="http://www.warandgender.com/5_fig010.jpg">http://www.warandgender.com/5_fig010.jpg</a> .....	37
<b>Propaganda 2</b> – <b>Thou, to Whom.</b> Publicado por Bamforth&Co: Inglaterra Fonte: <a href="http://www.nurse-entrepreneur-network.com/public/viewimage.cfm?imgid=84">http://www.nurse-entrepreneur-network.com/public/viewimage.cfm?imgid=84</a> .....	38
<b>Propaganda 3</b> – <b>Men Of Britain! Would you Stand This?</b> Fonte: <a href="https://roberthorvat30.wordpress.com/2014/09/14/a-history-of-the-first-world-war-in-one-hundred-blogs-no-6-the-poster-art-of-war-propaganda/">https://roberthorvat30.wordpress.com/2014/09/14/a-history-of-the-first-world-war-in-one-hundred-blogs-no-6-the-poster-art-of-war-propaganda/</a> .....	39

<b>Propaganda 4 – Women Urgently Wanted for the W.A.A.C</b> Autoria Desconhecida Fonte: Imperial War Museum: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/31373">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/31373</a>	42
<b>Propaganda 5 – Women’s Royal Naval Service</b> Artista: Joyce Dennis Fonte: Imperial War Museum - <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/7403">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/7403</a> .....	45
<b>Propaganda 6 – British Women! WRAF</b> Artista desconhecido. Fonte: Imperial War Museum: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/40915">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/40915</a> .....	48
<b>Propaganda 7 – Join The A.T.S</b> Artista: Abram Games Fonte: Imperial War Museum - <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/10227">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/10227</a> .....	60
<b>Propaganda 8 – Fill His Place - Join The A.T.S</b> Autor: Frederick Scott Fonte: Imperial War Museum - <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/24014">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/24014</a> .....	62
<b>Propaganda 9 – Join the Women’s Land Army</b> Artista: Desconhecido Fonte: Imperial War Museum - <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/33507">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/33507</a> .....	64
<b>Propaganda 10 – Join the Wrens and free a man for the fleet.</b> Artista: Desconhecido Fonte: Imperial War Museum - <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/29092">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/29092</a> .....	81
<b>Propaganda 11 – Join The Wrens – We Still Need You.</b> 1944. Artista: Desconhecido Fonte: Imperial War Museum - <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/2909282">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/2909282</a>	
<b>Propaganda 12 – Join the WAAF</b> Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/9763">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/9763</a> .....	125
<b>Propaganda 13 – Serve In The WAAF With The Men Who Fly</b> Fonte: Imperial War Museum Collections Disponível em: <a href="http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/9764">http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/9764</a> .....	125
<b>Figura 1 – “The Shape Of Things To Come”</b> .....	86
<b>Figura 2 – Tabela de Aulas cursadas por Veronica Owen em 1940, Canadá.</b> .....	110
<b>Figura 3 – Layout of a WAAF Kit</b> Fonte: RAF Museum Collecrcions Disponível em: <a href="http://www.rafmuseum.org.uk/research/archive-exhibitions/worth-a-thousand-words-air-diagrams/layout-of-waaf-kit.aspx">http://www.rafmuseum.org.uk/research/archive-exhibitions/worth-a-thousand-words-air-diagrams/layout-of-waaf-kit.aspx</a> .....	125
<b>Figura 4 – Women’s Auxiliary Air Force kitting up</b> Fonte: RAF Museum Collections, Hendon. ....	125

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

A.T.A. – Air Transport Auxiliary.

A.T.S. – Auxiliary Territorial Service.

R.A.F. – Royal Air Force.

R.N. – Royal Navy.

W.A.A.C. – Women's Army Auxiliary Corps.

W.A.A.F. – Women's Auxiliary Air Force.

W.R.A.F. – Women's Royal Air Force.

W.R.N.S. – Women's Royal Navy Service.

W.R.E.N.S. – Women's Royal Navy Service.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
1. AS MULHERES NA SOCIEDADE E NA GUERRA – ESTUDO DO CASO BRITÂNICO .....	25
1. 1. As Mulheres e sua Participação Social no Século XIX. ....	25
1. 2. A Primeira Guerra Mundial.....	33
1.2.1. W.R.N.S. (Women’s Royal Navy Service – 1917-1919) .....	43
1.2.2. W.R.A.F (Women’s Royal Air Force – 1918-1920) .....	46
1. 3. A Segunda Guerra Mundial: novas recrutas .....	51
2. AS MULHERES DO W.R.E.N.S E A EXPERIÊNCIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL .....	66
2.1 A Declaração da Guerra: entre tradições e recrutamento .....	66
2.2 Entre Treinamentos e Experiências .....	87
3. A REAL FORÇA AÉREA BRITÂNICA E AS MULHERES DO W.A.A.F. ....	120
3.1 Primeiras atuações: W.A.A.F. e a Batalha da Inglaterra.....	124
3.2 WAAF se expande: recrutamento, treinamento e impressões sociais .....	135
3.3 Novos campos de atuação – acima de tudo, mulheres .....	162
CONCLUSÃO .....	183
BIBLIOGRAFIA .....	189

## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende analisar as relações entre poder, habitus, capital simbólico e relações de gênero no processo de seleção, inclusão e atuação das mulheres britânicas em duas instituições militares específicas – Aeronáutica e Marinha – durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Considerada um dos fatos históricos mais imponentes e trágicos da história mundial, a Segunda Grande Guerra é tema que ganha novas pesquisas e perspectivas com o decorrer dos anos. Possuidora de um vasto inventário arquivístico – com produções fílmicas, imagéticas e bibliográficas extensas – tal guerra ainda nos parece um tanto próxima e continua a despertar interesses diversos, tanto entre acadêmicos quanto entre curiosos, fazendo com que novas fontes sejam utilizadas e novos temas sejam apresentados e questionados.

Entretanto, apesar de tais produções, ainda existem temas pouco abordados e pouco explorados sobre o conflito. De fato, estudar a Segunda Guerra Mundial nos leva ao objeto central que desencadeia toda e qualquer pesquisa a seu respeito: a própria guerra. A partir dela pode-se elucidar, caracterizar, explicar e justificar diversos acontecimentos; estudar o comportamento de pessoas, analisar e questionar decisões políticas, etc. Mas é a partir da guerra que conseguimos também, caracterizar a sociedade em seu contexto, os papéis sociais dos indivíduos que dela participaram e foram vítimas e identificar as mudanças político-sociais e culturais deste momento específico.

Dentro desta perspectiva, a proposta deste trabalho pretende abordar um tema não tão divulgado em relação não só à Segunda Guerra Mundial, mas também pouco abordado em planos mais gerais: a questão da inserção feminina nas instituições militares e sua presença durante a guerra. Apesar de já terem participado de guerras anteriores, fosse nos exércitos ou em fábricas, é durante a Segunda Guerra Mundial que a inserção das mulheres em espaços predominantemente masculinos ganha força e atinge números expressivos, como comenta Quérel:

... solicitadas no esforço de guerra e na lógica da guerra total, as mulheres deveriam dar um passo suplementar engajando-se nos exércitos e usando uniforme. A questão não era nova e já havia surgido durante a Primeira Guerra. Alemães, austríacos e franceses eram contra, exceção feita ao emprego

tradicionalmente feminino de enfermeiras, até e inclusive no *front*, mas não na linha de frente.<sup>1</sup>

A Grã-Bretanha foi escolhida para esta pesquisa por ser considerada pioneira ao convocar mulheres para o chamado *home front*, ou esforço de guerra, onde estas atuaram em praticamente todos os setores empregatícios, fosse nos setores econômicos ou nas forças auxiliares militares. Apesar de ter sido a primeira a fazê-lo, com o decorrer da guerra, outros países cediam pouco a pouco em dar às mulheres um espaço de atuação – entendendo que esta inserção era ainda muito complicada pois, mesmo sendo necessitadas para força de trabalho, tanto o governo quanto estas próprias mulheres acabavam lutando contra paradigmas mais fortes que iam contra tal política.

Os trabalhos nas fábricas eram os mais diversos – desde fabricações de roupas à produção de armamentos, bombas, navios e aviões; em serviços auxiliares locais trabalharam como bombeiras, mecânicas, guardas-civis etc.; e servindo em instituições militares nas mais diversas funções – na Aeronáutica produzindo e pilotando aviões de carga e transporte, na Marinha construindo e administrando navios e no Exército dirigindo tanques, fazendo transportes de carga, segurança local, atuando como enfermeiras, etc.

Entretanto, ainda sob análise da afirmativa de Quéstel, é válido pontuar que por mais que estivessem dentro de uma força armada – Aeronáutica, Exército ou Marinha – é de comum acordo dentre os países participantes que tais mulheres não poderiam atuar nas linhas de frente – em outras palavras, estas mesmas mulheres que compunham os órgãos militares não poderiam atuar nestes como combatentes durante a Segunda Guerra Mundial<sup>2</sup>.

É neste sentido que este trabalho também pretende caminhar, partindo das concepções sociais acerca da aceitação feminina dentro das instituições militares, identificando as dificuldades de seleção e atuação de tais mulheres que lutavam tanto contra os ideais civis da função social da mulher e seu papel, quanto por um reconhecimento dentre os integrantes das próprias forças em que atuavam – pois mesmo sendo aceitas em tais instituições, ainda eram passíveis de preconceitos e discriminações.

---

<sup>1</sup> QUÉSTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra. 1939-1945**. Larousse do Brasil: São Paulo, 2009. Página 138, V.2.

<sup>2</sup> Neste caso é importante salientar que tais mulheres não atuaram na linha de frente oficialmente, mas muitas estiveram nas guerras de resistência. As únicas que o fizeram oficialmente foram as mulheres da União Soviética que atuaram como *snipers* (atiradoras de elite) e que compuseram regimentos de bombardeio exclusivamente femininos: o mais famoso ficaria conhecido como *Nachthexen*, ou Feiticeiras da Noite.

Os órgãos militares inicialmente escolhidos para a pesquisa são dois: o W.A.A.F (*Women's Auxiliary Air Force*) e o W.R.N.S (*Women's Royal Navy Service*), da Aeronáutica e Marinha, respectivamente. Por esta razão o recorte temporal escolhido para o trabalho coincide com a criação e reativação de tais órgãos e com o próprio período de guerra, entre os anos de 1939 a 1945. Contudo, menções à outros órgãos serão feitas com o objetivo de comparação – todos, órgãos britânicos.

*As Mulheres na Sociedade e na Guerra*, título principal dado ao Capítulo 1, abordará, com maior cuidado, as movimentações sociais do século XIX e o papel da mulher em sociedade neste período fazendo um paralelo sobre os movimentos feministas na Europa e a mudança de concepções na política, literatura e na vida pública em geral – uma contextualização sobre o panorama da dita “vida privada” *versus* “vida pública”, onde esta suposta transição do primeiro para o segundo, seria algo a ser conquistado pelas mulheres deste tempo. Essa análise é significativa para outro ponto central do capítulo que pretende analisar os desdobramentos e o impacto da Primeira Grande Guerra para a sociedade do século XX e, em especial, para as mulheres.

Já tendo certa atuação no espaço público, com alguns avanços políticos e sociais, as mulheres na Grã-Bretanha são convocadas – não a primeira vez – para comporem as bases do esforço de guerra e liberarem os homens para os campos de batalha. Substituem a mão de obra masculina em manufaturas, fábricas, serviços públicos, segurança e atuam, junto às forças, como enfermeiras e em serviços auxiliares. Cartazes e propagandas traziam estampadas a ideia da libertação da mulher associada à sua ajuda e participação na guerra. Como base de contextualização para os dois capítulos seguintes, órgãos militares auxiliares criados neste período serão analisados desde sua formação até sua desmobilização ao final do conflito – inclusive os órgãos centrais escolhidos para este trabalho já que estes têm sua fundação no início da Primeira Grande Guerra. Depoimentos, fotografias e imagens serão utilizados aqui para apresentar um século que começara seus anos iniciais de forma mais nebulosa.

Como conclusão para este capítulo em especial e para a contextualização dos seguintes, um panorama sobre o período entre guerras e seu impacto nas relações de gênero será abordado a partir de uma discussão historiográfica que pretenderá trazer ideais sobre um certo “avanço” ou “retrocesso” na posição social da mulher no século XX, e ainda, como o impacto de uma guerra, de proporções mundiais ainda não vista, poderia mudar a relação social e cultural como um todo. Historiadores como Bader-Zaar, Michelle Perrot,



Claude Quétel e Françoise Thebàud foram utilizados para fundamentar o debate entre o papel social e relações de gênero neste período.

Uma breve introdução sobre as movimentações vistas para a Segunda Guerra Mundial em mesmo sentido e a reativação de alguns órgãos militares formados na guerra anterior abrirão caminho para as próximas análises, mais particulares.

O Capítulo 2 aborda de forma específica a reativação e estrutura do *Women's Royal Navy Service*, identificado pela sigla W.R.E.N.S.<sup>3</sup>. Reativado em abril de 1939, o W.R.E.N.S. tinha como característica principal, servir como um órgão de apoio, com serviços auxiliares à Real Marinha Britânica. Dentre todos os serviços secundários, as mulheres estariam em todas as frentes de atuação menos em combate direto com o inimigo. Assim como visto na Primeira Guerra Mundial, mas mulheres que serviram ao W.R.E.N.S. também sofreriam limitações de atuação em relação ao *front*. Com funções que englobavam tarefas domésticas, serviços meteorológicos, trabalhos técnicos de manutenção mecânica e até mesmo verificação e transporte de torpedos e minas, estariam quase sempre atuando em terra e não em mar, muito menos a bordo de navios de guerra:

Os WRENS tem a reputação de ser um corpo de elite com uma instrução melhor (...) Nada menos de 80 funções lhes são destinadas (...) Nenhum serviço de bordo, contudo, a não ser o dos portos para reabastecimento dos navios de guerra ou, mais raramente, a bordo de barcos de salvamento, com tripulação exclusivamente feminina ou, ainda, a bordo de transportes de tropas<sup>4</sup>

Com mesmo perfil de abordagem e, servindo como base para uma análise comparativa entre órgãos e sobre a participação feminina no conflito, o Capítulo 3 deste trabalho procura inquirir o ingresso das mulheres na aeronáutica, no mesmo período. O W.A.A.F, *Women's Auxiliary Air Service*, criado em Junho de 1939, era o corpo auxiliar da Real Força Aérea Britânica (R.A.F) para tempos de guerra, composto somente por mulheres<sup>5</sup>. Não era uma organização completamente independente e nem diretamente integrado à R.A.F., contudo, suas mulheres poderiam substituir integrantes da R.A.F.

---

<sup>3</sup> Algumas referências a este órgão poderão aparecer sob a sigla WRNS, sem pontuação e sem a letra “E” pois, as duas formas de siglar tal instituição são encontradas e oficialmente aceitas. O uso da letra “E” tornou-se popular a partir da transcrição sonora da forma como se pronunciava “WRNS” já que, este, não possuía vogais.

<sup>4</sup> QUETEL. Idem. p. 139.

<sup>5</sup> Royal Air Force Museum. **Women's Auxiliary Air Force (WAAF) – 1939-1949**. Artigo Digital disponível em: <<http://www.rafmuseum.org.uk/research/online-exhibitions/women-of-the-air-force/womens-auxiliary-air-force-waaf-1939-1949.aspx>>. Acessado em: 03 de Janeiro de 2012.

sempre que fosse necessário, para fins operacionais. As atividades realizadas por estas mulheres eram diversas – programação e organização de vôos, checagem de equipamentos, trabalhavam nas estações aéreas e de radar, contudo, não eram autorizadas a voar e este seria um dos obstáculos encontrados por elas. Para tal, estas mulheres só conseguiriam pilotar aviões se passassem a integrar o *Air Transport Auxiliary*<sup>6</sup> (AFA):

Como nas outras armas, as tarefas das WAAF são numerosas, mas o sonho de muitas delas é voar, e muitas conseguem isso após conseguirem um brevê de pilotagem, adquirido na maioria das vezes antes de seu ingresso no exército. Por não poder fazê-lo nas esquadrilhas de combate, elas integram o ATA, que conduz aviões, de sua saída da fábrica até sua base de destino, ou de uma base a outra.<sup>7</sup>

Os capítulos 2 e 3, portanto, analisam os processos de fundação e estruturação dos órgãos, convocação, voluntariado e impressões sociais do período frente a mobilização de mulheres para compor com as bases do esforço de guerra. Ambos os capítulos primam por estabelecer uma relação da mulher com a guerra e têm por objetivo central analisar a posição da mulher dentro das instituições militares. A proposta de estudo para tal se baseia nas discussões acerca do papel social, da educação, sexualidade e poder – todas fundamentadas em seus respectivos teóricos e conectadas à uma seleção específica de documentos e fontes primárias que auxiliam no entendimento sobre o desempenho destas mulheres ao serem selecionadas para os órgãos militares como, também, nos ajudam a ponderar sobre as contraposições de ideias do senso comum em torno daquilo que se considerava “feminino” e “masculino”.

Pretendendo-se também uma aproximação com o campo da História Militar os conceitos e bibliografias utilizados terão uma nova roupagem analítica para permitir uma perspectiva o processo de incorporação das mulheres na Aeronáutica e Marinha. Este intercâmbio ente os campos históricos permite uma maior compreensão sobre todo o contexto sócio-político-militar britânico que possibilitou o ingresso das mulheres em suas forças armadas.

A maioria das fontes sobre estes dois órgãos específicos (W.A.A.F. e W.R.E.N.S.) e tantos outros estão disponíveis em formato digital em sites oficiais do governo britânico e em sites específicos da Aeronáutica e Marinha. Os locais específicos para busca e análise de fontes utilizadas para este trabalho são o *Imperial War Museum*, *The National Archives*,

---

<sup>6</sup> O ATA não era um corpo exclusivamente feminino como a WAAF, mas mulheres poderiam substituir pilotos de teste e de transporte sempre que fosse necessário.

<sup>7</sup> QUÉTEL. Opt cit. Página 140.

*The Royal Air Force Museum* e *The Royal Navy Museum*. Além das mídias digitais, foram utilizadas fontes e documentos oficiais militares, cada qual de sua força armada específica, que se encontram arquivados somente no *The National Archives*, em Surrey, Inglaterra. Os documentos reproduzidos deste arquivo têm características administrativas e corroboraram para o entendimento da formação do órgão e sua estruturação. Já os documentos reproduzidos do *Imperial War Museum* se caracterizam por serem diários de ex-integrantes e trazerem uma visão mais humana sobre cotidiano de guerra e sobre o dia a dia destas mulheres em ambiente militar, o que torna a análise das relações de gênero mais rica para este propósito.

A seleção de tais fontes foram cautelosas e de forma ampla. Em uma viagem à Londres, Inglaterra, foi possível estar próximo dos documentos oficiais e procurar, com mais vigor, informações que pudessem escapar aos depoimentos e autobiografias, assim como trazer com mais detalhes o cotidiano de guerra que envolvera tais mulheres. Todos os documentos diretamente ligados ou à Marinha ou à Aeronáutica são organizados e catalogados pelo *The National Archives*, onde cada pasta é segmentada por um assunto específico. Alguns documentos dos órgãos auxiliares encontravam-se perdidos em registros das forças da marinha e aeronáutica no geral dificultando um pouco o processo de identificação das mesmas. As pastas de ambos os órgãos encontravam-se em perfeito estado de conservação, com a maioria das correspondências completas e, com sorte, possuíam alguma fotografia. Contudo, os arquivos encontrados no *The National Archive* são, em maioria, documentos administrativos oficiais. De caráter mais pessoal, as fontes copiladas do *Imperial War Museum* trazem experiências e depoimentos que nos levam para o lado mais sensível do contexto estudado. Através de cartas pessoais e diários destas mulheres, nos aproximamos do cotidiano da Segunda Guerra Mundial.

Para a análise de fontes foi utilizado o método comparativo, tendo este servido para se estabelecer pontos em comum e incomuns entre os dois processos de seleção de ambos os órgãos militares. Este método em questão não serve ao historiador como instrumento para fazer o julgamento ou adjetivar um fato ou outro como sendo “superiores” ou “inferiores”, mas sim, para possibilitar a diferenciação de acontecimentos levando em consideração as particularidades e contextos do tempo, lugar, concepções institucionais etc.

O método qualitativo também será utilizado para caracterizar, através das fotografias e depoimentos, todos os signos e símbolos que qualificaram tais mulheres para atuar no campo militar, identificando as mudanças de postura, comportamento etc. – se

relacionando diretamente com o conceito de *habitus* de *capital simbólico*, de Pierre Bourdieu. É através do uso das fotografias que se poderá problematizar mais precisamente a ambientação das mulheres a este espaço. Mesmo que muitas vezes estas possam parecer forjadas, ainda funcionam como arquétipos desta representação da mulher na guerra.

Depoimentos gravados e entrevistas de ex-integrantes destes dois órgãos militares que contam suas experiências do cotidiano de guerra serão usados como base para a compreensão e contextualização deste trabalho. Todos estão disponíveis digitalmente, pelo projeto de História Oral do *Imperial War Museum*.

Praticamente todos os órgãos exclusivamente femininos criados para atender às necessidades de guerra possuem limitadores. São sempre órgãos com características de serviços auxiliares, que integram mulheres para serviços mais técnicos e/ou secundários a fim de liberar homens para atuarem na frente de batalha. Por questões mais morais, a visão geral sobre a participação da mulher em combate, diretamente nos campos de batalha, não era algo bem visto socialmente nem por homens, nem por mulheres – àquelas mais conservadoras ou de mais idade. Muito ocasionalmente esta participação direta vinha pelo trabalho das enfermeiras, mas nunca desempenhavam o papel de combatentes. Entretanto, mesmo não podendo atuar em todas as frentes do esforço de guerra (quantas quais gostariam) tais mulheres exerceram papel importante durante a guerra e muitas delas foram condecoradas por seus feitos.

A mulher, ou mulheres, na história já é objeto passível de novos estudos e revisões historiográficas. Em momentos de guerra esta realidade não se faz diferente – como militares ou civis, elas estavam presentes e atuavam como sujeitos. A escolha por trabalhar a inserção das mulheres dentro das instituições militares é trazer o tema para os campos de pesquisa em história cultural e história militar, abordando a questão dos papéis sociais das mulheres neste contexto, a mudança nas relações de gênero e suas politizações, e suas relações com a formação e aquisição do *habitus* pelas mesmas.

Parafraseando Joan Scott<sup>8</sup> em sua definição conceitual, gênero pode ser entendido como uma categoria útil de análise histórica. No contexto das guerras essa afirmativa não se desassemelha. Refletir sobre as construções do feminino e do masculino nos períodos de guerra é de extrema importância, pois é neste contexto político social que muitas mudanças socioculturais ocorrem. Utilizar o conceito de *gênero* para a realização de análises e trabalhos sobre a guerra proporciona uma melhor compreensão dos conflitos

---

<sup>8</sup> SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Artigo Digital. Disponível em: <[http://archive.org/details/scott\\_gender](http://archive.org/details/scott_gender)>. Acessado em: 23 de Dezembro de 2013.

através das dinâmicas sociais – isso devido ao fato que, ainda hoje, a história de grandes conflitos seja escrita negligenciando esta participação, criando espécie de história marginal, lugar onde as mulheres aparecem em livros de memórias, biografias e na história oficial do próprio órgão onde atuaram.

A historiadora norte-americana e personalidade no movimento feminino sufragista, Mary Ritter Beard, afirma em seu texto “Woman as Force in History” que havia sim uma marginalização da mulher e de seu papel social. Negava-se então que a mulher tivesse qualquer participação pública; sua participação em guerras e em decisões políticas, e que pudessem ter influenciado acontecimentos, assim como fato de não possuírem “projeto de vida própria”<sup>9</sup>. A questão da inserção do estudo das mulheres nas pesquisas históricas foi alvo de diversos debates que tentavam elucidar as maneiras como isso deveria acontecer e a relevância de tais estudos. A respeito da opinião moderna que alguns pensadores e historiadores tinham sobre o papel da mulher na História, enxergava-se que “... a solicitação de que a história fosse suplementada com informações sobre as mulheres, equivalia afirmar o caráter incompleto daquela disciplina, bem como o domínio parcial que os historiadores tinham do passado.”<sup>10</sup>.

Esse distanciamento da história geral, não propositalmente, pode ser pensado aqui como uma forma urgente de dar à mulher um lugar claro e límpido e que não fosse novamente ofuscado por outros fatos e expressões que pudessem fazer alusão ao homem, entendido aqui como indivíduo masculinizado. Joana Maria Pedro, quando aponta em um artigo sobre os significados do uso da palavra “mulher” – pois até então a expressão “gênero” ainda não era adotada – explica que tal categoria fora “(...) pensada em contraposição à palavra “homem”, considerada universal, ou seja, quando se queria dizer que as pessoas são curiosas, por exemplo, dizia-se de forma genérica “o homem é curioso”. Aqui a palavra homem pretendia incluir todos os seres humanos”<sup>11</sup>.

Desta forma, entendemos que esta marginalidade onde a História das Mulheres foi se inserindo não acontecia propositalmente, mas sim como reflexo imediato à emergência que este campo se pretendia dentro da academia aliado aos ideais feministas da época. Contudo, o campo ganhava força ao mesmo tempo em que o conceito de gênero surgia, de

---

<sup>9</sup> BEARD, Mary. **Women as Force in History: a study in traditions and realities**. California: The Macmillan Company, 1964.

<sup>10</sup> SAMARA, Eni de Mesquita (org). **Gênero em Debate: trajetórias e perspectivas da historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUSC, 1997.

<sup>11</sup> PEDRO, J. op. cit, 2005.

forma primeira, como uma rejeição ao determinismo biológico implícito no emprego de termos como “sexo” ou “diferença sexual”.

Forma-se ainda um debate em torno de historiadores: escrever uma “História das Mulheres” ou uma “História do Gênero?”. Quais os limites de cada campo e até onde o primeiro não seria em essência, o segundo? Essa pergunta é debatida até hoje com base no entendimento que, quando se fala em relações de gênero, fala-se em relações entre nuances daquilo que se compreende por homens e mulheres.

Justamente por este motivo, as análises sobre homens e mulheres estão baseadas no conceito de gênero que traz, de forma mais rica, a possibilidade de se compreender a variedade de *homens* e *mulheres* que podem pertencer à uma mesma classe, cultura e contexto. A utilização de uma ideia pluralista em relação à estas identidades se faz urgente para este trabalho, principalmente, quando percebemos que ao se alistarem para os órgãos, mulheres e homens, das mais diversas origens, começam a dividir espaços e experiências que antes não o faziam. As relações de gênero ampliam a ideia de uma dualidade baseada na determinação sexual.

O estudo de gênero, como categoria analítica enfatiza a abordagem do caráter relacional das construções sociais entre o feminino e o masculino ao longo dos processos históricos, sendo proposta então, uma superação de uma suposta “condição feminina” ou “condição masculina”. A necessidade de tal estudo vem com o objetivo de mostrar as múltiplas identidades femininas e masculinas e como estas diferentes relações vêm se transformando na história: *“a importância de considerar a categoria gênero na compreensão dos processos históricos.”*<sup>12</sup>

As questões referentes à inserção das mulheres em uma força armada – como e porque tal inserção ocorre – podem ser respondidas de uma maneira generalizada. Cada qual tem em seu contexto e sua resposta específica, mas todas acabam indo de encontro a um ponto em comum: a questão do gênero e do papel social da mulher.

Neste sentido, a problemática que norteia este trabalho preza pela análise das relações de gênero como base para se compreender como que as funções consideradas “femininas” e “masculinas” se modificam em tempos de guerra e como as relações entre os dois gêneros também sofrem mudanças. Como que, com a intensificação do conflito, as mulheres são chamadas a assumirem postos que antes eram relegados a elas e como estas mesmas politizações que possibilitam uma nova atuação ainda sim, as limitam.

---

<sup>12</sup> GONÇALVES, Andrea Lisly. **História &... Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.11.

É através da politização destas relações de gênero<sup>13</sup> que se permite o ingresso feminino a “novos setores sociais”<sup>14</sup> – por ocasião de uma emergência de guerra expande-se a possibilidade de atuação destas mulheres, como por exemplo, o ingresso nas forças armadas. É neste novo campo de atuação que tais mulheres ganham uma nova perspectiva do mundo e da sociedade através dos olhos da instituição a qual pertencem.

As propagandas, discursos e cartazes (os últimos principalmente e de forma abrangente) foram essenciais para que a convocação de mulheres para o exército ocorresse, pois, neles, as mesmas eram retratadas em primeiro plano, fardadas, com postura imponente e tais características chamavam a atenção por proporcionarem uma idealização de mudança social para elas. Tal mudança, e a possibilidade de se destacar socialmente junto a uma instituição militar, é estudada no trabalho a partir do conceito de capital simbólico elaborado pelo sociólogo Pierre Bourdieu<sup>15</sup>.

Para a definição deste, percebemos um alargamento no conceito marxista de *capital* – podemos entendê-lo não só como algo relacionado à questão financeira e ao acúmulo monetário (o capital econômico), mas como o acúmulo de algum bem (material ou simbólico) que possa promover a inclusão de indivíduos em um novo ambiente, situação, campo, etc. Estes capitais são descritos por Bourdieu como *capital cultural*, *capital social* e *capital simbólico* – nos interessando aqui, este último. O acúmulo de capital simbólico pode ser compreendido como a aquisição de um conjunto de signos e símbolos que possibilitam a situação de um indivíduo em determinado espaço social.

São estes signos que, ao mesmo tempo em que atraem tais mulheres para a instituição, identificam-nas com a mesma. Através da doutrina, treinamentos, postura, uniforme e gestos é que estas mulheres passam a acumular o capital referente ao meio militar e iniciam o processo de formação e aquisição de um novo *habitus*. De maneira mais simples podemos compreender *habitus* como a apreensão de características e sistemas de um campo específico que pode ser adquirido e interiorizado por um indivíduo: “O *habitus* constitui um sistema de esquemas de percepção, de apreciação e de ação (...) que nos permitem perceber, agir e evoluir com naturalidade num universo social dado”<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> PEDRO, Joana Maria. **As Guerras nas Transformações das Relações de Gênero: entrevista com Luc Capdevila**. Revista de Estudos Feministas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. VI.13, n.1 Jan/Abr 2005.

<sup>14</sup> No sentido de atuarem em setores e esferas sociais que não atuavam antes.

<sup>15</sup> BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, 1997.

<sup>16</sup> BOURDIEU, P. Idem. 1997.

Portanto, a relação entre os conceitos de Bourdieu, Butler e Scott são fundamentais para a contextualização da mulher na guerra e sua inoculação ao ambiente militar. O elo entre eles revela a complexidade por detrás da adequação dos corpos, mentes e hábitos destas mulheres em um novo espaço de atuação e trazem, no tocante à sensibilidade desta participação, as impressões pessoais e sociais frente a estas mudanças.

Contudo, apesar de toda mobilização em torno do esforço de guerra, assim como ocorrido na guerra anterior, a desmobilização destes órgãos acontece tão logo o conflito chega ao fim. Aquelas que serviram, ao lado de homens, às bases de sustentação do aparato de guerra encontram, já em 1945, um prazo final de suas atividades pelo simples fato de não serem mais necessárias em suas substituições. Os jogos de poder e sua consequente politização das relações de gênero, moldam e definem mais uma vez, os lugares e papéis sociais que seriam cumpridos tanto por homens, quanto por mulheres ao final da guerra.



## 1. AS MULHERES NA SOCIEDADE E NA GUERRA – ESTUDO DO CASO BRITÂNICO

As mulheres e a guerra. Dois substantivos que, quando juntos, acabam provocando uma reflexão curiosa. Sempre que pensamos ou falamos sobre guerras, o olhar mais amplo para as conhecidas minorias históricas quase não acontece. Nossa memória imediata nos remete a todos os aspectos mais crus em relação a um conflito e por essa razão, quando pensamos em mulheres na guerra algumas imagens podem passar despercebidas.

Fazer um estudo sobre uma guerra em particular pode seguir diversas orientações, dependendo da proposta levantada pelo historiador. Caminhar pelos campos de batalha do passado e pensar nos duelos, embates, tipos de armamentos, quantidade de pessoas mortas, recessões e mais um grande número de possibilidades vão surgindo pelo caminho de pesquisa. Contudo, alguns elementos instigantes se fazem presentes em meio a todo um cenário gigantesco de terror, como por exemplo o papel que crianças, deficientes, idosos e mulheres desempenhavam no cotidiano da guerra. Expandir o olhar em busca destes agentes históricos pode fornecer à historiografia de um conflito em particular, uma visão mais completa.

Entretanto, para tal compreensão de como a guerra molda certas relações sociais e modifica estruturas políticas e econômicas, faz-se necessária a contextualização do espaço em que estas ocorrem. As mulheres, como centro desta pesquisa, adquirem papel fundamental na economia e no esforço de guerra, em ambas as guerras mundiais. Entretanto, seu pioneirismo em fábricas e manufaturas não é fruto desta participação nas guerras. Seu trabalho, mesmo que em números mínimos, já era notado nestes círculos e, com a necessidade, intensificados.

### 1. 1. As Mulheres e sua Participação Social no Século XIX.

A participação social e política das mulheres varia cada qual em seu contexto. Muito tempo foi necessário até que deixassem de atuar em meio à vida privada, doméstica e familiar para atuarem com mais ênfase na vida pública – e ainda sim, com limites de atuação.

A reflexão em torno do que seria a “vida privada” e a “vida pública” comumente associa a primeira ao âmbito doméstico e à instituição familiar enquanto a segunda estaria

relacionada com o todo para além daquela. Entretanto, os limites e definições que moldam o significado de ambas as expressões é uma construção histórica, portanto fluida:

A vida privada não é uma realidade natural, dada desde a origem dos tempos: é uma realidade histórica, construída de diversas maneiras por sociedades determinadas. Não existe uma vida privada de limites definidos para sempre, e sim um recorte variável da atividade humana entre a esfera privada e a esfera pública. A vida privada só tem sentido em relação à vida pública e sua história é, em primeiro lugar, a história de sua definição (...) A história da vida privada começa pela história de suas fronteiras (...).<sup>17</sup>

Tal apontamento nos leva a reflexão de que a vida privada não possui uma forma única e se molda de acordo com padrões sociais, com seus limites retraindo e expandindo de acordo com seu tempo e lugar. É ainda, produto de classes sociais pois, se a vida privada se liga majoritariamente às questões familiares e à função desta com a sociedade no geral, sua caracterização dependerá das relações mais profundas de seus membros com aquilo que é externo ao âmbito doméstico<sup>18</sup>. Os limites entre a esfera do público e privado determinam para um e outro seus próprios domínios.

Na Inglaterra por exemplo, a vida privada do lar se misturava com a vida pública, ou com as vidas privadas de outras pessoas, visto que um dos sistemas mais comuns de hospedagem, os *bed and breakfast*, possibilitavam um estrangeiro a passar a noite em um cômodo da casa de uma família com direito a café da manhã. Nesses casos, a ideia da vida privada doméstica e familiar é um tanto diferente do que vemos, por exemplo, na França e em outros países europeus, onde a recepção de pessoas “estranhas” à família, para reunião ou até mesmo jantares, ocorria em um ambiente exclusivo para isso, normalmente isolado de outros cômodos da casa.

A vida privada portanto, é referida como o campo dos costumes, da religião, da saúde, dos segredos, do sagrado, da família. E normalmente, quando se faz referência à atuação da mulher em sociedade é comum observarmos a mulher e a vida privada como campos inerentes e até mesmo indissociáveis durante períodos históricos. A mulher que rompe com essa imagem, migra do espaço privado da casa e da família, para o espaço público do trabalho e da política:

---

<sup>17</sup> ARIES, P. DUBY, G.(org). **História da Vida Privada 5. Da Primeira Guerra aos Nossos Dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.14.

<sup>18</sup> Idem. p.14.

Os muros da vida privada em princípio cercam o universo doméstico, o universo da família, e do lar (...) O que se passa no universo doméstico pertence estritamente à vida privada. Assim uma boa maneira de abordar as transformações que afetaram a vida privada no século XX consiste em indagar sobre a evolução material do quadro doméstico: a história da vida privada é, em primeiro lugar, a história do espaço em que ela se inscreve.<sup>19</sup>

Em alguns casos, faz-se uma divisão entre estes espaços e a questão do gênero. A mulher seria o centro da vida privada (no tocante à família) e o homem, aquele que representa a vida pública, como questiona Duby ao se perguntar se *a divisão dos papéis masculino e feminino não acabava outorgando o poder na esfera privada às mulheres*<sup>20</sup>. Ainda que tenhamos ciência que a generalização para análise de tais esferas nos traz uma visão reduzida das mesmas, é interessante refletir se

... a divisão dos papéis situava a mulher preferencialmente dentro da família, reservando ao homem o âmbito externo: as transações importantes, a representação familiar, a política. É possível discutir se essa partilha era apenas ilusória; pode-se concordar com as feministas que, na medida em que o importante era a vida pública, as mulheres ficavam relegadas à vida doméstica; inversamente pode-se salientar a importância central dos valores domésticos nessa sociedade em que o indivíduo valia pela família e o único êxito era familiar, para sustentar que as mulheres, na medida em que controlavam a esfera doméstica, exerciam na verdade um poder decisivo.<sup>21</sup>

A presença feminina na vida privada é muitas vezes associada à imagem da repressão e da submissão. Entretanto é válido questionar até onde o papel da mulher dentro destes espaços não influenciava diretamente nas decisões fora dele. Michelle Perrot e Geneviève Fraisse refletem sobre esses limites entre o público e o privado mostrando sua comum generificação:

A redefinição do político no século XIX tem como corolário a redefinição da sociedade civil dotada de uma consistência particular. Teóricos (sobretudo anglo-saxônicos) e organizadores distinguem “público” e “privado” e tentam estabelecer uma equivalência entre as “esferas” e os sexos. Mas, apesar dos seus esforços, esferas e sexos confundem-se e imbricam-se em torno de fronteiras pouco definidas e flutuantes. Nem todo o público é masculino, nem todo o privado é feminino. As mulheres circulam no espaço público e, através dos salões, a sua casa mantém-se

<sup>19</sup> ARIES, P. DUBY, G. (org). Idem. p. 53-54.

<sup>20</sup> ARIES, P; DUBY, G. op. cit. p. 65.

<sup>21</sup> ARIES, P; DUBY, G. ibid. p. 65.

aberta para o exterior. Os homens não estão também ausentes do privado, e os poderes do pai pesam sobre a família. A mulher civil é a um tempo pública e privada, em sua casa e na cidade, no parentesco e na sociedade. A este respeito, importa evitar as armadilhas do discurso e desmontar os estereótipos tradicionais.  
22

De fato, aquilo que se critica a respeito desta exclusão à vida pública seria a ausência das mulheres em momentos “decisivos” por onde elas poderiam estender seus pensamentos, ideias e voz como, por exemplo, sua não-participação em eleições, a impossibilidade de se candidatar, exercer certas profissões etc.

Pelos fins do século XIX e início do século XX a sociedade inglesa passou por mudanças significativas em sua estrutura, mais precisamente na Era Vitoriana e em meio aos primeiros movimentos feministas na Europa.

O questionamento sobre a condição da mulher no período vitoriano começa a ser percebido também, pela literatura. Christiane Maria Lopes analisa em sua tese a identidade da mulher na era vitoriana justamente através das produções literárias da época e reflete sobre a condição feminina durante o período em meio a tantas transformações identificando a extrema sexualização da mulher pelos autores os quais analisa.

Para Lopes, *reconhecer o direito de um ser humano a ter livre escolha não confere a um escritor ou a uma obra um caráter feminista, pois o sexo é apenas “uma” das muitas dimensões da potencialidade humana*<sup>23</sup>. Conclui ainda que o feminismo, como um movimento social, reclamava direitos profissionais, intelectuais e políticos – esferas de atuação quase nula das mulheres. Assim, como exemplo de uma possível superação desta imagem, já na era moderna, Lopes nos traz a Virginia Woolf – escritora fruto da educação vitoriana, que começa a trazer a imagem da mulher nos fins do século XIX de forma mais realista, se baseando no cotidiano de suas vidas.

Em um trecho de uma de suas obras, percebemos quando Woolf reflete sobre a vida e a participação pública da mulher no século XIX, trazendo uma história fictícia do que seria conversar com uma senhora, desta época em particular, e questioná-la sobre sua vida através dos fatos históricos pelos quais passou, mas sem deles ter, de fato, participado:

<sup>22</sup> DUBY, G. PERROT, Michelle. **História das Mulheres No Ocidente. O Século XIX. Vol. 4.** Porto: Afrontamento, 1991. p. 347.

<sup>23</sup> LOPES, Christiane M. **A Mulher na Era Vitoriana: Um Estudo da Identidade Feminina na Criação de Thomas Hardy.** Dissertação de mestrado. UFPR. Curitiba: 1986. p. 16. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24338/D%20-%20LOPES,%20CHRISTIANE%20MARIA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado em: 16 de Dezembro de 2014.

... the majority of women are neither hairlots nor courtesans; not do they sit clasping pug dogs to dusty velvet all through the summer afternoon. But what do they do then? And there came to my mind's eye one of those long streets somewhere South of the river whose infinite rows are innumerably populated. With the eye of the imagination I saw a very ancient lady crossing the street on the arm of a middle-age woman, her daughter perhaps... The elder lady is close on eighty; but if anyone asked her what life has meant to her, she would say that she remembered the streets lit for the Battle of Balaclava, or had heard the guns fired in Hyde Park for the birth of King's Edward the Seventh. And if one asked her, long to pin down the moment with date and season, but what were you doing on the fifth of April, 1868, or the second of November, 1875, she would look vague and say that she could remember nothing. For all the dinners are cooked, the plates and cups washed; the children sent to school and gone out into the world. Nothing remains of it all. No biography or history has a word to say about it. And the novels, without meaning to, inevitably lie... All these infinitely obscure lives remain to be recorded...<sup>24</sup>

Segundo Lopes, as tendências literárias do final do século XIX vinham questionar a posição dependente da mulher. O século anterior aprisionara suas mulheres em suas casas e à sua família, construindo um cenário único no qual elas poderiam atuar:

(...) Uma figura condenada à 'prisão domiciliar' com a pena máxima de ser eternamente passiva, dependente, escrava de suas emoções, mas com o direito de escolher a maneira de sua própria execução: morreria ela de tanto ter filhos, ou teria filhos até morrer? Com um pouco de sorte, uma tuberculose poderia mudar o curso de sua história.<sup>25</sup>

Contudo, as experiências e valores que cresciam na sociedade inglesa do século XIX trouxeram a possibilidade de se compreender ou se pensar “a mulher” de uma forma mais crítica. O conservadorismo em excesso da era vitoriana criara duas visões do feminino: uma trazia a mulher como honesta, “dona do lar” e outra, retratava-a como a mulher “ousada” ou erótica – antagônica às predefinições da primeira. O resultado desta dualidade de visões, somado ainda aos movimentos da Questão Feminina, trouxe à tona o surgimento de uma terceira visão – a Nova Mulher:

(...) Enquanto isso, o crescimento da Questão Feminina definia o papel social da mulher pois reivindicava os direitos sexuais e pessoais da mulher visando seu reconhecimento como um ser completo. Tratava-se de um movimento essencialmente político

<sup>24</sup> WOOLF, Virginia. *A Room of One's Own*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 1989. p.88.

<sup>25</sup> LOPES, Christiane. *Idem*. p. 13.

porque desafiava a ortodoxia moral e política da cultura vitoriana. Questionava a permanência do casamento e o papel da mulher no seio da família. Em consequência, a expressão “Nova Mulher” estava popularizada, descrevendo aquela que lutava por um grau de igualdade com os homens e procurava sua libertação da rigidez dos códigos vitorianos preconceituosos (...) <sup>26</sup>.

O movimento da Nova Mulher – *The New Women* – ganha força tanto na Grã-Bretanha quanto nos Estados Unidos e o receio social frente à organização cresce pela afronta que este poderia trazer às estruturas do ambiente doméstico. Essas Novas Mulheres, das décadas de 1880-1890 *são as filhas das New Bourgeois Matrons dos anos 1850-1880. Esse cadinho de identidades foi, nos limites do político e do social, do público e do privado, do religioso e do moral, um laboratório de experiências* <sup>27</sup>.

Em um trecho editorial do New York Times, já em 1896, percebemos o incômodo que o movimento começa a trazer: “The New Women Criticised – Is She Unsexing Herself and Losing Man’s Respect?” <sup>28</sup> ilustra a possível “ameaça” aos costumes tradicionais da época frente o novo comportamento feminino quando, pelo próprio título da coluna, percebemos o questionamento sobre uma possível “dessexualização” da mulher e, por consequência, esta perderia o respeito dos homens. Essas novas funções, almejos, a movimentação das organizações feministas e a presença – ainda crescente – no espaço público, para alguns, descaracterizaria a mulher e seu papel social “anterior”. Como se o reclame e o ganho de certos direitos, ou o ingresso em novos ofícios sociais tirariam desta mulher, sua feminilidade.

O século XIX traz, com suas mudanças e inovações, uma nova articulação social que implica em mudanças intrinsecamente ligadas às novas exigências e claro, no comportamento de homens e mulheres onde, essas últimas demonstram o desejo em superar limites impostos ao seu sexo.

Por que o feminismo a medida em que difunde, torna-se plural e contraditório. Entre o feminismo que pretende a igualdade na assimilação e o que pretende a exaltação da diferença está já aberto o debate. (...) Mas o seu poder de representação é sem dúvida mais elevado que o seu número. O “nós, as mulheres”, tão frequentemente invocado por isoladas que se pretendiam porta-vozes, toma mais consistência. (...) Houve então como que uma

<sup>26</sup> LOPES, Chistiane. Idem. p. 14.

<sup>27</sup> DUBY, G. PERROT, Michelle. (Org.) **História das Mulheres No Ocidente. O Século XIX.** Porto: Afrontamento, 1991. p. 510.

<sup>28</sup> \_\_\_\_\_, New York Times. Disponível em: <file:///C:/Users/anaclaudia/OneDrive/Documentos/FONTES%20DOCUMENTOS%20OFICIAIS/105746425%20NYTimes.pdf>

“idade de ouro” do feminismo ocidental – que participa no desenvolvimento da democracia e do individualismo – que precipitou o nascimento dessa “Nova Mulher”, celebrada ou execrada no limite do século, e que obriga os homens a redefinir-se.<sup>29</sup>

## THE NEW 'WOMAN' CRITICISED.

### Is She Unsexing Herself and Losing Man's Respect?

*To the Editor of The New-York Times:*

In your issue of Sunday, April 5, appeared an extract from The Forum headed, “What Does She Want?” and I echo the inquiry. Or, rather, What does she not want?—this new woman, who literally “buttonholes” one in the street and demands that one stand and deliver one's opinion upon the latest subject agitated in any country or community. Many a time and oft have I squandered the pence that should have made the pounds by slipping into a shop and perforce buying some trifle in order to escape the highway robbery of my ideas—having, indeed, no superfluous ones to part with. What, again, does she not want—the new woman, who is as great a puzzle and perplexity to many of her own sex as to the opposite one? She dresses like a man, as far as possible, thereby making herself hideous. She swings her arms in walking, like a man. She talks slang, as a man does, only adding more words to her vocabulary, and now it appears she is to carry a walking stick, but unlike a man. The next step probably will be to wear her hair short and adopt a mustache, a legitimate one not being possible. She discusses subjects with the “men”—one being no longer permitted to associate with gentlemen—that they are in the habit of keeping for their own sex. She drinks wine at luncheons when women only are present. She attends us as a physician and afterward gossips about her patients, as a woman. She asks, in fact, as the writer in The Forum says, “to work by man's side and on his level,” and still to be treated with the chivalry due her in her own kingdom—the home and society—and any abatement of this treatment produces a storm of indignation and wrath quite beyond the sex she is endeavoring to emulate. And with all these things, forsooth, she now demands the ballot. If she ever does get it—which heaven forbid—what a reign of pandemonium there will be at the polls and by the domestic hearth!

TARRYTOWN, April 6, 1896.

H. W. F.

**The New York Times**

Published: April 8, 1896

Copyright © The New York Times

<sup>29</sup> DUBY, G. PERROT, Michelle. (Org.) *História das Mulheres No Ocidente. O Século XIX*. Idem. p. 510

Contudo, apesar de toda rigidez social – característica forte do período, a era vitoriana também é conhecida por mudanças notáveis na qualidade de vida das pessoas, na prosperidade familiar e na educação básica das crianças. A Segunda Revolução Industrial trouxe avanços tecnológicos que impactaram as estruturas sociais do período e trouxeram novas possibilidades para as mulheres – mudanças que vinham ocorrendo desde a Primeira Revolução. O pioneirismo da Grã-Bretanha no século XVIII veio galgando, com os anos, a qualidade de vida e os avanços sociais e industriais que possibilitaram, no século seguinte, a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Ironicamente, a moralidade da época se chocara com as oportunidades e novas percepções sociais.

A organização e os movimentos vinham reclamar a regulamentação de um trabalho assalariado, uma nova posição social desta mulher através do reconhecimento de atividades femininas que já ocorriam muito antes da industrialização – trabalhavam como fiandeiras, como feirantes, artesãs, criadas, atividades remuneradas ou não e quase sempre ligadas ao “âmbito” doméstico e à manufatura. As mulheres adentravam no mercado de trabalho ainda de forma tímida, sempre associadas às formas de trabalho mais baratas e, ainda sim, excluídas em algumas funções dessa própria classificação.

No período pré-industrial, portanto, a maioria das mulheres trabalhadoras eram jovens e solteiras e por norma trabalhavam longe de casa, fosse qual fosse o tipo de local de trabalho para onde iam. As mulheres casadas eram também membros ativos da força laboral; também para elas a localização do trabalho – quinta, loja, oficina, rua ou as suas próprias casas – variava e o tempo dispendido com tarefas domésticas dependia das pressões do trabalho e das circunstâncias econômicas do agregado familiar.<sup>30</sup>

Os anos seguintes foram marcados por avanços dos movimentos feministas ao redor do mundo. A primeira onda do movimento vinha reclamar os direitos das mulheres em igualdade com o dos homens e visavam principalmente o direito ao voto, a propriedade, participação política, criticavam o modelo de casamentos etc. O movimento do século XIX é representado hoje pelas britânicas, conhecidas como *suffragettes*, e sua mobilização frente ao direito ao voto feminino.

---

<sup>30</sup> DUBY, G. PERROT, Michelle. **História das Mulheres No Ocidente. O Século XIX. Vol. 4.** Afrontamento: Porto, 1991. P. 448.





**Fotografia 1 – Votes for Women. Reino Unido, 1912.**

Fonte: The Guardian - <http://www.theguardian.com/theguardian/2012/feb/07/archive-1918-some-but-not-all-women-get-vote>

Contudo, a prosperidade do século XIX, com suas mudanças, progressos sociais e econômicos choca-se, na primeira década do século XX, com um dos episódios mais impactantes da história mundial: a Primeira Grande Guerra. O conflito que hoje conhecemos por ser um dos mais trágicos da história, traz rupturas, desconstruções e descontinuidades por toda Europa, principalmente nos países envolvidos. As mudanças de pensamentos e paradigmas acabaram questionando valores e desenvolveram uma nova consciência social em torno da família, do afeto, da política, da economia – da vida.

## 1. 2. A Primeira Guerra Mundial

Estudos sobre a participação das mulheres na Primeira Guerra Mundial ainda são pauta de discussão para o campo da historiografia que presa o estudo das relações de gênero. Não que esta participação seja negada ou pouco explorada mas muito ainda se questiona sobre o papel que esta guerra, em particular, teve para estas mulheres no campo social, político e econômico.

A Primeira Guerra é vista por muitos pesquisadores como um grande divisor de águas para as relações de gênero – como o foi para diversas instâncias – nas sociedades europeias, majoritariamente por dois motivos: a intensa mão-de-obra feminina utilizada para o esforço de guerra e o almejado direito ao voto, conquistado na maioria dos países no pós-guerra. Contudo, a conclusão de que a guerra teria sido um estopim para tais mudanças e avanços não é compartilhada por todos os historiadores – principalmente por que, o movimento feminista já reivindicava desde o início do século XIX maior participação destas mulheres, que já começavam a experimentar o trabalho fora do âmbito doméstico antes do próprio conflito.

Parece óbvio pensar sobre tais mudanças, pois a guerra é um fato que modifica profundamente as relações sociais e suas estruturas, sendo evidente uma mudança nas relações de gênero. Todavia, tais mudanças podem ser vistas dentro de um escopo mais estreito, quando só se modificam temporariamente e, às vezes, acabam retornando ou regressando para os moldes anteriores. No caso das relações de gênero fica evidente tal hipótese. Enquanto lutam por maior participação social, política e econômica nos anos que antecederam 1914, essas mesmas mulheres acabam sendo convocadas em peso para substituir homens que exerciam funções em fábricas, manufaturas, em serviços auxiliares etc. Preenchem todas as vagas disponíveis, passam por treinamentos e capacitações, seguem regras de conduta e produzem para o esforço de guerra ininterruptamente até que, a partir de 1918 com o fim da guerra, acabam regressando para suas casas e suas “funções primeiras” como mães e esposas. Para definição de tais mudanças, trabalharemos com a ideia de politização das relações de gênero.

Françoise Thébaud, importante pesquisadora do tema, faz uma divisão marcante nas visões historiográficas sobre essa questão. Inicialmente os primeiros estudos, principalmente britânicos, se preocuparam em redescobrir os novos papéis que estas mulheres desempenharam durante a guerra - passaram a comandar o lar, na falta do marido; entraram nas forças armadas servindo como enfermeiras e em serviços auxiliares; o trabalho industrial ganhou impulso com o emprego de milhares de mulheres, assim como visto na agricultura.<sup>31</sup> Todo este cenário teria dado voz às mulheres da época e

---

<sup>31</sup> BADER-ZAAR, Birgitta. **Controversy: War-related Changes in Gender Relations: The Issue of Women's Citizenship.** p. 2. In: International Encyclopedia of the First World War. Disponível em: [http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/ControversyWar-related\\_Changes\\_in\\_Gender\\_Relations\\_The\\_Issue\\_of\\_Womens\\_Citizenship](http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/ControversyWar-related_Changes_in_Gender_Relations_The_Issue_of_Womens_Citizenship). Acessado em 27 de Novembro de 2014.

impulsionado as mudanças sociais que aconteceriam anos depois – as mulheres puderam mostrar seu “valor” no mercado de trabalho.

A segunda fase é periodizada por Thébaud entre os anos de 1970 e 1980, quando os estudos começam a trazer um olhar não tão otimista dessa participação. As mudanças sofridas neste período são tidas por esses historiadores como mudanças de curta duração, pois o final da guerra culmina com o retorno das mulheres para o lar. A questão da igualdade também é algo muito questionado por esta historiografia, principalmente pelas disparidades salariais – melhoravam seu desempenho e impulsionavam a economia de guerra mas nunca se igualavam ao valor da mão-de-obra masculina<sup>32</sup>. O retorno destas mulheres é alvo, ainda, de um discurso que pretendia envolvê-las em seu dever maternal e matrimonial<sup>33</sup> como o êxito de sua colaboração social: *Although mobilization propelled women into important functions in the economy and state bureaucracy, unequal gender relations prevailed and continued to do so after the war*<sup>34</sup>.

Tais questionamentos encontrarão um outro ponto de discussão com Susan Grayzel, quando esta comenta que o divisor de águas não seria a entrada maciça das mulheres no mercado industrial mas sim, o exercício de formas de trabalho diferentes das que realizavam antes e como essa experiência viria a repercutir socialmente:

(...) the novelty [of mobilization] lay not in the entrance of women in the world of waged work but in the tyoes of work performed and the repercussions of these changes. While women had already been important in the pre-1914 labour force, the war brought a redistribution of woen’s labour. (...) Specifically, the diferente tasks women now performed in waged labour confonted gender relations: “Women’s role in manufacturing weapons challanged a powerful gendered taboo, as women now semmed to be participating in the culture of death instead of performing their “natural” roles as givers of life.<sup>35</sup>

Em relação aos movimentos feministas, Thébaud reflete ainda sobre os atrasos e empecilhos que a guerra trouxe, paralisando alguns destes movimentos e fortalecendo-os em torno dos valores da família no pós-guerra, quando essas mulheres retornam para casa. Contudo, apesar de algumas paralizações e militâncias terem de fato ocorrido por conta do esforço de guerra, Bader-Zaar comenta que as próprias organizações feministas locais eram

<sup>32</sup> BADER-ZAAR, Birgitta. op. cit.

<sup>33</sup> GRAYZEL, Susan. **Women’s Mobilization for War**. Disponível em: [http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/Womens\\_Mobilization\\_for\\_War](http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/Womens_Mobilization_for_War). Acessado em 27 de Novembro de 2014.

<sup>34</sup> BADER-ZAAR, Birgitta. op. cit.

<sup>35</sup> BADER-ZAAR, Birgitta. Ibid.

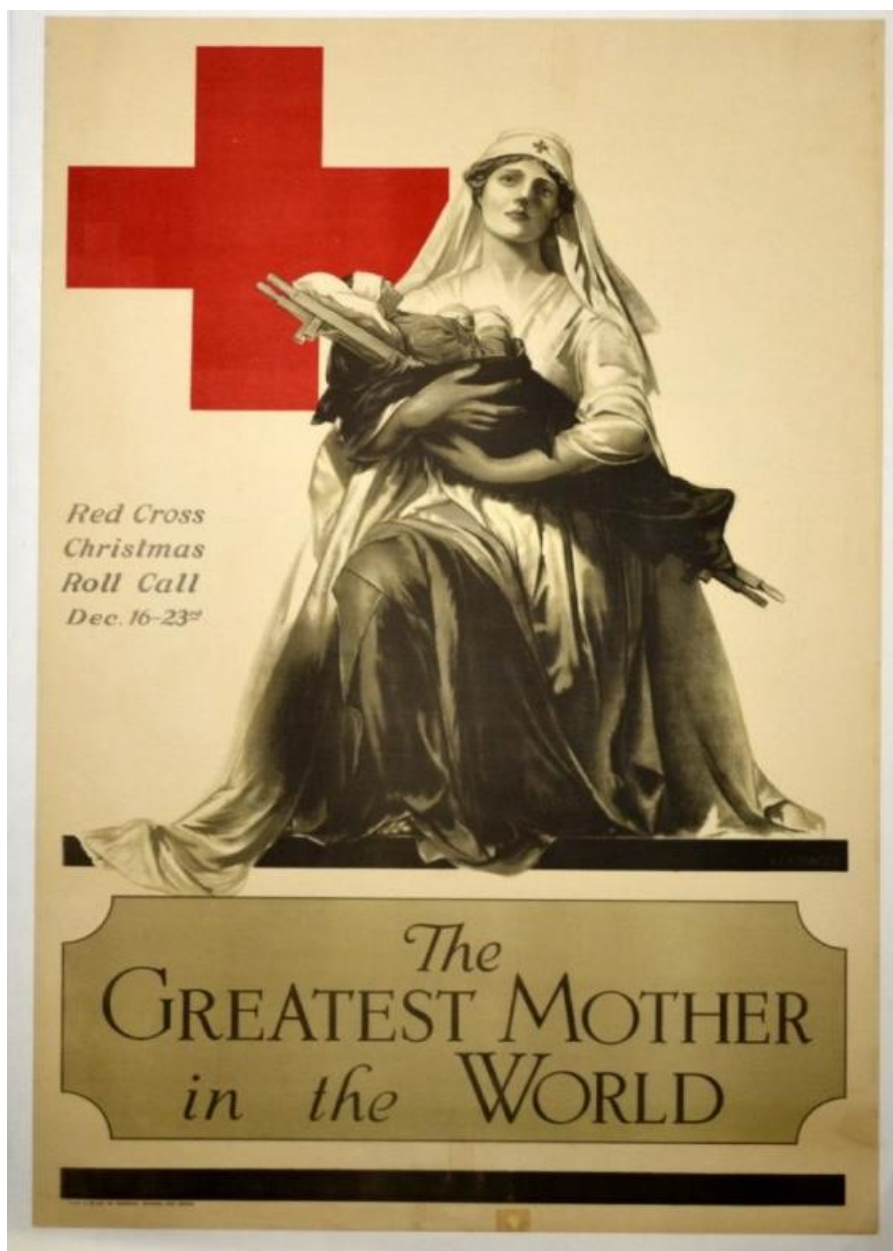
extremamente prestativas e se mobilizavam para auxiliar em diversas áreas, desde recolher fundos, ajudar como enfermeiras, providenciando o cuidado de crianças em creches, treinando e mobilizando mulheres para o emprego etc.<sup>36</sup>

A mobilização e a propaganda em torno da guerra acaba também, enfatizando as relações de gênero anteriores a ela, quase que como forma de justificativa para a participação destas mulheres no esforço de guerra – principalmente no enaltecimento da “mãe” ao fazer seu filho se alistar para o combate, ao retratá-la nas ações das enfermeiras ou ainda, que esta forma de sacrifícios, de ações trariam a essa “mulher-mãe” o direito da cidadania.

Essa questão sobre as enfermeiras e a maternidade pode ser percebida em vários países, sempre utilizando esta relação de idéias. Um bom exemplo pode ser dado pela propaganda da Cruz Vermelha norte-americana, a seguir. Com o título de “*The Greatest Mother of The World*” a propaganda compara a organização da Cruz Vermelha e suas enfermeiras à mães – representada por uma enfermeira, centralizada em primeiro plano, abraçando um soldado ferido na maca. A proposta do cartaz é clara. A disposição desta mulher-enfermeira nos remete à imagem conhecida como Pietà, a mais famosa é a esculpida por Michelangelo, onde Maria segura nos braços seu filho Jesus Cristo, já morto. O próprio discurso trazido pelo cartaz – A Maior Mãe do Mundo, ratifica esta ideia em torno do cuidado, o zelo e a dedicação aos feridos, imagens sempre relacionadas à mulher.

---

<sup>36</sup> BADER-ZAAR, Birgitta. op. cit.



**Propaganda 1 – The Greatest Mother in The World, 1917.**

Artista: Alonzo E. Foronger.

Fonte: [http://www.warandgender.com/5\\_fig010.jpg](http://www.warandgender.com/5_fig010.jpg)

O folheto a seguir retrata os cuidados de uma enfermeira da cruz vermelha britânica para com um soldado ferido. A propaganda traz frases a serem consideradas como um “lema” a ser cantado, orientando as funções e papéis dessas enfermeiras, sendo comparadas a membros da família do soldado: *“Still the weary, sick and dying / Need a brother’s, sister’s care, / On Thy higher help relying, / May we now their burden share, / Bringing all our offering meet, / Suppliants at Thy mercy-seat.”*



**Propaganda 2 – Thou, to Whom.**

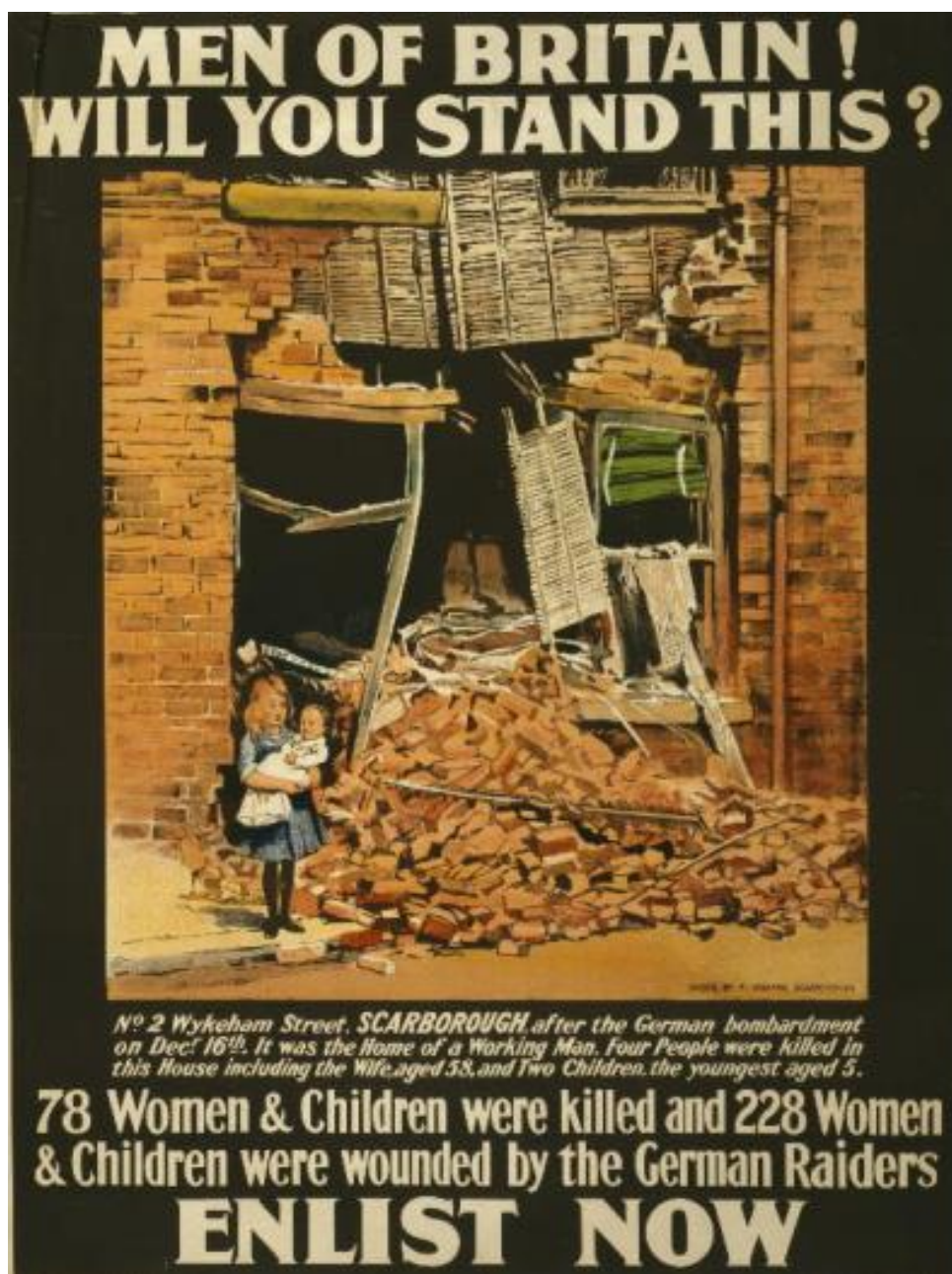
Publicado por Bamforth&Co: Inglaterra

Fonte: <http://www.nurse-entrepreneur-network.com/public/viewimage.cfm?imgid=84>

As enfermeiras sempre foram a principal função das mulheres durante as guerras. Fosse pela Cruz Vermelha ou organizadas por uma força armada em particular, as mulheres já atuavam com este papel há muito tempo. De fato, antes da Primeira Guerra Mundial, na Grã-Bretanha, as mulheres só eram permitidas dentro das instituições militares para exercerem este papel.

No cartaz a seguir podemos perceber o apelo à comoção dos homens por ajudar na proteção da família, das mulheres e crianças. O cartaz, cuja autoria é desconhecida, faz

referência ao bombardeio alemão na Grã-Bretanha, trazendo informações de baixas e de feridos por bombardeios. A imagem retrata um caso específico em que uma mulher e seus dois filhos foram mortos dentro de casa.



### Propaganda 3 – Men Of Britain! Would you Stand This?

Fonte: <https://roberthorvat30.wordpress.com/2014/09/14/a-history-of-the-first-world-war-in-one-hundred-blogs-no-6-the-poster-art-of-war-propaganda/>

Como no cartaz lê-se “*It was a Home of a Working Men. Four people were killed in this House including the wife, aged 58, and two children, the youngest aged 5*” podemos levantar a hipótese de que a quarta pessoa viria a ser o pai, provavelmente não alistado. Desta forma, o cartaz tenta se aproximar ao máximo do valor sentimental ao colocar em

primeiro plano uma criança testemunhando o bombardeio e, com isso, pede para os homens cumpram o seu dever, alistando-se às forças armadas.

Entretanto, é importante lembrar que as ideias de família, amor e casamento passaram por mudanças profundas com o desenrolar do conflito. Muitas das mulheres que, ainda novas, passaram pelos anos de 1914-1918, conheceram neste período seus companheiros e, algumas delas os perderam nos campos de batalha. A guerra traz consigo a valorização de certos aspectos sociais mas, em um movimento contrário, traz também questionamentos.

Virginia Nicholson é uma pesquisadora de destaque no que se refere ao papel das mulheres na guerra e seu cotidiano. Em uma de suas obras mais reconhecidas, *Single Out – How Two Million Women Survived Without Men after the First World War*, explora como o casamento – um dos pilares sociais fundamentais na vida de muitas mulheres, passou por mudanças e reprovações significativas quando estas enfrentaram de forma abrupta o sofrimento da perda e a desilusão de uma vida a dois. A guerra e todo o seu contexto, esfriara por um lado o desejo destas mulheres.

Em um dos depoimentos que ilustram seu livro sobre memórias, Nicholson nos traz a experiência de Margaret Jones, que durante a guerra trabalhava em uma fábrica de tecidos em Cheshire, Inglaterra. Margaret, referida no livro como May, conta sobre o início de seu relacionamento, cinco anos antes do início da guerra:

It was love's young dream... We walked for miles through fields, woods and contry lanes. I sometimes wonder what we found to talk about. We both loved and enjoyd nature's wonderful treasures (...) Phillip introduce me to poetry too... He often quoted a few lines of poetry when speaking to me (...) I was very young at that time(...)<sup>37</sup>.

Com a voluntarização de Phillip para servir ao exército britânico na França como maqueiro May não teria outra escolha a não ser ficar no aguardo de notícias que chegavam esparsas, através de cartas ou muitas vezes por postais. Contudo, enquanto uma das cartas que recebera lhe dava a notícia de que Phillip estaria livre do serviço em poucos dias, uma outra trazia algo que Margaret não esperava:

Then everything was shattered; a letter came from the War Office to say he had been killed in action. The shock and loss was

---

<sup>37</sup> NICHOLSON, Virginia. *Single Out – How Two Million Women Survived Without Men After the First World War*. Londres: Penguin Books, 2008. p.3.



terrible, I felt I had lost half of myself, or was it my twin soul. I knew then that I should die an old maid<sup>38</sup>.

O cotidiano da guerra era algo que estremecia os valores da época tanto para homens quanto para mulheres. O sofrimento de Margaret Jones fora experimentado e partilhado por muitas mulheres que viveram tal época. Ao passo que alguns questionem os valores da família no pre-1914 e no período entre guerras, o que podemos refletir é sobre como a guerra ratifica tais valores ou como e por que ela os fragiliza. Enquanto que a perda de um homem possa vir a fragilizar a ideia de matrimônio – onde muitas nunca mais se casaram e não tiveram filhos; por outro lado, o retorno de filhos e maridos dos campos de combate fortaleciam ainda mais os laços e hierarquia familiares e sociais.

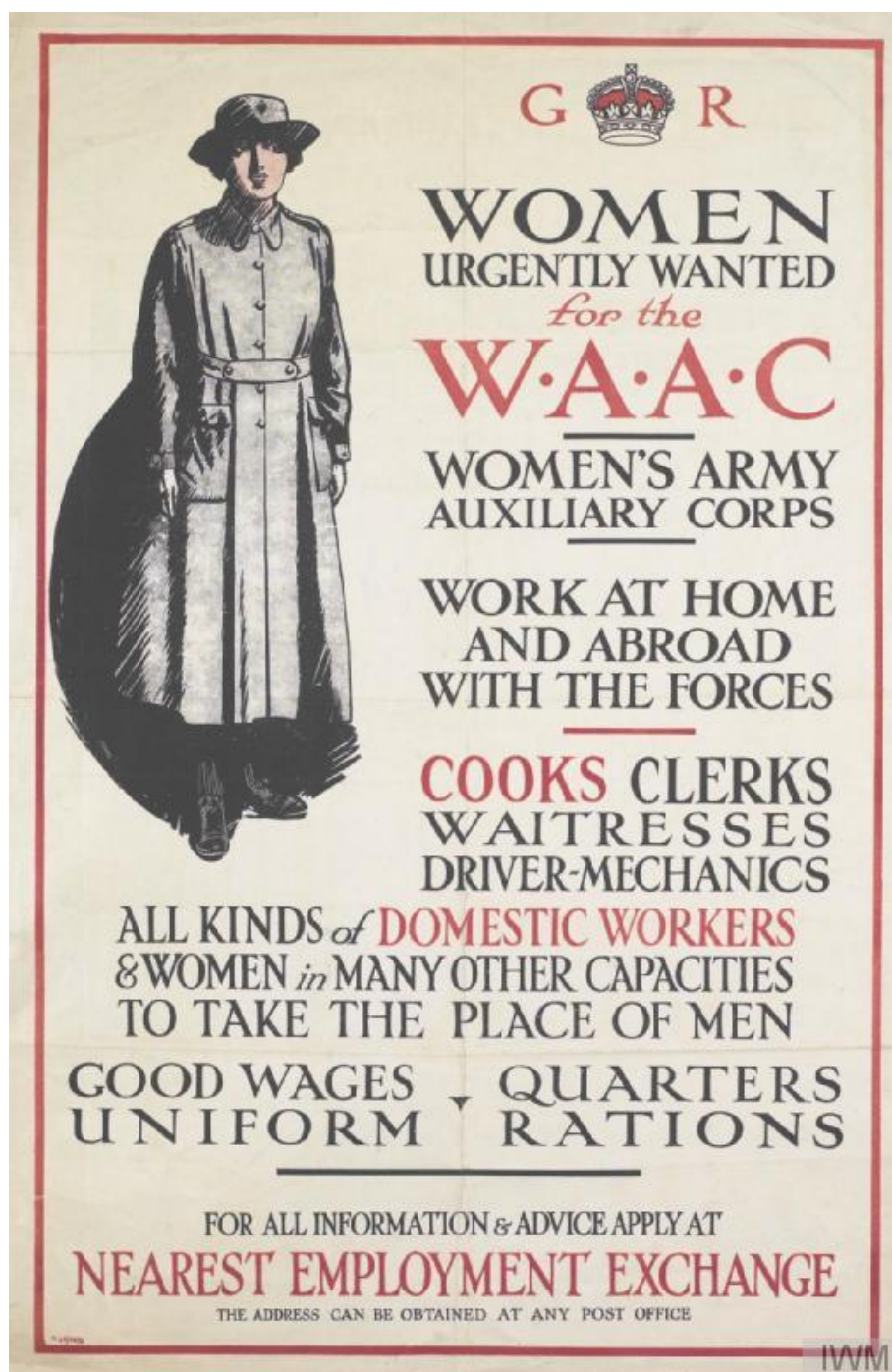
Entretanto, o sofrimento da guerra convivia lado-a-lado com o empenho das mulheres no esforço de guerra. A mobilização e o voluntariado nunca foram tão necessários e movimentavam, dia após dia, um número maior de mulheres. Nas fábricas, nos campos, nas escolas, nas ruas, nos hospitais e nas forças armadas, surgiam cada vez mais organizações exclusivas de mulheres para o trabalho.

Os trabalhos auxiliares para as forças armadas vinham com uma significação diferenciada para essa mobilização. Enquanto as mulheres no pré-guerra já participavam da economia, sua participação nos exércitos em guerras anteriores vinham quase que exclusivamente através do papel de enfermeiras. Contudo, a Primeira Guerra Mundial trouxe a necessidade de expandir esta atuação para além dos hospitais de campanha, convocando mulheres para compor com os quadros de serviços auxiliares, liberando os homens de tais serviços para atuarem no front.

Um dos órgãos mais significantes do período, o WAAC (Women's Army Auxiliary Corps), foi oficialmente fundado em 1917 com a função primeira de liberar homens para o serviço militar e trazer voluntárias para atuarem nos serviços auxiliares do exército. Um ano antes já havia se proposto a criação de tal órgão, onde essas mulheres não trabalhariam somente nos serviços exclusivos para o exército mas, mais importante talvez, trabalhariam diretamente no esforço de guerra, em fábricas de munições e armamentos. O cartaz abaixo convoca mulheres para as funções de cozinheiras, motoristas, garçonetes, todas as formas de serviço doméstico e tantas outras capacitações em que pudessem atuar, liberando assim os homens para servir em combate.

---

<sup>38</sup> NICHOLSON, Virginia. **Single Out – How Two Million Women Survived Without Men After the First World War**. Londres: Penguin Books, 2008. p.4.



G R

WOMEN  
URGENTLY WANTED  
*for the*  
**W.A.A.C.**  
WOMEN'S ARMY  
AUXILIARY CORPS

WORK AT HOME  
AND ABROAD  
WITH THE FORCES

COOKS CLERKS  
WAITRESSES  
DRIVER-MECHANICS

ALL KINDS *of* DOMESTIC WORKERS  
& WOMEN *in* MANY OTHER CAPACITIES  
TO TAKE THE PLACE OF MEN

GOOD WAGES UNIFORM QUARTERS RATIONS

FOR ALL INFORMATION & ADVICE APPLY AT  
**NEAREST EMPLOYMENT EXCHANGE**  
THE ADDRESS CAN BE OBTAINED AT ANY POST OFFICE

IWM

**Propaganda 4 – Women Urgently Wanted for the W.A.A.C**

Autoria Desconhecida

Fonte: Imperial War Museum: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/31373>

O objetivo deste trabalho, contudo, mais do que analisar as relações de gênero durante a guerra é trabalhar especificamente com o ingresso dessas mulheres nas forças armadas, principalmente na Marinha e Aeronáutica. Desta forma, faz-se necessário o mínimo de conhecimento sobre a formação destas instituições e órgãos durante a Primeira Guerra Mundial pois, justamente entre os anos de 1914-1918, a convocação para tais

órgãos se intensifica – esta guerra, em particular, demanda atenções particulares para cada força armada em especial, criando para cada uma delas órgãos femininos específicos para compor os quadros dos serviços auxiliares. Os órgãos criados para a Primeira Guerra Mundial voltariam a se organizar mais tarde, nos primeiros anos da Segunda Grande Guerra.

### 1. 1. 1. W.R.N.S (Women’s Royal Navy Service – 1917-1919)

Como mencionado no início deste capítulo, a participação de mulheres nas guerras não é fato exclusivo do século XXI. No caso inglês, existem registros destas participações – de forma oficial ou não – para as guerras mais significantes passadas pela Grã-Bretanha ao longo dos séculos, nos fazendo retornar alguns anos antes de 1939 para ilustramos as mudanças significativas que viriam repercutir na Segunda Guerra Mundial.

A atuação das mulheres que serviam ao Women’s Army Auxiliary Corps nos primeiros anos da guerra impulsionaram o voluntariado para os serviços auxiliares do exército britânico. Muitas mulheres tinham, através deste corpo em particular, a possibilidade de se filiar à uma instituição militar que, na época, eram em sua maioria, ambiente de atuação quase que exclusivamente masculina, salvo as enfermeiras. Contudo, o desenrolar da guerra cria novas necessidades, muitas delas peculiares de cada força armada e entende-se a urgência por órgãos específicos para atuarem por cada uma delas.

“Already women were doing men’s work in factories and dockyards, and the Women’s Auxiliary Army Corps was providing ‘female substitution’ to relieve soldiers for fighting duties. Sir Eric had asked if the Navy could share the W.A.A.C, but no decision had been reached. By the autumn he decided that the Navy must move on its own to set up its own women’s corps (...).”<sup>39</sup>

Em Novembro de 1917, o Almirantado escreve à coroa britânica em busca de autorização para a formação de um órgão exclusivamente feminino para auxiliar as tropas da marinha durante a guerra:

“Sir Eric Geddes, with his humble duty, begs to inform Your Majesty that the Board of Admiralty have under consideration the possibility of substituting women for men on certain work

---

<sup>39</sup> MASON, Ursula S. **Britannia’s Daughters – The Story of the WRNS**. Pen&Sword: Barnsley, 2011. p. 2.

ons here directly connected with the Roal Navy and as a resulto f full enquiry, it is recommended that a separate Women's Service should be instituted for the purpose. It is submitted for Your Majesty's approval that the servisse should be called THE WOMEN'S ROYAL NAVY SERVICE (...).<sup>40</sup>

A formação dos quadros de pessoal para o órgão foram sendo formados a partir da seleção de voluntárias e pela transferência daquelas que já serviam ao W.A.A.C e que tinham o desejo de migra para a Marinha. O recrutamento de todas as mulheres para ingressar no W.R.N.S deveria acontecer através das bolsas de emprego locais onde faziam uma primeira entrevista. Segundo Mason, muitas mulheres não alcançavam os padrões requeridos e eram redirecionadas para outros setores que necessitavam de mão-de-obra<sup>41</sup>:

To understand why the setting of standars was so importante one must try and understand the way in wich our society was organised in 1917 – a completely diferente world from the one we live today. A good many women had been involved in pre-1914 campaign o gain the vot. As soon as war broke out the Suffragettes publicly announced that all energies would be devoted to winning the war. (...)Women from 1914 on were able to find work in engeneering, the public services, in factories, in munitions, and other occupations not normally designated as 'women's work'. They surprise men by teir high pitch of excellence.<sup>42</sup>

O treinamento teria que ser rápido e adequado para que a substituição dos homens fosse plenamente eficaz – seu treinamento técnico envolvia o aprendizado da disciplina militar, comportamento e eficiências gerais e que estivessem familiarizadas com as normas e regulamentos da instituição. Os treinamentos duravam cerca de duas ou três semanas, de forma integral, e sua filiação só estaria completa após este período com a devida aprovação por seus superiores.

O cartaz abaixo retrata uma mulher do W.R.N.S, no período da Primeira Guerra Mundial. No centro do cartaz ela se destaca em primeiro plano, em cima de um penhasco de calcário, com o uniforme azul-marinho, sobressaindo em meio a outros elementos que remetem à Marinha como o mar, o litoral à direita, um farol ao fundo e algumas gaivotas voando. Seus braços podem significar um pedido de ajuda, chamando as mulheres para se alistarem. As flores brancas, na base do cartaz, pode nos remeter a necessidade de se levar

---

<sup>40</sup> MASON, Ursula S. *Britannia's Doughters – The Story of the WRNS*. Pen&Sword: Barnsley, 2011. p. 1.

<sup>41</sup> Idem. p. 6.

<sup>42</sup> Idem. p. 6.

uma imagem mais feminina às mulheres. A saia esvoaçante, o batom vermelho marcante e as flores acabam trazendo não só uma dramatização ao cartaz como procura identificar a feminilidade da imagem, atraindo assim, mulheres a servir.



**Propaganda 5 – Women's Royal Naval Service**

Artista: Joyce Dennis

Fonte: Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/7403>

Apesar de seu empenho e atividades terem sido constantemente reconhecidas e solicitadas, a desmobilização do W.R.N.S começa de forma gradual em Fevereiro de 1919 e o órgão é extinto em Outubro do mesmo ano. A desmobilização ocorrera pela onerosidade

da organização e pelo próprio contrato – a maioria dos órgãos criado pelas forças armadas tinha por objetivo a mobilização durante o período da guerra e nada a respeito da sua manutenção no pós-guerra havia sido mencionada, a não ser pela própria diretoria do órgão que tentara sustentar um grupo reduzido para atuar em tempos de paz.

Após a desmobilização as mulheres deixavam seus postos vagos para serem ocupado novamente por seus maridos, irmãos, filhos. O retorno para a casa aconteceu de formas diferentes para cada uma delas, onde umas ansiavam por retornar para o aconchego familiar, outras para tentar reconstruir a vida a dois e outras ainda, tentariam ingressar novamente no mercado de trabalho, pois tinham a necessidade de trabalhar.

For many women the prospect ahead was bleak. Some returned happily to the bosom of their families. Others went off to start their own homes with newly demobilized husbands. Yet others had to find Jobs – and, for all the talk about women’s emancipation, this was difficult. Those Jobs available were badly paid and without career prospects. Some of the Headquarters staff stayed on for a few days after the end, to clear up, but were not paid.<sup>43</sup>

Algumas organizações continuaram no pós-guerra, onde as mulheres podiam se encontrar e confraternizar, pois nem mesmo uma reserva do órgão foi pensada ou organizada. O W.R.N.S só voltaria a ser mobilizado, às pressas, para atender as demandas da Segunda Guerra Mundial.

#### 1. 1. 2. W.R.A.F (Women’s Royal Air Force – 1918-1920)

Antes de ingressarmos na história e na formação do Women’s Auxiliary Air Force (WAAF), é importante mencionar a contextualização deste órgão e de suas bases formadoras.

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o quadro geral referente às mulheres nas instituições militares se modificou de acordo com a organização das próprias instituições. A força aérea britânica deste período (e a anterior) era composta pelo R.F.C – Royal Flying Corps. O R.F.C funcionava sob o comando do poderio aeronáutico e coexistia

---

<sup>43</sup> MASON, Ursula S. **Britannia’s Daughters – The Story of the WRNS**. Pen&Sword: Barnsley, 2011. p. 31.

com outro órgão aéreo conhecido como R.N.A.S (Royal Navy Air Service), que realizava a segurança e defesa das fronteiras aéreas britânicas.

Contudo, o final da Primeira Guerra trouxe à pauta da defesa, uma visão diferente sobre o órgão, pois seria interessante expandir e investir em uma força aérea mais presente e mais forte – como o próprio exército e a marinha britânica, sempre bem aparamentados. Desta forma, a ideia de se fundir as duas organizações (R.F.C e R.N.A.S) para formar a Real Força Aérea (R.A.F.) foi considerada, ainda que sob algumas divergências sobre o futuro da organização, eficiência tática e poderio militar. Em abril de 1918 a Royal Air Force foi fundada.

Com a formação da R.A.F, pensou-se em aparelhar tal organização com um corpo feminino auxiliar – assim como tinham o Exército e a Marinha – pois havia a preocupação de que a RAF teria necessidade de mão-de-obra feminina especializada para seus serviços. Para tal, seria necessário transferir algumas voluntárias do W.A.A.C e do W.R.N.S para iniciar a formação de corpo deste novo órgão. No mesmo ano, em Abril de 1918, era formado a W.R.A.F (Women’s Royal Air Force).

No one knew it then, but First World War was in its final year. On 1 April 1918, the Royal Air Force was formed by the merge of the Royal Naval Air Service and the Royal Flying Corps. And on the same day, the Women’s Royal Air Force emerged from the Women’s Royal Naval Service and Queen Mary’s Army Auxiliary Corps, both already attached to flying units of their respective Service to release airmen for more active duties.<sup>44</sup>

O órgão mencionado acima, Queen Mary’s Army Auxiliary Corps (QMAAC), era o nome inicial dado ao Women’s Army Auxiliary Corps e de vez em quando mencionado em seu lugar. Além das funções de secretariado e escritório – quando assumiam as funções de secretárias e taquígrafas – as mulheres também eram convocadas para atuarem na parte técnica, desde a fusão de acetileno até mesmo no reparo das lonas dos balões. As funções de escritório coexistiam, em grande número, com as de serviço doméstico onde as mulheres assumiam os postos de costureiras, cozinheiras, garçonetes, faxineiras, lavadeiras etc.

Contudo, muitas delas já desempenhavam funções semelhantes antes da guerra. Na área propriamente da aviação foi onde sua atuação foi “testada” e reconhecida. Faziam velas de barco, atuavam como carpinteiras fazendo asas de aviões, hélices e estruturas de aviões. Também eram responsáveis pelos acabamentos das aeronaves e pelas pinturas das

---

<sup>44</sup> TURNER, John F. **The WAAF at War**. Barnsley: Pen&Sword, 2011. p. 7.

mesmas, com o clássico círculo de três cores, azul, branca e vermelha – como o visto no cartaz de convocação abaixo. Uma mulher fardada se apresenta em destaque no cartaz apontando para o círculo tricolor, símbolo da aeronáutica britânica, onde estão descritas as funções nas quais as mulheres poderiam se inscrever.



**Propaganda 6 – British Women! WRAF**

Artista desconhecido.

Fonte: Imperial War Museum: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/40915>

Após a criação do W.R.A.F, aquelas mulheres lotadas nas unidades da W.A.A.C e W.R.N.S tinham a opção de transferirem suas inscrições para o novo órgão e em seus primeiros meses, aproximadamente 9.000 mulheres optaram por fazê-lo. Junto aos pedidos de transferências, ocorreram os alistamentos de civis que aumentaram significativamente



os quadros da organização. No início, a W.R.A.F alcançou um total de 24.659 membros e, já em 1919, mais de um milhão de mulheres faziam parte do pessoal que estava em serviço em postos na Alemanha.

Com pouco treinamento e sem áreas de formação especializadas, os salários eram baseados de acordo com as experiências e habilidades individuais *“though given no organized training, the WRAF carried out a remarkable number of jobs, from sailmakers and doper of planes to engine fitters (...)”*<sup>45</sup>. Essa pode ser considerada a área de maior trabalho técnico mas, segundo os arquivos do R.A.F Museum<sup>46</sup>, a maioria das mulheres eram convocadas a trabalharem como secretárias, auxiliares e taquígrafas, sendo este último, o trabalho mais bem remunerado entre os outros. Aquelas que eram alocadas para fazerem o trabalho doméstico, chamado de House Hold Section, eram as que trabalhavam períodos mais longos e que recebiam salários mais baixos.

Com o tempo, a W.R.A.F se expandia tanto em números de inscritas quanto em áreas de atuação – cinquenta novos departamentos foram criados, e as mulheres puderam atuar como fotógrafas, na área de corte e costura, restauração, criação de pombos, como motoristas, etc.<sup>47</sup>

As duas fotografias a seguir ilustram algumas das atividades por elas exercidas. Na primeira, Fotografia 2, temos uma aula teste de culinária em que quatro cozinheiras são treinadas e inspecionadas por duas superiores. O quadro negro ao fundo, lê-se “Test Dinners 10 - 12 AM”. A fotografia em si parece ter elementos arranjados para o momento. A posição tanto do quadro quanto das cozinheiras pode nos fazer questionar sobre a função e o propósito da fotografia – se esta não teria sido tirada com o intuito de divulgar as funções das mulheres da W.R.A.F. Muitas fotografias de guerra são manipuladas para este propósito, como analisaremos mais a frente neste trabalho.

---

<sup>45</sup> ESCOTT, BERYL E. **The WAAF: a history of the women’s Auxiliary Force in the Second World War**. Buckinghamshire, Reino Unido: Shire, 2011. P. 3.

<sup>46</sup> Arquivos de pesquisa online disponíveis em inglês: < <http://www.rafmuseum.org.uk/research/online-exhibitions/women-of-the-air-force/womens-royal-air-force-wraf-1918-1920.aspx> >.

<sup>47</sup> Arquivos de pesquisa online disponíveis em inglês: < <http://www.rafmuseum.org.uk/research/online-exhibitions/women-of-the-air-force/womens-royal-air-force-wraf-1918-1920.aspx> >.



**Fotografia 2 - Cozinheiras da WRAF preparando uma refeição teste, em uma manhã de treinamento.**  
Fotógrafo desconhecido.

Fonte: Imperial War Museum: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205317509>



**Fotografia 3 – Costureiras da WRAF na produção de balões de barragem.**

Fotógrafo desconhecido

Fonte: Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205090939>

Na Fotografia 3, um grupo de onze mulheres trabalha em um salão na produção de asas de aviões e costurando tecidos próprios para balões de barragem. Enquanto um grupo lixa, outro costura e um terceiro faz os acabamentos.

Aquelas que tinham o interesse em juntar-se a uma força, encontravam algumas dificuldades que não só a desaprovação social frente a sua escolha, mas também às questões mais gerais, como a de classe, cor da pele e descendência familiar. A idade mínima para ingressar na W.R.A.F era de dezoito anos e o processo de seleção, de certa forma, complexo. Em uma análise mais geral, ainda de acordo com os arquivos da R.A.F, aquelas mais pobres provenientes de cidades muito poluídas e com o quadro de saúde um pouco prejudicado eram excluídas do alistamento. Já aquelas de classes mais altas, com boa educação, eram recrutadas como oficiais e tornaram-se o suporte principal da organização.

A organização da W.R.A.F tinha-se de duas formas: a seção Imóvel e a Móvel. A primeira se resumia àquelas mulheres que vivam em suas casas e eram ligadas a um posto de serviço local. As “móveis”, residiam nos quartéis ou arredores de onde trabalhavam e podiam ser transferidas e alocadas para outras estações, quando necessário.

Os treinamentos, regras de convivência e comportamento eram monitorados pelo pessoal da R.A.F e regido sob suas regras e constituições. Seus rigores e organização de pessoal levaram a W.R.A.F a ser o órgão feminino mais profissional e disciplinado dentre todos os outros<sup>48</sup>.

Contudo, como todos os órgãos femininos criados na Grã-Bretanha por ocasião da guerra, a W.R.A.F encontraria seu fim tão logo a Primeira Guerra terminasse, em 1918 principalmente por que tanto o governo quanto o oficialato da Aeronáutica, consideravam a manutenção do órgão deveras oneroso para a instituição, dispensando assim as mulheres de seus serviços.

### 1. 3. A Segunda Guerra Mundial: novas recrutas

No dia 1º de Setembro de 1939, a Alemanha ataca a Polônia com o objetivo de reconquistar seus territórios perdidos após a Primeira Guerra Mundial. Imediatamente após o ataque, França e Grã-Bretanha aliam-se e declaram guerra aos alemães dando início ao que conhecemos como a Segunda Guerra Mundial. Neste contexto, a preparação dos países

---

<sup>48</sup> \_\_\_\_\_ . RAF. op. cit.

para a guerra se intensifica e a convocação de homens para compor as forças militares aumenta dia após dia.

Em todos os países a saída de homens para atuar nos campos de batalha acabou por defasar a economia, esvaziando indústrias; desestabilizou a agricultura, os serviços civis, etc. A forma de lidar com esta questão em particular foi solucionada, inicialmente, de maneira distinta pelos países que participaram da guerra. Enquanto na Grã-Bretanha viu-se nas mulheres a possibilidade de suprir tal demanda, com uma incrível mobilização para compor tais vagas, na Alemanha, por exemplo, isso já não era tão visível. Winston Churchill ao se dirigir ao povo britânico prometendo “sangue, trabalho, lágrimas e suor” incluía neste discurso também as mulheres.<sup>49</sup>

(...) I would say to the House, as I said to those who have joined this government: "I have nothing to offer but blood, toil, tears and sweat. We have before us an ordeal of the most grievous kind. We have before us many, many long months of struggle and of suffering. You ask, what is our policy? I can say: It is to wage war, by sea, land and air, with all our might and with all the strength that God can give us; to wage war against a monstrous tyranny, never surpassed in the dark, lamentable catalogue of human crime. That is our policy. You ask, what is our aim? I can answer in one word: It is victory, victory at all costs, victory in spite of all terror, victory, however long and hard the road may be; for without victory, there is no survival. Let that be realized; no survival for the British Empire, no survival for all that the British Empire has stood for, no survival for the urge and impulse of the ages, that mankind will move forward towards its goal. But I take up my task with buoyancy and hope. I feel sure that our cause will not be suffered to fail among men. At this time I feel entitled to claim the aid of all, and I say, come then, let us go forward together with our united strength."<sup>50</sup>

Na Inglaterra as mulheres exerciam papéis essenciais durante a Segunda Grande Guerra, tanto nos meios civis quanto militares. O trabalho desempenhado por homens e mulheres no esforço de guerra é conhecido como “Home Front”. Esse termo era utilizado para caracterizar os novos aspectos do dia-a-dia durante a guerra e seus desafios como os racionamentos de comida, roupas, materiais, a reciclagem e os próprios trabalhos nas indústrias de armamentos, munições, nas fábricas de aviões, tanques, navios, etc.

Nos anos iniciais da guerra foram recrutados cerca de quatro milhões de homens para as forças militares e paralelamente cerca de 530 mil mulheres mobilizaram-se para

---

<sup>49</sup> QUÉTEL, Claude. **As Mulheres na Guerra. 1939-1945**. São Paulo: Larousse, 2009. VI. 1. p. 82.

<sup>50</sup> CHURCHILL, Winston. Discurso realizado em 13 de Maio de 1940. Disponível em: [http://www.presentationmagazine.com/winston\\_churchill\\_speech\\_blood\\_sweat\\_tears.htm](http://www.presentationmagazine.com/winston_churchill_speech_blood_sweat_tears.htm). Acessado em:

atuar nos serviços auxiliares e na defesa civil.<sup>51</sup> Pouco a pouco as indústrias foram perdendo seus empregados, criando grandes demandas de mão de obra.

Contudo, havia também o receio em preencher todas essas vagas com mulheres – receios que passavam pelos valores familiares e até mesmo por questões morais, como a de uma mulher ocupar um lugar que poderia ser ocupado por um homem, em companhia de outro homem ou em ambientes estranhos aos que estavam acostumadas. Por essa e por outras razões o governo britânico preferiu, inicialmente, convocar somente voluntárias para preencher os espaços em fábricas. Entretanto, esta convocação não obteve tanto sucesso quanto se esperava, pois se tratava de romper com a integridade do ambiente familiar – mesmo após terem desempenhado papel semelhante na guerra anterior, o período entre-guerras nos apresenta as mulheres tanto em um cenário de lutas contínuas quanto de recolhimento familiar.

Retirar as mulheres de suas casas ainda não era uma ação cômoda e o governo não saberia quais seriam suas consequências mais tardias. O importante era que a economia do país não entrasse em colapso e fatidicamente as mulheres foram chamadas para colaboração. Essa tomada de consciência pode ser percebida em um discurso feito em maio de 1941 por Diana Thomas<sup>52</sup>, transmitido pela BBC:

Today we are calling all women. Every woman in the country is needed to pull her weight to the utmost... It's no longer a question of what is the most comfortable arrangement for each Family. We are fighting for our lives – for our freedom and our future. We are all in together, when what is already being done by other women you can do. Don't be afraid of being alone in your sacrifice – however great it may be... All those little things that are so important in every woman's life – we treasure them and cling to them, they are our life-blood. And now we have got to fight for them. Isn't it worth it? Together, yes it is.<sup>53</sup>

Apesar da convocação das voluntárias para as fábricas ter acontecido, o número atingido de trabalhadoras não foi o suficiente para suprir a necessidade e as expectativas.

---

<sup>51</sup> HART, Robert A. **Did British Women Achieve Long-Term Economic Benefits from Working in essential WWII Industries?** Universidade Stirling. Alemanha. Fevereiro de 2009. Disponível em: <http://ideas.repec.org/p/iza/izadps/dp4006.html>. Acessado em: 9 de Outubro de 2010.

<sup>52</sup> Referências sobre Diana Thomas foram pesquisadas em livros, arquivos e internet. Diana Thomas era, provavelmente, apresentadora e/ou atriz de um jornal de rádio transmitido pela BBC semanalmente chamado “Women at War”. Nele, depoimentos de mulheres e notícias sobre os grupamentos do ATS, WRNS e WAAF eram transmitidos. Os arquivos de rádio da BBC, com suas respectivas listas de programação podem ser acessados digitalmente através do endereço <<http://genome.ch.bbc.co.uk/schedules/forces/1941-11-24>> - este, em particular, traz uma programação de 1941, 24 de Novembro, onde as 20:15 hrs, o programa “Women at War” era transmitido.

<sup>53</sup> ROSS, Stewart. **Women's War – At Home in World War Two**. Londres: Evans Brothers, 2007. p. 6.

Assim, em abril de 1941, o governo acaba instituindo o recrutamento de mulheres para o esforço de guerra: poderiam optar por empregos civis, auxílio ao exército e defesa civil. Robert Hart comenta em seu trabalho que esse insucesso inicial da convocação aconteceu principalmente porque o governo não ofereceu um acompanhamento adequado para essas mulheres. Acompanhamento este que deveria cuidar (controlar e zelar) pelo preenchimento de vagas estratégicas e/ou pela manutenção do emprego adquirido:

It was soon realized, however, that such supply was falling well short of projected demand. In early 1941, the government required women to register for employment. While this was an important step forward, it was not accompanied by adequate controls that ensured that as many women as possible filled strategic vacancies and remained working in essential jobs. Finally and most importantly, at the beginning of 1942 all young women entering the labor market or changing job were effectively conscripted into essential war work.<sup>54</sup>

Por esta falta de controle, as vagas para auxiliares de exércitos eram as mais procuradas – os cartazes e as convocações para auxiliares militares eram muito bem vistos, passando sempre uma ideia de prestígio e de honra para essas mulheres. Muitas já exerciam algum tipo de trabalho fora de casa, comumente como professoras. Mesmo com a ideia de poder trabalhar em prol de um bem comum, independente de qual função seria essa, a ideia de servir a uma instituição militar era somada à maior visibilidade deste trabalho, em um ambiente e contexto mais diversos, trazendo a ideia de um status social.

Como visto anteriormente, alguns dos órgãos criados neste período já tinham funcionado na Primeira Guerra Mundial, como o Women's Royal Navy Service (WRENS) e Women's Auxiliary Air Force (funcionara antes como W.R.A.F), já outros ou foram adaptados ou criados para a guerra em questão. Todos os órgãos e grupamentos exclusivamente femininos nas forças armadas foram criados com o objetivo de tirar os soldados de funções secundárias e auxiliares. É possível observar isto nas próprias siglas e nomes de tais órgãos, que teriam sua função primeira em prestar serviços e trabalhos auxiliares.

E trabalhar não seria o problema. Um exemplo forte para provar isso seria a criação do ATS – Auxiliary Territorial Service (Serviço de Auxílio Territorial) no ano de 1938, Grã-Bretanha, às vésperas da guerra. De início o ATS contava com cerca de 17.000 voluntárias e em meados de 1943 seu número crescera pra mais de 200.000. As mulheres que serviram neste grupamento faziam todo tipo de serviço – menos atirar ou atuar

---

<sup>54</sup> HART, Robert. Idem. p. 2.

diretamente no conflito. Mas fora isto, seus serviços mais comuns eram dirigir caminhões, motocicletas, ambulâncias, trabalhar como engenheiras, cozinheiras, tradutoras, fiscais etc.

A seleção para o A.T.S acontecia de forma intensa e foi o maior órgão feminino a atuar na guerra. Mulheres das mais variadas idades e classes acabavam convivendo com suas diferenças e semelhanças dentro dos quartéis. As imagens a seguir, retratam a atual rainha da Inglaterra, Elizabeth II, aos 18 anos, atuando como membro do A.T.S ao lado de outras integrantes.

Na Fotografia 4, Elizabeth aparece sentada no centro da foto, ao lado de duas colegas com cachorros mascotes, rodeada de suas colegas de classe, todas estão devidamente fardadas. A fotografia foi feita em um centro de treinamento do A.T.S em abril de 1945.



**Fotografia 4- Princess Elizabeth Undergoing Instruction at the ATS, 1945.**

Fotógrafo oficial do Exército Major Horton W. G.

Fonte: Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205127875>



**Fotografia 5 – Princesa Elizabeth trocando pneu de uma caminhonete, 1945.**

Fotógrafo desconhecido.

Fonte: The Daily Telegraph - <http://www.dailytelegraph.com.au/photos-e6freuy9-1226164731530?page=13>

A atual rainha foi a primeira mulher, membro da família real britânica, a servir oficialmente nas forças armadas, após convencer seu pai que deveria cumprir com suas obrigações com o esforço de guerra. Na fotografia 5, tirada em 1945, a então princesa Elizabeth é retratada trocando um pneu de uma caminhonete.

Como dito anteriormente, as membros do A.T.S exerciam atividades das mais gerais. Elizabeth é comumente associada às funções de mecânica e motorista. A fotografia 5 é claramente montada – muitas das fotografias tiradas durante as guerras (e por questões de tecnologia e portabilidade, em maior quantidade durante a Segunda Guerra Mundial) são produzidas intencionalmente e não retratam momentos espontâneos, de modo geral. Contudo, é importante perceber que a própria montagem de tais fotografias serviam a um propósito. A fotografia 4, produzida pela própria imprensa do exército, localiza a princesa no centro de suas companheiras, já demonstrando a sua posição social e política. Já na fotografia 5, a retratação da princesa serve como exemplo e inspiração para tantas outras mulheres, já que ali, ela desempenha uma função “comum” e rude, mexendo com caminhões, motores, pilotando-os, etc. Provavelmente a segunda fotografia também foi



produzido pela imprensa de guerra ligada ao exército pois a imagem de membros da família real tinham que ter autorização para serem feitas e veiculadas.

A partir destas fotografias podemos pensar, ainda, a respeito da diversidade de mulheres, com suas personalidades e diversidades sociais, que serviram lado a lado durante a guerra. Cada uma com um objetivo, função ou ideal, as mulheres que aqui são retratadas e estudadas não possuem um perfil único, apesar de terem passado pelos mesmos treinamentos e assumido funções semelhantes. É aqui que as relações de gênero e seu estudo encontram seu principal argumento conceitual – estudar a participação das mulheres não é de forma alguma, reduzi-las à um perfil, generaliza-las. Trabalhar com as relações de gênero significa trabalhar com uma infinidade de mulheres e de homens, todos com suas peculiaridades e passados específicos, com motivações diferentes que os levaram até ali.

Obviamente, mesmo passando pelos mesmos treinamentos que outras mulheres, Elizabeth continuava sendo uma princesa e, por este motivo, por sua posição política e social, poderia ser tratada com algumas peculiaridades e distinções. É válido ressaltar que todo o trabalho de análise fotográfica deste trabalho levará em conta as particularidades de se trabalhar com tal fonte histórica – a questão do posicionamento, local, referência, data, manipulação da fotografia, objetivo da foto, etc.

Contudo, apesar de servirem em um corpo do exército britânico ficava evidente que as mulheres ainda eram vistas como “mulheres”. O exército ainda se mantinha em uma posição extremamente conservadora mesmo que homens e mulheres dentro das forças tivessem tratamentos parecidos e convivessem nos mesmos espaços: “... *alguns homens se incomodavam em ter que saudar as oficiais do ATS, mas mudaram de atitude quando perceberam como elas eram boas soldadas. (...)*”<sup>55</sup>

Um ponto delicado de se pensar a respeito desta participação feminina nos exércitos é aquilo que se entende por “militar” e como podemos enxergar essas “mulheres militares”. Delicado, pois as próprias funções de tais mulheres dentro destes órgãos militares eram limitadas impedindo-as, por exemplo, de atuarem nas linhas de frente – ou seja, não podiam ser combatentes. Entretanto, tal função é comumente limitada quando falamos de mulheres e o exército. A política de quase todos os países participantes do conflito se assemelha quanto a não-aceitação de mulheres nas frentes de combate. Então, como entender a mulher, ou as mulheres, dentro destas instituições? A definição de militar como adjetivo traz: “que diz respeito às forças armadas, aos soldados: arte militar, meio

---

<sup>55</sup> HART, Robert. Idem. Pág. 8

militar.”<sup>56</sup> Desta forma, compreendemos que uma “mulher militar” seria aquela mulher inserida no meio militar, das forças armadas, que faz parte do contexto e do ambiente militar.

Contudo, se fizermos o exercício de análise com a mesma fonte do significado de “militar” como substantivo, podemos encontrar um impasse: “...*S.m. Aquele que integra as forças armadas*”<sup>57</sup>. Neste caso, existe uma suposta exclusão das mulheres desta definição, quando ela própria traz para o substantivo “militar” características meramente masculinas, definindo-o como “substantivo masculino” – mesmo que para a língua portuguesa, a generalização dos gêneros venha na redução ao masculino. Claro, que pensamos estas definições a partir dos seus usos e aplicações no cotidiano – de onde elas nascem e se perpetuam, contextualizando seu uso.

As definições foram retiradas de um dicionário brasileiro, retratando em língua nativa o que se entende por esta palavra, ou o que ou a quem ela se dirigia. Se no contexto geral a palavra “militar” surge em meio aos militares – desde a criação da primeira força armada – onde estes, em sua totalidade eram homens, pelas possibilidades de atuação neste espaço, a palavra “militar” terá características deste meio e deste contexto em específico. E suas variações de significado podem ser percebidas nas definições para a mesma palavra em outras línguas, quando esta existir – o que no caso do Inglês, não acontece literalmente, uma palavra que designe exatamente o que “militar” em português pretende significar. Esta provocação foi colocada para trabalharmos a ideia da formação da mulher militar. Como pensar a respeito e retratá-la em um ambiente quase que exclusivamente masculino. E para isso, quando nos referirmos a “mulher militar” ou “mulheres militares” estaremos pensando nas mulheres que serviram em uma instituição militar, a partir de um alistamento e que passaram por um treinamento específico a sua força armada.

Contudo, pensar a mulher militar também nos traz aos questionamentos das funções que elas adquiriram durante a Segunda Guerra Mundial. Como vimos, a maioria dos países participantes assemelhavam-se em suas políticas quando não consideravam a participação de tais mulheres como combatentes. São estas políticas, que aqui podemos considerar como politizações do gênero, que ampliam, moldam e restringem esta atuação feminina e masculina. Como exemplificado pelos próprios nomes dos órgãos femininos que aqui analisamos, quase que unanimemente as vagas ofertadas são para serviços auxiliares e

---

<sup>56</sup> Dicionário Aurélio Online. Palavra-chave: Militar

<sup>57</sup> Idem.

administrativos, mas nunca para atuarem como combatentes<sup>58</sup>. Pensar em um soldado combatente, um militar combatente, compreende-se aquele que porta armas e que se encontra em combate ou apto a estar em combate, nas linhas de frente em um confronto direto com o inimigo. Apto não só no sentido de preparação física e/ou psíquica, estar treinado. E sim, apto legalmente e moralmente a fazê-lo, pois muitas mulheres que estavam nos quadros de pessoal militar sabiam atirar e tiveram treinamento físico e psicológico, assim como outras disciplinas mas, mesmo assim, não eram autorizadas a portar armas e estarem presentes nas linhas de frente – salvo se fossem enfermeiras. A participação da mulher em combate era vista como um erro, algo desumano e desta forma, sempre combatido:

Neste ponto, solicitadas no esforço de guerra e na lógica da guerra total, as mulheres deviam dar um passo suplementar, engajando-se nos exércitos e usando uniforme. (...) Alemães, austríacos e franceses eram contra, exceção feita ao emprego tradicionalmente feminino de enfermeiras, até e inclusive no front, mas não na linha de frente. O argumento principal era (e manteve-se no início da Segunda Guerra Mundial) que seria “contra a natureza” enviar mulheres para serem mortas na guerra. De algum modo, o que era implicitamente admitido para mulheres civis, se tornava insuportável para mulheres de uniforme.<sup>59</sup>

Transitar do mundo civil para o mundo militar requer habilidades e noções específicas; requer a sensibilidade de se perceber em uma nova posição social, com novas funções, novos valores, novos deveres. Cumpre-se com uma função, estabelecida para cada força armada. Particularmente em períodos de guerra, esse alistamento e recrutamento acontecem em meio ao sentimento de patriotismo, que leva estes indivíduos a cumprirem com seu papel social da maneira que podem, pela maneira que são permitidos.

No caso das mulheres, não só pela posição e status, mas por cumprir com um dever, se voluntariam para o serviço militar. Entretanto, mesmo não podendo assumir esta função específica, as mulheres se mostraram muito eficientes em outros cargos nas forças militares, sempre que possível, rompendo com paradigmas e modificando as impressões sobre as relações entre homens, mulheres e o meio militar.

O cartaz abaixo foi veiculado pela imprensa de guerra britânica para convocar as mulheres a se alistarem pelo Auxiliary Territorial Service – A.T.S. O cartaz é simples, sem

---

<sup>58</sup> Com a exceção da URSS, que teve em suas forças armadas, mulheres que atuaram na linha de frente: como atiradoras de elite (snipers) e pilotos nos esquadrões de bombardeios noturnos e diurnos – os primeiros, conhecidos mais tarde como *Nachthexen*, ou, Feiticeiras da Noite.

<sup>59</sup> QUÉTEL, C. op. cit. p.138

grandes informações mas coloca em primeiro plano o desenho de uma mulher loira fardada, em seu *cap* vemos as letras A.T.S, o destaque da cor escura de fundo a faz sobressair ao centro da imagem, com um semblante sério e determinado, em uma posição que remete à disciplina e comportamento militar. Ao mesmo tempo em que apresenta uma postura forte, existe a retratação de uma mulher com um batom bem vermelho, trazendo novamente, a identificação do simbolismo por trás do feminismo. O sombreado e os contornos funcionam quase que como uma seta, indicando o órgão no qual se alistar. Muitos cartazes de convocação funcionavam com esse propósito: transmitir o rigor da instituição e colocar as mulheres nesta posição.



**Propaganda 7 – Join The A.T.S**

Artista: Abram Games

Fonte: Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/10227>

Na fotografia abaixo, temos a retratação do momento de um alistamento onde uma mulher é entrevistada por uma membro do A.T.S. Podemos ver que ao fundo, vários pôsteres de recrutamento expostos nas paredes do cômodo. De início, eram convocadas mulheres solteiras de até vinte e seis anos. Mais tarde, a convocação passou a abranger mulheres de 18 à 51 anos.



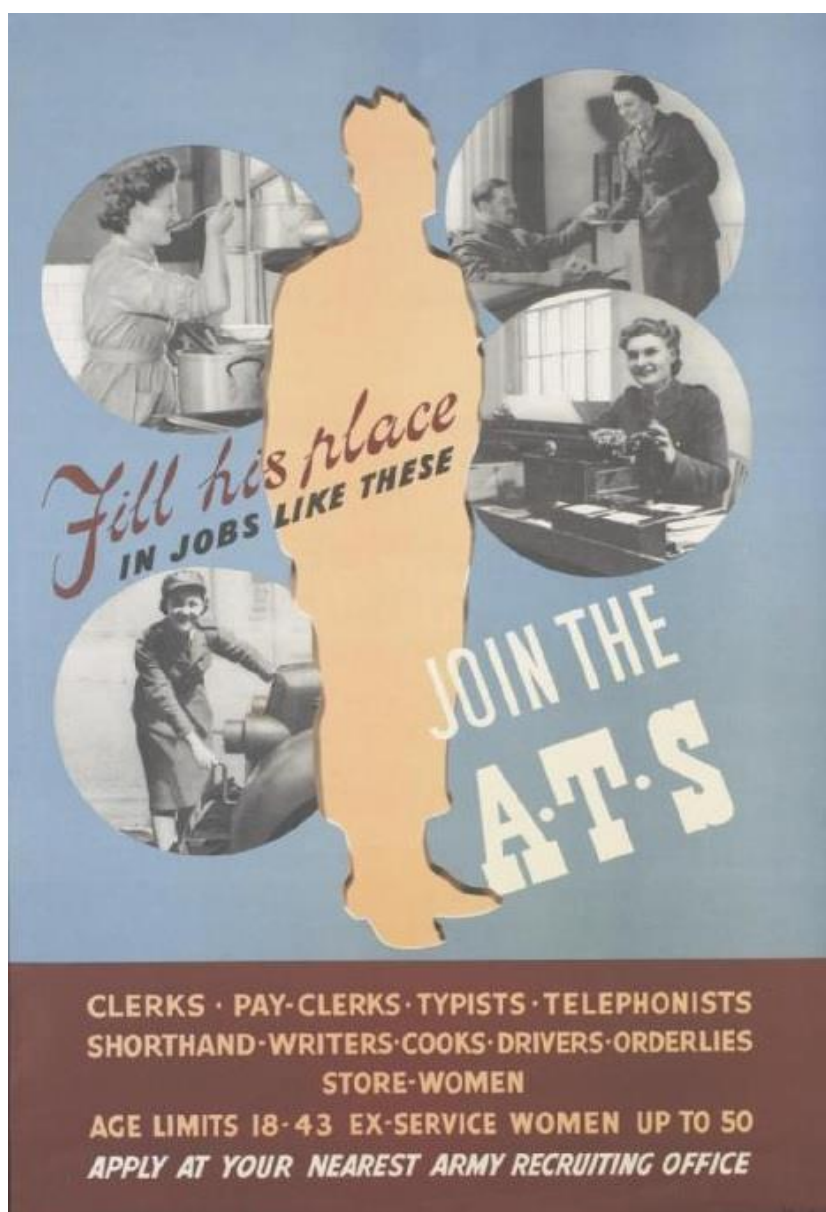
**Fotografia 6 – A.T.S Recruit**

Fotógrafo: Desconhecido

Fonte: ROSS, Stewart. *Women's War – At Home in World War Two*. Londres: Evans Brothers, 2007

É interessante observar que a maioria dos cartazes e propagandas de guerras veiculados tanto pela própria imprensa de guerra, quanto por outras produtoras e através de mídias diversas, trazem o discurso em torno da capacidade da mulher de assumir as funções masculinas e do seu dever em fazê-lo. As mulheres vêm para o cenário do esforço de guerra como substitutas, quase redentoras, dos “lugares masculinos” a serem preenchidos. Enquanto alguns cartazes retratavam um tipo de mulher séria e determinada, a maioria das fotografias as traz em performance e quase sempre sorrindo. Como na foto anterior.

No cartaz de propaganda a seguir, percebemos nitidamente esta visão. Ao centro, uma silhueta nos traz a ideia de um homem fardado, como se representasse um lugar em que uma peça está faltando. Essa imagem retrata um dos tantos homens que tiveram que abandonar – ou que precisaram – suas funções para servirem às forças armadas como soldados. Nos dizeres do cartaz lê-se “*Fill his place in Jobs like these*” - “Preencha o lugar dele em empregos como estes”. Estas vagas vêm descritas mais abaixo e listam as funções de cozinheiras, taquígrafas, digitadoras, motoristas, estoquistas, telefonistas. No plano de fundo do cartaz, atrás da silhueta a ser preenchida, pequenos círculos trazem mulheres atuando nestas funções.



**Propaganda 8 – Fill His Place - Join The A.T.S**

Autor: Frederick Scott

Fonte: Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/24014>

A organização do A.T.S. já em 1938 consegue convocar cerca de 17.000 mulheres para o serviço e, em 1943 este número chega 200.000<sup>60</sup>. Desde controle de tráfego nas ruas até fiscalização do espaço aéreo, as mulheres que atuaram pela *Auxiliary Territorial Service* tinham as funções e posições mais variadas.

Além do próprio A.T.S., W.R.N.S e W.A.A.F, outros órgãos e organizações femininas compunham o cenário do esforço de guerra. O A.T.A, *Air Transport Auxiliary*, era órgão responsável por pilotar aviões de cargas e levar aeronaves de ponto a ponto e tinha quase que a metade de seus membros composta por mulheres<sup>61</sup>. O *Women's Land Army* era uma organização feminina existente não só na Grã-Bretanha mas coexistiam na maioria dos países beligerantes. Tinha como objetivo organizar as mulheres em torno da produção agrícola de cada região, pois importantes setores do ramo ficavam vagos devido a saída dos homens. Em seu livro, Quéstel nos traz o depoimento de uma mulher canadense, Olive Kirby, que migrou da cidade de Londres onde morava, para o campo para servir ao W.L.A:

Fui enviada a Wiltshire com outras mulheres para formar um grupo de debulhadoras. Foi um choque cultural considerável para uma jovem de 19 anos que nunca se havia afastado da cidade grande e não conhecia quase nada da vida rural. Em meu primeiro dia de trabalho, um rato saiu de uma meda de feno e correu pelas minhas calças. Gritei e joguei longe meu batedor. As pessoas do lugar acharam isso bem estranho, pois não nos estimavam muito (...) Os dias de trabalho de nosso exército agrícola podiam durar até 14 horas, mas fui bastante feliz e nunca tive de trabalhar tanto. Dito isso, o trabalho era desgastante. Até então eu tinha trabalhado em escritórios, e minhas mãos não estavam acostumadas a esse duro labor. Estavam cobertas de bolhas (que infeccionavam).<sup>62</sup>

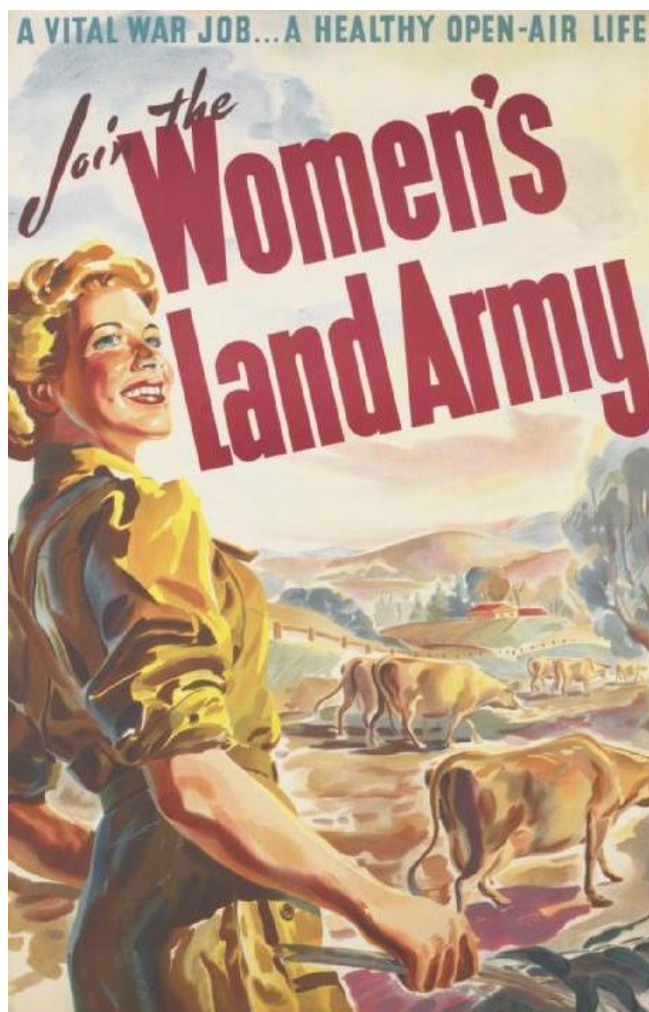
Mesmo atuando nos campos, as referências de todas as organizações e suas características remetem à uma união e organização que imita os motivos militares. No próprio depoimento de Olive Kirby, como vimos acima, as mulheres são referidas atuando em um “exército agrícola”. Tudo aquilo que estava vinculado ao esforço de guerra tinha essas características mais latentes. No próprio cartaz de propaganda a seguir, vemos essas definições e propósitos:

---

<sup>60</sup> ROSS, Stewart. op. cit. p. 11.

<sup>61</sup> ROSS, Stewart. Ibid.

<sup>62</sup> QUÉTEL, Claude. op. cit. p. 98.



**Propaganda 9 – Join the Women's Land Army**

Artista: Desconhecido

Fonte: Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/33507>

No cartaz, vemos a mulher em primeiro plano, posicionada mais à esquerda com uma posição imponente e sorridente, em meio ao gado da fazenda na qual trabalha. Seu uniforme, cáqui, remete às organizações militares e acaba padronizando os cartazes do W.L.A com a imagem de uma mulher realizada e bem sucedida no trabalho desempenhado para a guerra – presente nos cartazes dos órgãos auxiliares das forças armadas.

Todas as mulheres, fosse no campo, na cidade ou nas forças armadas tiveram que passar por treinamentos intensos e rápidos para preencherem as vagas por todo país. Como vimos no próprio depoimento de Kirby, a seleção de mulheres era bem variada. Enquanto algumas mulheres do campo serviriam à órgãos e instituições na cidade e preenchiam vagas nas indústrias, as mulheres que antes trabalhavam na cidade, migravam para os campos. O intercâmbio realizado por elas no período de guerra fora intenso. Contudo, como dito anteriormente, muitos desses trabalhos já eram realizado em menor em escala por estas



mulheres que já desempenhavam um importante papel na economia no pré-guerra. O interessante de perceber é, ainda, o treinamento e adequação dessas mulheres aos órgãos militares. O convívio com os homens, os treinamentos, as aulas, a postura, comportamento, estar diariamente em locais que eram alvos de ataques constantes – estrategicamente, postos das forças armadas eram objetivo de bombardeios e ataques. A própria adequação dessas forças à entrada das mulheres é algo delicado, pois não tinham estruturas próprias para estabelecer um contingente tão significativo em seus postos.

A entrada das mulheres nestes órgãos é latente. A oportunidade de servir à uma força armada neste período faz com que, como mencionado anteriormente, as vagas se esgotem rapidamente – e a urgência pela criação de novas cresça. É com este posicionamento e treinamento que se pode perceber a adequação e formação destas mulheres, a partir de uma nova concepção de mundo e valores, com novas regras e doutrinas a serem respeitadas – que vão inseri-las em um novo espaço de atuação. Para analisar estas formações, serão apresentados dois órgãos em específico – já mencionados aqui (W.R.N.S e W.A.A.F) e seu processo de criação e o treinamento pelo qual passaram tais mulheres.

## 2. AS MULHERES DO W.R.E.N.S E A EXPERIÊNCIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Como vimos no capítulo anterior, o final da Primeira Guerra Mundial determinou a desmobilização das organizações femininas das forças armadas britânicas ocasionando uma espécie de “retorno ao lar”. Apesar da falta de planejamento no pós-guerra que beneficiasse tais mulheres como militares de reserva, algumas organizações paralelas foram mantidas e vinte anos mais tarde o W.R.E.N.S teria de ser reativado.

### 2.1 A Declaração da Guerra: entre tradições e recrutamento.

Katharine Furse foi, durante a Primeira Guerra, diretora do Women’s Royal Navy Service e nos anos que seguiram à sua desmobilização, trabalhou no sentido de não perder contato com aquelas que serviram à Marinha, com o intuito de manter uma unidade de grupo. Depois de muitas tentativas e propostas, no final de 1920 o “Assosiation of Wrens” foi criado:

It was formed to keep alive the unique spirit of the Service ant to maintain friendships; it also represented the interests of all ex-Wrens on various oficial bodies such as the Service Women’s Fund and the United Services Fund. (...) They also started a magazine, *The Wren*. It first appeared monthly, later quaterly, (and, more recently, three times a year) and went to every AOW [Assosiation of Wrens] member.<sup>63</sup>

Membro da equipe do “The Second World War Experience Center”, a pesquisadora Tracy Craggs, comenta sobre as dificuldades da formação do órgão feminino na marinha, desde a Primeira Guerra Mundial:

The Wrens in this War, just as in the Second, would not always be welcomed with open arms. It took a short while before the Admiralty would agree to the inclusion of 'Royal' in its title, a term not afforded to the non-naval women's services. Yet for all its great strides, the WRNS ceased to exist in October 1919, without the formation of a Reserve. Its usefulness had come to an end, at least for the time being and the members rewarded only by a certificate of service. Dame Katharine was determined to maintain the spirit of the WRNS in some capacity and instigated

---

<sup>63</sup> MASON, Ursula. **Britannia’s Daughters – The Story of the WRNS**. Pen&Sword: Barnsley, 2011. p. 33.

the Association of Wrens in 1920 to represent the interests of its members.<sup>64</sup>

O medo do início de uma nova guerra começa a surgir na sociedade europeia nos anos 1930. Os ditadores começam a se destacar e as propostas e políticas de Adolf Hitler ameaçavam a estabilidade do continente. Apesar de todo apelo feito ao governo britânico para começar a mobilização de mulheres para compor um corpo de reserva – oferecendo treinamento e pessoal qualificado – o mesmo foi negado. Em 1935, o Almirantado britânico afirmou que muito do que viriam a precisar poderia ser obtido através dos centros de emprego e voluntariado e que nenhum projeto de treinamento poderia ser pensado e realizado em período de paz, onde nenhuma organização poderia ser eficientemente estabelecida para a Marinha (ou outra força), antes da declaração oficial de guerra.<sup>65</sup>

Ao voltarmos anos antes, no desenrolar da Primeira Guerra, percebemos um quadro semelhante a este. Somente uma instituição feminina estava organizada antes do conflito (Women's Auxiliary Army Corps, fundado em 1917) e todos os outros órgãos vieram por surgir já em meados da guerra. A mobilização tardia e a consequente falta de treinamento específico para cada força armada poderia se repetir. O temor de uma situação similar assombrava tanto líderes militares quanto políticos – até mesmo as próprias ex-Wrens receavam quanto a falta de organização e muitas delas escreveram por iniciativa própria tanto para o Almirantado quanto para o Primeiro Ministro Britânico oferecendo seus serviços.

Os anos que se antecederam a 1939 foram instáveis e ameaçavam a paz na Europa. Já em 1931 forças militares japonesas marcharam em direção a Manchúria, invadindo seu território – que só foi libertado ao final da Segunda Guerra Mundial. Em 1933 o tratado Tangu Truce foi assinado por ambas as nações decretando um cessar-fogo. No mesmo ano, no cenário europeu, Adolf Hitler se tornava Chanceler da Alemanha e suas campanhas começavam a se materializar, principalmente ao fundar o Partido Nazista e ao promover o rearmamento do país oficialmente em 1936<sup>66</sup>, reorganizando seu poderio militar. Ainda em 1935, a Itália sob o comando de Mussolini, invade a Etiópia e um ano mais tarde, com o desenrolar da Guerra Civil Espanhola, se aproxima politicamente da Alemanha e Japão,

---

<sup>64</sup> CRAGGS, Tracy. **Fulfilling a Need – The Role of The Women's Royal Naval Service**. Artigo online disponível em: <http://war-experience.org/history/keyaspects/wrns/default.asp>. Acessado em: 15 de Janeiro de 2015.

<sup>65</sup> MASON, Ursula. Idem. p. 34.

<sup>66</sup> BRODY, J. Kenneth. **The Avoidable War: Pierre Laval and the Politics of Reality, 1935-1936**. Transaction Publishers: New Jersey, 2000. p. 4.

formando a aliança conhecida como “Eixo Roma-Berlim” em 1937. O temor de uma nova guerra mundial se intensificava.

Apesar da organização de uma reserva de mulheres não ter sido eficientemente levado em consideração em 1935, a questão do emprego de mulheres para auxiliar as forças armadas ganhava força.

Antes de 1937, Katharine Furse já mantinha contato com o Almirantado através de cartas sugerindo a organização de um corpo base referente as W.R.E.N.S., ou como espécie de reserva (com pessoal previamente treinado) que pudesse ser expandido em caso de guerra. As respostas do Almirantado eram sempre as mesmas, em estilo padrão: “A sugestão está sendo levada em consideração.”<sup>67</sup>

Contudo, as movimentações mais inquietantes do cenário europeu junto a visível mobilização das ex-Wrens fez com que a posição do Almirantado sobre a reativação do órgão mudasse:

In April, 1937, the report of the inter-Departmental Committee on the Emergency Powers (Defence) Bill included a section on auxiliary services, and stated that the War Office intended to found a women's corps at an early stage, in the event of war. The Committee considered that the Royal Navy and the Royal Air Force would also need women's corps.<sup>68</sup>

A fotografia a seguir, retrata a Dama Katharine Furse ainda em suas funções como Diretora do Women's Royal Navy Service, em seu escritório, durante a Primeira Guerra Mundial. As experiências e conhecimentos adquiridos por ela durante os anos que serviu a Marinha foram importantes para a nova geração de W.R.E.N.S. que atuaria durante a Segunda Guerra Mundial. Antes da reativação do W.R.E.N.S. foi responsável por estruturar a organização e recrutamento de tais mulheres para os tempos de paz e acabou nomeando a Diretora que a sucederia, Vera Laughton, em 1938.

Nenhuma medida foi considerada para recrutar ou treinar mulheres em tempos de paz. Entretanto, tanto o Almirantado quanto o Chefe de Estado e seus secretários admitiram que seria desejável que se determinassem requisitos para os tempos de guerra definindo ainda a organização que viria a ser criada. Ficou acordado, em uma reunião em Maio de

---

<sup>67</sup> MASON, Ursula. op. cit. p. 34.

<sup>68</sup> MASON, Ursula. ibid. p. 34.

1938, que o recrutamento daquelas interessadas a servir ao W.R.E.N.S. seria realizado através do Ministro do Trabalho.<sup>69</sup>



**Fotografia 7 – Dama Katharina Furse Diretora das WRENS, 1917**  
Escritório D.W.R.E.N.S., 1917

Fonte: Imperial War Museum <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205254058>

No tocante a Real Marinha Britânica, um plano previamente discutido almejava um total de três mil mulheres a serem convocadas para atuarem como auxiliares de escritório, domésticas, motoristas e, em tempos de paz, seriam empregadas como funcionárias públicas.

On 25 July the Board agreed on the number of women required. Apart from those to be in Headquarters, the 1935 estimate of about 3,000 stood. They would be mostly clerks, domestics, motor drivers, charwomen, packers and so on. None of these would need training in Peace and there was no need to set up special organization. In peace women should be employed as civil servants.<sup>70</sup>

<sup>69</sup> MASON, Ursula. op. cit. p. 35.

<sup>70</sup> MASON, U. Ibid. p. 35.

No caso de uma declaração de guerra, estas mesmas mulheres deveriam ser identificadas através do uso de uniformes mas ainda trabalhariam e seriam organizadas em níveis civis.<sup>71</sup> Segundo Mason, os serviços desempenhados nos portos deveriam ser feitos utilizando uniformes entretanto as mulheres viveriam em seus próprios lares e não em bases navais.<sup>72</sup>

No final de 1938, sob as crescentes ameaças vindo de Munique, o primeiro guia/manual sobre o Serviço Nacional foi editado para o público geral. Nele aparecia pela primeira vez um comunicado sobre a organização do novo Women's Royal Naval Service. O comunicado trazia as exigências necessárias para “tempos de guerra ou emergências” e ainda pré-requisitos para as 1.500 mulheres interessadas em substituir fuzileiros navais da Real Marinha Britânica em postos subdivididos em (a) secretariado, auxiliar de escritório, contabilidade, estenografia e datilógrafas; e (b) trabalhos domésticos como cozinheiras, aeromoças, garçonetes e mensageiras.<sup>73</sup>

The handbook was out by the end of 1938 and by April, 1939, the Admiralty had received some 20,000 applications for further particulars – only most of those who wrote thought they had, in fact, applied to join the WRNS. It was nobody's Jobs in the Admiralty to answer these letters and indeed some were never even acknowledged.<sup>74</sup>

Estruturalmente diferente, a organização do Women's Royal Naval Service encontrou dificuldades de formação em ambas as duas guerras mundiais. Se na Primeira Guerra não havia um pensamento que estipulasse para cada força armada a atribuição de um órgão feminino que pudesse suprir a mão de obra masculina em setores administrativos, já na Segunda Guerra Mundial percebe-se que se evitou que tal movimento fosse tomado ou que no mínimo um receio quanto a sua estruturação pairava nos escritórios dos oficiais. Era visível que não só a necessidade de criação de cada órgão era latente como a resposta pela organização dos mesmos vinha em números de inscritas e de cartas, que pretendiam guardar lugar em vagas futuras. Apesar da experiência em uma guerra passada – e há não muito tempo, a Grã-Bretanha e suas forças armadas ainda não dispunham de estrutura para receber mulheres em seus estabelecimentos e quartéis. Provavelmente por esta razão

---

<sup>71</sup> FLETCHER, M. H. **The WRENS – A History of the Women's Royal Navy Service**. B. T. Batsford: Londres, 1989. p. 26.

<sup>72</sup> MASON, U. op. cit. p. 35.

<sup>73</sup> MASON, U. op. cit.

<sup>74</sup> MASON, U. op. cit.

(reestrutura e futuras despesas) a organização oficial de grupos femininos foi sendo postergada.

De início, o manual que começava a circular não falava sobre o recrutamento de 3.000 mulheres e sim de 1.500. Nele, as primeiras informações sobre idade e formas de alistamento estavam presentes:

(...) Both the last two said that 1,500 women were to be recruited. In the latter statement the age limits were given as 18-45 (later changed to 18-50 and later again to 17 ½ minimum age). Enrolment and registration would start at once for immobile WRNS at the major naval ports, and Rosyth was added to the earlier list. Applicants must be British subjects, the daughters of British-born parents. Three skilled and one unskilled branches were specified – Office Duties, Motor Transport, Cooks and General Duties.<sup>75</sup>

A diretoria do órgão se localizaria no Almirantado junto aos Superintendentes dos Portos, nos portos; oficiais seriam chamados de *Chief Officer*, *First Officer* e *Second Officer* que, em português se traduziria literalmente como Comandante-Chefe, Primeira Oficial e Segunda Oficial pois estes eram rankings criados especificamente para o grupo de oficiais do WRNS e seriam equivalentes aos postos já existentes na Marinha Britânica. As graduadas se classificariam como *Chief Wren*, *Leading Wren* e *Wren* e suas traduções seriam literalmente Wren Chefe, Wren Líder e Wren. Mais tarde, outros dois postos tiveram de ser criados para suprir demais necessidades: *Third Officer* (Terceira Oficial) e *Petty Officer* (oficial auxiliar).

O quadro a seguir retrata os postos citados acima e os equipara aos postos da marinha. Aparentemente nenhuma razão específica traz a justificativa para tal criação diferenciada de rankings. A questão principal em torno de tal diferenciação é que, apesar de responder ao Almirantado como parte adjunta da Marinha Britânica, o WRENS ainda funcionava por bases contratuais civis e não militares. Com isso, as nomenclaturas e os títulos dentro do órgão não poderiam ser os mesmos daqueles da Marinha. Criou-se títulos equivalentes para o órgão que só se modificariam em 1993, com a total junção entre o WRENS e a Marinha.

---

<sup>75</sup> MASON, U. op. cit. p. 38.

1939–1993 ranks						
1917–1919 ranks	Officers		Ratings		Commissioned Officers	
	WRNS rank	WRNS rank	WRNS rank	Equivalent RN rank	WRNS rank	Equivalent RN rank
Assistant Principal	Ordinary Wren	Ordinary Seaman	Third Officer	Sub-Lieutenant		
Deputy Principal	Wren	Able Seaman	Second Officer	Lieutenant		
Principal	Leading Wren	Leading Seaman	First Officer	Lieutenant-Commander		
Deputy Divisional Director	Petty Officer Wren	Petty Officer	Chief Officer	Commander		
Divisional Director	Chief Wren	Chief Petty Officer	Superintendent	Captain		
Deputy Assistant Director			Commandant/Director <sup>[2]</sup>	Commodore/Rear-Admiral		
Assistant Director			Chief Commandant/Commandant <sup>[3]</sup>	Rear-Admiral		
Deputy Director						
Director						

76

<sup>76</sup> Tabela retirada de enciclopédia online Wikipédia [http://en.wikipedia.org/wiki/Women's\\_Royal\\_Naval\\_Service](http://en.wikipedia.org/wiki/Women's_Royal_Naval_Service) Acessado em: 15 de Janeiro de 2015. A tabela acima foi criada com as informações contidas no livro: FLETCHER, M. H. **The WRENS – A History of the Women’s Royal Navy Service**. B. T. Batsford: Londres, 1989.



Aquelas selecionadas como oficiais seriam inscritas e treinadas em tempos de paz, alistando-se por um período de quatro anos e obrigadas a realizar vinte e quatro treinamentos/simulações, cada uma com duas horas de instruções. Inicialmente aquelas selecionadas seriam treinadas de acordo com suas especialidades:

They were to taught how a Naval establishment was run, and familiarized with the war duties. No pay would be given, but each women completing the twenty-four drills would get ten shillings to cover any expenses. Volunteers for the other skilled branches would be registered for quick call up but not enrolled or trained. General Duties volunteers would not even been registered.<sup>77</sup>

Contudo, algumas modificações foram feitas e aquelas que se voluntariassem para quaisquer serviços também passariam a ser treinadas – e àquelas que tivessem se voluntariado para serviços antes do estopim da guerra, foram prometidos uniformes assim que empocassem do cargo. Em Abril de 1939, em meio a mobilização e recrutamento de homens, a Coroa Britânica reconheceu a necessidade da criação do órgão nomeando no mesmo dia Vera Laughton como Diretora Chefe do Women's Royal Naval Service:

Lord Stanhope with his humble duty begs to inform Your Majesty that the Board of Admiralty have had under consideration the possibility of substituting women for men on certain work on shore directly connected with the Royal Navy; and it is recommended that, as in the last war, a separated women's service should be instituted for this purpose. It is submitted for Your Majesty's approval that this service should be called the Women's Royal Naval Service and that it members should wear a distinctive uniform, the details of which will be submitted to your Majesty in due course. The service would be confined to women employed on definite duties directly connected with the Royal Navy.<sup>78</sup>

A Coroa se manifestou publicamente à organização e a fundação do órgão através da imprensa, em comunicado oficial:

The King has given permission for the formation of a Corps to be known as the Women's Royal Naval Service (W.R.N.S) who will replace Naval Officers and Ratings in war-time on certain duties in Naval Shore Establishment. Training in peace time will be given for some of these duties. Mrs Laughton Mathews, who serve as an officer of the WRNS in the late war and has since

---

<sup>77</sup> MASON, U. op. cit. p. 38

<sup>78</sup> FLETCHER, M. H. **The WRENS – A History of the Women's Royal Navy Service**. B. T. Batsford: Londres, 1989. p. 26.

been one of the pioneers of the Sea Ranger branch of the Girl Guide movement, has been appointed Director of the WRNS and will enter upon her duties immediately. <sup>79</sup>

Mesmo com a expectativa de criação do órgão anos antes da declaração de guerra, entre Alemanha e Grã-Bretanha, o Women's Royal Naval Service encontrou alguns problemas de estrutura desde sua fundação até a desmobilização. Era claro que o órgão necessitava de uma logística que não encontrou durante os anos de 1939 e 1945, provavelmente por que a estimativa de quantas mulheres seriam necessárias mudava o quão rápido era a convocação de homens para os campos de batalha. Se nos anos iniciais de sua organização estimava-se que o Women's Royal Naval Service seria composto de aproximadamente 3,000 mulheres, em 1944 o mesmo órgão já contava com cerca de 74,620<sup>80</sup> mulheres atuando em diversos setores (muitos dos quais não tinham sido considerados anteriormente).

A diretoria do WRENS baseou-se nos papéis e relatórios de Katharine Furse, mas necessitariam adaptá-los pois os números e funções assumidas seriam diferentes daquelas da Primeira Guerra Mundial:

(...) but they had to find out what the Navy would expect, how this could be met, how women would be recruited, trained, uniformed, drafted, accommodated, fed and paid. They had to work out rules and regulations, consider the possible welfare needs of large numbers of women from different age groups and social backgrounds, and provide a foundation on which the Service could expand when the time came.<sup>81</sup>

Em relação ao que comenta Mason sobre a quantidade de mulheres e sua diversidade em relação à idade, educação e classe social é importante observar que essas mulheres que serviram à marinha experienciaram não só o ambiente incerto e hostil que a guerra proporcionou como também pela primeira vez puderam se relacionar com quem antes não fazia parte de seu círculo social. Nos acampamentos e quartéis não existia uma separação de acordo com classe, nacionalidade ou idade – a divisão era feita de acordo com a hierarquia militar e se as aptidões e especializações fossem comuns, uma mulher da classe mais alta em seus 19 anos poderia dividir acomodações e funções com uma de classe inferior já com seus 35 anos. A diversidade social que se encontravam em tais bases

---

<sup>79</sup> FLETCHER, M. H. op. cit. p. 27.

<sup>80</sup> FLETCHER, M. H. ibid. p. 26.

<sup>81</sup> MASON, U. op. cit. p.40.

quartéis gerais nos leva aos aspectos mais humanos da guerra refletindo assim, sobre as relações interpessoais e os vínculos que se formariam entre homens e mulheres das mais diferentes classes, idades e culturas.

O depoimento de Christian Lamb, retirado de seu livro de memórias, traz referências sobre esse convívio e experiências:

(...) Of course these are superficial observations, and what was far more important and interesting to me was that for the first time, I was mixing on completely equal terms with girls of all classes, whom I would never have had the chance to meet in the ordinary and rather narrow life in which I had been brought up. I very soon found out what made people valuable as colleague and friends, and that was their integrity. Class had nothing to do with it (...).<sup>82</sup>

Quando analisamos o depoimento anterior através dos aspectos referentes às relações de gênero percebemos que a afirmativa de Raquel Sohiet quanto a esta diversidade a qual Lamb se refere é um ponto decisivo no estudo e compreensão das relações de gênero em quaisquer níveis pois durante muito tempo “...supuseram as mulheres como uma categoria homogênea; eram pessoas biologicamente femininas que se moviam em contextos e papéis diferentes, mas cuja a essência enquanto mulher, não se alterava”<sup>83</sup>.

De início a historiografia que se presava ao estudo da “história das mulheres” tendia a generalizá-las em seu único ponto comum: o fato de serem mulheres. Contudo, a ideia única de mulher começou a ser contestada tendo em vista que essa concepção poderia variar de acordo com a classe, etnia, nacionalidade, cultura. A pluralidade de mulheres à que se referem os historiadores é a mesma com a qual identificamos as múltiplas identidades entre homens. O ser plural indica as várias personalidades e identidades que homens e mulheres podem ter/apresentar de acordo com seu contexto. A guerra, como fato, trouxe a possibilidade do convívio entre as mais distintas mulheres e o mesmo ocorreu com os homens que serviram às forças armadas. Somado à estas diferenças existe, ainda, o convívio mais próximo entre as mais variadas identidades femininas e masculinas, de uma forma mais íntima e próxima – o que nos remete à Joan Scott quando esta afirma que “as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de

<sup>82</sup> LAMB, Christian. **I only Joined For The Hat**. Bene Factum Publishing: Londres, 2007. p. 2

<sup>83</sup> SOHIET, Raquel. **História das Mulheres**. In: CARDOSO, C; VAINFAS, R. Domínios da História. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

*qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado*”<sup>84</sup>. Ou seja, como veremos mais adiante, muito daquilo que se compreendia como “feminino” e “masculino” vinha à tona nos limites de atuação encontrados neste período.

Praticamente sob os mesmos medos, angústias e privações, homens e mulheres que vivenciaram a Segunda Guerra Mundial estavam unidos também sob o mesmo propósito: vencer a guerra. Independentemente de sua origem, o convívio entre pessoas tão diferentes era algo comum e inevitável, o que trouxe novas experiências e trocas entre elas.

Lamb revive lembranças como estas no decorrer de seu livro. Sua família possuía típicos costumes da alta sociedade britânica e tão logo a guerra tinha sido declarada, Lamb já estava em seu caminho para a França, onde teve uma educação diferenciada e se preparava para entrar na Universidade de Oxford, quando retornasse à Inglaterra. Contudo, seu interesse em servir não ocorreu instantaneamente, pelo contrário. Lamb afirma que ignorou as notícias de jornais enquanto esteve na França e só começou a se familiarizar com a guerra quando retornou à Escócia e percebeu que todos estavam fazendo alguma coisa que fosse necessária às circunstâncias. Como ingressar em uma universidade já não era mais uma opção até que a guerra terminasse, Lamb procurou áreas em que pudesse trabalhar no esforço de guerra.

Em sua estadia na Escócia procurou se orientar em tarefas básicas adquirindo habilidades para provas e testes. Começou a aprender a dirigir, fez curso de primeiros socorros, etc. Durante um jogo de bridge<sup>85</sup>, Lamb conheceu o Coronel da marinha Frank Laughton, irmão de Vera Laughton Mathews – recém nomeada Diretora do WRENS. Para Lamb, seria então fácil de persuadir uma vaga no órgão e tão prontamente enviou seu currículo e formulários para se alistar.

Contudo, Lamb encontrara situações que não esperava e percebeu que necessitaria mais do que indicações para atuar no WRENS. Além do convívio com diferentes mulheres, ela agora estava inserida em um ambiente que funcionava com base em outro tipo de hierarquia, a militar:

What could be easier than to persuade the Colonel to write me a reference? This I duly enclosed with my application form to join the WRNS and sent it off. It had never occurred to me that there would be officers and ratings, as in the Royal Navy, so it was a surprise to find you had to start in the lowest rung of the ladder, equal to ordinary seaman. After an interview and medical

---

<sup>84</sup> SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria de análise histórica**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1990. p. 5.

<sup>85</sup> Bridge, ou Brígede em português, é um jogo de cartas jogado por dois pares de jogadores.

examination, preliminaries which took place in London at the Wren Headquarters over Drummonds' Bank beside Admiralty Arch, I was closely questioned by a senior Wren Officer called Nancy Osborne 'Have you any qualifications? Can you type?'<sup>86</sup>

Para Lamb se enquadrar em muitas das funções foi difícil, principalmente porque não possuía experiências e aptidões em tarefas básicas para seleção em alguns setores. Teve dificuldades tremendas para ser datilógrafa – cargo que inicialmente pensou que seria mais fácil, contudo, percebeu que a velocidade com que tinha que digitar, em ritmo constante e sem poder errar o que escrevia era para ela, quase impossível:

I had never used a typewriter before and hated it from the word go, as you were supposed not to look at the letters but do it "blind", found it quite impossible... Learning this skill, the criterion of which was to do it at furious and impossible speed, was a purely technical activity and required only concentration and extreme application, at neither of which I excelled.<sup>87</sup>

Ao se lembrar dos momentos de treinamento, Lamb recorda o quão complicado poderia ser para uma mulher se adequar as atividades necessárias à Marinha. Mesmo com toda erudição que lhe era comum, as atividades mais práticas e técnicas eram priorizadas na seleção. Quando comenta a respeito das simulações e treinamentos físicos que eram feitos para familiarizar as recrutas com o ambiente militar, recorda por exemplo, dos momentos em que tinham que marchar e o quão difícil esta tarefa poderia ser, quando realizada em grupo e em ritmo sequencial – a simples confusão entre esquerda e direita poderia colocar tudo a perder:

Training to be a Wren also included squad drill; this was certainly a diversion from the typewriter, although no female is designed to march – vital to begin with is knowing left from right. (...) even worse came much later in my career when I had to take a barrack room full of Wrens and drill them, I simply could not get out the order 'ABOUT TURN' at the exact moment when the right foot was correctly poised, and was in danger of forcing the whole squad to climb up the end wall of the building.<sup>88</sup>

A própria ideia, nas palavras de Lamb, onde as mulheres não seriam “destinadas” ou “feitas” para marchar reflete muito do discurso que pairava desde a Primeira Guerra

---

<sup>86</sup> LAMB, Christian. op. cit. p. 4.

<sup>87</sup> LAMB, C. op. cit.

<sup>88</sup> LAMB, C. op. cit.

Mundial sobre tais órgãos – de que existiram certas funções que seriam aquém a habilidade feminina. Contudo, não só durante a guerra esta realidade mudou – pois as atividades e cargos para as mulheres se ampliaram quase em sua totalidade daquelas disponíveis em sua força armada – como tais dificuldades não eram algo exclusivo ao gênero feminino. Lamb comenta que uma vez seu pai teria falado sobre as dificuldades que os homens também tinham ao marchar pela primeira vez e as artimanhas que os mesmos faziam para não errar:

I remember my father telling me about some of our countrymen who were equally incapable of such distinctions and were made to put straw in one boot and hay in the other – the orders were then given as “hayfoot” – “strawfoot”(...) <sup>89</sup>

Margareth Gordon trabalhava em um escritório na Inglaterra quando a guerra começou. Um dia, enquanto trabalhava, recebeu a visita de uma ex-colega de trabalho que acabara de ser convocada para o WRENS. Segundo ela, naquele momento em que viu sua colega vestida com o uniforme da marinha, o qual achou muito elegante, pensou em se alistar pois lhe pareceu uma boa oportunidade. Em 1941, aos 19 anos, Margareth Gordon foi convocada e começou seus trabalhos como datilógrafa e escritã em um posto de comando conhecido como *HMS Caroline* onde era responsável administrativa da marinha. Em depoimento semelhante ao de Lamb, Gordon lembra de uma das situações mais constrangedoras pela qual passou quando serviu ao órgão:

I quite enjoyed the WRENS, I did my exams and ended up as Petty Officer... And perhaps I could finish with my most embarrassment moment in the WRENS. We had to do our drills ... you know how voices boomed in the sheds... and being the Petty Officer I was ahead of the column... Well, the officer must have shouted “halt!” ... I didn’t hear it..and I went blindly marching on to the far end of the sheds... A very embarrassment moment I can ashore you [risos]... But looking back on it I can laugh now but I was horrified at the time... <sup>90</sup>

As duas experiências citadas demonstram alguns dos desafios encontrados por estas mulheres no decorrer de suas atuações como oficiais do WRENS. Contudo, apesar de lembrarem de tais episódios com certo constrangimento, o quadro mais geral em relação ao treinamento das convocadas era, de fato, preocupante. Os treinamentos, ambientações e

---

<sup>89</sup> LAMB, C. op. cit. p. 4.

<sup>90</sup> **War Stories – The Despatch Rider & The WREN.** Produção: Pete Bleakley. Documentário, 43’20”. NvTv, 2008. Disponível em: <http://archive.northernvisions.org/specialcollections/war-stories-the-despatch-rider-the-wren/>. Acessado em: 15 de Janeiro de 2015.

leituras eram feitos de forma rápida (cerca de duas semanas para oficiais<sup>91</sup>) e muitas delas nunca tiveram contato com algumas atividades – como no caso de Lamb e suas dificuldades como datilógrafa. Gordon já tinha habilidades no ramo pois já trabalhava como secretária antes da guerra.

Entretanto, ambas sentiram dificuldades quando colocadas em uma situação de treinamento, em marcha ou qualquer atividade que fosse algo exclusivo ao ambiente militar. Como antes não pertenciam a este ambiente e nunca tiveram contato com a cultura do mesmo, as apropriações de posturas e gestos, o comportamento baseado na disciplina e ordem militares, o vocabulário etc., eram novidades para todas.

Vera Laughton procurava estabelecer referências entre as regras e disciplinas presentes no código de conduta da Marinha e as do WRENS – como inicialmente o órgão funcionava por meios civis, os padrões de disciplina militar referentes à marinha não foram considerados oficialmente para os regulamentos do Women's Royal Naval Service:

The service was not brought under the Naval Discipline Act either, despite the Director's active support of such a move. WRNS could already be, under their own disciplinary code, discharged, disgraced, suspended from duty without pay, have pay deductions for improper absence, be reprimanded, have leave stopped, be given extra work, and have privileges restricted. The only other punishments under the Act were imprisonment and detention and these, the Navy said, were 'repugnant'. The Spirit of the service was considered sufficient to ensure a high standard of behaviour, and as the nature of the contract was civilian it was not considered right that Naval regulations should be imposed.<sup>92</sup>

Entretanto, o desenrolar da Guerra expandiu atividades, criou novos postos de atuação e foi acompanhado por um aumento crescente de inscrições e voluntárias para os serviços disponíveis, não só na marinha como em outras forças militares. O desempenho do WRENS junto a capacidade de suas inscritas de atuarem no lugar dos homens fez com que, em 1941, a visão da própria marinha em relação ao órgão mudasse. De alguma forma, Ursula Mason comenta que, por ter sido regido pelos seus próprios padrões e não depender diretamente do Almirantado, o WRENS teria se beneficiado como um todo – não eram comandadas por homens e não seguiam regras da Marinha, que eram feitas e pensadas por homens.<sup>93</sup>

---

<sup>91</sup> FLETCHER, M. H. op. cit. p. 28.

<sup>92</sup> MASON, U. op. cit. p. 44.

<sup>93</sup> MASON, U. Ibid. p. 50.

Contudo, a partir de 1942, quando o WRENS já havia se tornado parte oficial dos serviços da Marinha, por orientação do Almirantado uma reunião foi convocada para considerar a total administração do órgão pelo mesmo. Laughton, apresentara na reunião suas propostas quanto o organograma e regulamentos do WRENS, que foram aceitos com pequenas modificações pelo Almirantado:

The most important decision was that the WRNS should be run in every respect at all levels by women. As the Director WRNS put it, they had been obligated to prove themselves and largely left to work out their own salvation. Having done so, and with the committee's report behind them, the Admiralty's attitude was 'very generous'.<sup>94</sup>

O campo de atuação das Wrens continuava a aumentar. A guerra tomava proporções ainda maiores e mais homens eram convocados para o front, com isso, vagas que antes não eram abertas para mulheres começavam a surgir:

Radar detection finders, cinema operators, gunnery dome operators, recruiters, submarine attack teacher operators, meteorological duties, bomb range markers, vision testers, cine gun assessor, AA target operators, tailoresses, hairdressers, routing officers, orthoptists (...) Officers learning anti-submarine tactics at Western approaches headquarters in Liverpool were unaware that the 'enemy' against whom they pitted their wits were Wrens in the next room.<sup>95</sup>

A principal forma de propaganda e recrutamento para os órgãos militares acontecia através de pôsteres. Durante ambas as guerras, esse foi um dos recursos mais utilizados tanto para a convocação das forças armadas quanto para se propor novas formas de comportamento frente o racionamento de alimentos, cuidado com a saúde etc.

No caso do WRNS, o slogan que trazia a ideia inicial do órgão era “*Join the Wrens and free a man for the fleet*” que, traduzida seria “Junte-se às Wrens e libere um homem para frota”. Como apontado anteriormente, na Primeira e na Segunda Guerra Mundial o discurso que convocava as mulheres para tais órgãos se justificava na necessidade de se liberar homens para o serviço militar. Quanto mais mulheres pudesse atuar em serviços auxiliares, mais homens seriam aderidos à frota.

---

<sup>94</sup> MASON, U. op. cit. p. 51.

<sup>95</sup> MASON, U. ibid. p. 50.



O cartaz a seguir foi um dos primeiros a ser divulgado para tal convocação. Nele vemos o slogan do órgão em primeiro plano fazendo apelo ao recrutamento e treinamento feminino:



**Propaganda 10** – Join the Wrens and free a man for the fleet.

Artista: Desconhecido

Fonte: Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/29092>

No cartaz, o slogan do órgão traz em primeiro plano o apelo ao recrutamento feminino. Em segundo plano, mas ainda em destaque, ao centro do cartaz, vemos uma mulher fardada no uniforme padrão das Wrens não-oficiais. Segundo pesquisas do Imperial War Museum, Londres, o WRNS foi apontado como o órgão feminino mais estiloso entre os outros, principalmente com relação ao uniforme<sup>96</sup>. No cartaz, as linhas suaves da farda foram retratadas pela técnica do aerógrafo que começara a ganhar popularidade durante as produções de pôsteres de guerra.<sup>97</sup> A mulher no cartaz se apresenta com postura e semblante sérios, em posição de sentido. Como fundo, as cores branca e azul remetem ao

<sup>96</sup> NICHOLSON, Virginia. op. cit. p.163.

<sup>97</sup> \_\_\_\_\_. Imperial War Museum Collections. Londres. Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/29092>. Acessado em: 18 de Janeiro de 2015.

serviço no mar e à temas navais. O próprio mar é retratado no fundo do cartaz, se unindo ao horizonte – maior relação com a Marinha e ambiente de serviço.

O cartaz a seguir fora publicado um ano antes do término do conflito. Nele, ao contrário do anterior, não se trabalha com o slogan principal do órgão e sim: “*Join the Wrens – We Still need you*” como frase de impacto do cartaz. Nela, faz-se apelo a apresentação de mulheres para o serviço com a justificativa baseada na frase “...nós ainda precisamos de você” – fazendo um lembrete a necessidade constante de convocação de mulheres para os demais serviços justamente pela urgência em se recrutar homens para atuar em alto-mar.



**Propaganda 11** – Join The Wrens – We Still Need You. 1944.

Artista: Desconhecido

Fonte: Imperial War Museum - <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/29092>

Em segundo plano, mas ainda em destaque, uma jovem é retratada em uniforme, com uma expressão alegre passando a imagem de satisfação – que pode ainda ser interpretada como conquista. Ao ser analisada juntamente com as bandeiras que se prostram em movimento às suas costas, uma aparente junção entre as bandeiras da Grã-Bretanha e Inglaterra, traz ainda uma ideia de patriotismo remetendo ao discurso de muitas que serviram ao órgão de estarem fazendo sua parte no esforço de guerra. Atrás das bandeiras, mais ao fundo do cartaz, vê-se novamente a retratação do mar e do horizonte.

Ambos os cartazes apresentados trazem a mensagem de recrutamento junto à questão da posição da mulher em meio ao ambiente militar. Ao serem centralizadas nos cartazes ganham imediata importância para o esforço de guerra já que ali, estão sendo retratadas como cruciais para o bem da própria Marinha ao liberarem homens para a guerra. São atrativos principalmente por trazerem a imagem da mulher em um ambiente não necessariamente novo, mas ainda desconhecido e tímido em relação à elas. Enquanto o primeiro traz um aspecto mais sério com o enfoque disciplinar, o segundo, é trabalhado de uma forma mais informal, com cores mais vibrantes e com maior movimento.

Essa participação e inserção feminina podem ser estudadas e analisadas a partir de dois conceitos-chave trazidos para colaborar com as questões de adaptação e inclusão destas mulheres em um espaço diferente. O primeiro conceito seria uma ampliação do conceito marxista de *capital*, trabalhado por Pierre Bourdieu, mais especificamente sua definição de *capital simbólico*. O acúmulo de capital simbólico pode ser compreendido como a aquisição de um conjunto de signos e símbolos que possibilitam a situação de um indivíduo em determinado espaço social:

Não é somente o capital econômico, como na abordagem marxista tradicional que está no princípio das desigualdades sociais, mas também o capital cultural, o acesso aos bens simbólicos não redutíveis aos valores mercantis. É pelo capital simbólico que os dominantes impõem aos dominados seu arbitrário cultural, as hierarquias, as relações de dominação (...).<sup>98</sup>

Estes símbolos podem ser percebidos, por exemplo, nos cartazes de convocação apresentados anteriormente. Os pôsteres de guerra traziam o apelo a esta convocação através dos signos, símbolos e posturas, enquadramentos e cores, que acabam atraindo essas mulheres, de forma sensorial, para fazerem parte de um novo espaço. Não só tais

---

<sup>98</sup> LOYOLA, Maria. **Bourdieu e a Sociologia**. In: LOYOLA, M. Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andrea Loyola. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. p. 66.

cartazes, como panfletos e folhetos eram distribuídos com o mesmo intuito, mostrando para estas mulheres - e para a sociedade como um todo, que podiam fazer mais pelo país, pela sociedade e pela família se fizessem parte do esforço de guerra britânico.

O esforço do departamento de propaganda de guerra trabalhava contra os estereótipos sociais do período. No capítulo anterior, analisamos as mudanças que começavam a ocorrer no espaço social para as mulheres – como novas possibilidades de emprego e atuação política que começavam a surgir. Contudo, essa atuação ainda era delimitada pela própria sociedade e política. Se antes as mulheres não tinham direito ao voto, tão logo fossem necessárias já seriam convocadas para o esforço de guerra. No contexto da Segunda Guerra Mundial, apesar de já desempenharem papel social importante, a atuação das mulheres em sociedade ainda encontrava restrições. Por esta mesma razão, a apresentação de currículos e formulários para as forças armadas crescera rapidamente – apresentava ali a oportunidade de fazer parte de um ambiente que lhes era negado anteriormente. Apesar de toda mobilização e campanha para o ingresso de mulheres nas organizações – frisando que esta participação não era inédita em termos gerais – muito ainda se debatia e criticava sobre o vínculo destas mulheres voluntárias com seu órgão militar:

As it became clear that women were in the military for the duration, evil-minded rumours were spread by GIs eager to drive the women out of the service. They appeared to rest on the assumption that the military was “unnatural” for women and that only those with base motives could wish to serve. The women who joined must therefore be deviants in some respect. The rumours and gossip portrayed women as either prostitutes intended to ‘service the troops’ or lesbians who stage orgies in the barracks (...)<sup>99</sup>

Em seu livro intitulado *Millions Like Us*, Virginia Nicholson traz um apanhado de depoimentos, fotografias e cartas que contam a participação e o voluntarismo de tais mulheres durante a guerra. Em um dos depoimentos sobre os quais Nicholson comenta, a respeito do preconceito por elas sofrido, encontramos uma referência que teria sido feita por um soldado à um jornal local a respeito da conscrição de tais mulheres:

Bevin’s hand was forced to make this Essencial Work Order, but his heart was not in the legislation, and he continued to appeal for volunteers. Uncertainty sharpened the inevitable controversy

---

<sup>99</sup>HACKER, Barton; VINING, Margaret. **A Companion to Women’s Military History**. Boston: Brill Academic Publishers, 2012. p. 248-249.

over women's conscription. 'We all feel very strongly', wrote a soldier to the *Daily Sketch*, 'against the conscription of our wives and sweet-hearts, who are the very people we are fighting to protect from Nazism and all it stands for'. The Labour Party conference came down against the measures, with one MP claiming that servicemen felt 'tremendous resentment about the women left behind in the home being turned out to do tasks for which they were not fitted.'<sup>100</sup>

Bevin, à que se refere a passagem anterior, é Ernest Bevin, então Ministro do Trabalho e secretário geral do *Transport and General Worker's Union* que atuava com o objetivo de atrair mulheres a se voluntariarem para o esforço de guerra – mais precisamente para o trabalho nas indústrias. Na ilustração podemos perceber como essas representações são bem colocadas. O senhor que aparece na imagem – que pela crítica é uma referência ao ministro do trabalho, mas aparenta ser uma espécie de estilista – apresenta à uma mulher sentada a “nova tendência” que estaria surgindo por ocasião da guerra. Como se estivesse desfilando, uma mulher vestida em um macacão e com um lenço na cabeça, se posiciona à frente de uma outra mulher - que está sentada e bem vestida – e assume uma postura mais firme, apoiando o braço na cintura e segurando uma ferramenta em uma das mãos, que nos remete ainda, à representação fálica. Ao analisarmos essa imagem percebemos como a postura da mulher de macacão representa uma espécie de masculinização de seu comportamento como se, ao assumir novas tarefas e funções em fábricas e no esforço de guerra, esta mulher precisasse necessariamente, perder parte de sua “identidade feminina”.

A ilustração abaixo foi publicada no *Daily Sketch* e, ao mesmo tempo em que divulgava uma nova situação para as mulheres, também criticava a própria impressão que algumas destas mulheres poderiam ter frente a essa mudança. Como dito anteriormente, parte da sociedade que não concordava completamente com tal engajamento criticava-o justamente pelo medo deste modificar os estereótipos e os comportamentos das mulheres, descaracterizando conseqüentemente, os homens de suas funções.

---

<sup>100</sup> NICHOLSON, V. op. cit. p. 112



Figura 1 – “The Shape Of Things To Come”<sup>101</sup>

Contudo, apesar de incentivos, o debate acerca das questões que envolviam os sexos e suas funções tomava frente. Principalmente quando relacionavam mulheres ao ambiente militar. Se as tensões ora tendiam para os costumes e padrões, ora para as emergências da guerra, mesmo que não houvessem dúvidas na continuidade pela inserção de tais mulheres neste espaço, algumas restrições tendiam a aparecer:

The controversy struck at the very heart of the relationship between the sexes. The effect of women’s conscription on me in the services abroad was only part of it. The army had a sleazy reputation; parents fearful that their daughters would be seen as ‘camp-followers’, needed reassurances that their virtue would be carefully safeguarded. Images of housewife snipers and grannies with machine-guns haunted the public consciousness. Surely a woman couldn’t be expected to kill Germans, like a man? To counter this, a clause was carefully drafted into the Act: ‘No woman should be liable to make use of a lethal weapon unless she signifies in writing her willingness to undertake such service’. Feminist, meanwhile, welcomed the measures – women’s energies had been wasted long enough; it was time to put them to work.<sup>102</sup>

O trecho acima nos mostra tamanha controvérsia entre essa politização de funções. O medo e as incertezas de tais medidas sempre urgiam por certas seguranças e limites que atuariam como forma de controle em como e quais tarefas tais mulheres poderiam desempenhar e, se alistarem como combatentes de fato, não seria uma delas.

<sup>101</sup> NICHOLSON, V. op. cit. p. 112.

<sup>102</sup> NICHOLSON, V. ibid. p. 113.

## 2.2 Entre Treinamentos e Experiências.

Ao mesmo tempo em que o governo procurava atrair as mulheres para servirem em peso ao esforço de guerra, tal atitude chocava-se de imediato com costumes sociais e padrões daquilo que se compreendia como feminino ou masculino. Vemos então surgir um movimento de forças opostas, ora cedendo para um lado e para outro. Contudo, por pior que fossem os rumores e difamações contra aquelas que escolhiam servir, tais órgãos recebiam mais currículos tão intensa a guerra se tornava.

A ideia da politização das relações de gênero conceitua de forma clara esse movimento. Permite-se que tais mulheres atuem em determinado espaço e com funções que antes eram consideradas como masculinas, por uma emergência política ou necessidade extrema. Mais evidente ainda quando esta participação feminina rompe paradigmas e expectativas quanto certas tarefas, consideradas aquém ao universo feminino. Contudo, essa permissão é, não só temporária, como em parte restritiva pois, ao mesmo tempo em que se concede um espaço de atuação, restringe-se outro. Na Marinha, por exemplo, as mulheres de início não poderiam atuar em alto-mar ou abordo de uma embarcação em combate – e durante toda a guerra não serviram oficialmente como combatentes.

Os preconceitos e limitadores dessa atuação eram tanto percebidos no âmbito externo quando no interno no que diz respeito ao órgão. Se ao ingressarem no WRNS tais mulheres superavam em parte as impressões sociais, quando alistadas e atuando em uniformes, encontravam outros.

Essa restrição pode ser exemplificada, em parte, pela seleção de documentos a seguir. Extraídos de um arquivo com correspondências oficiais, as cópias de telegramas a seguir demonstram tanto uma suposta surpresa do Almirantado quanto ao desempenho de algumas motociclistas mensageiras – cargo conhecido como *Despatch Riders*, onde trabalhavam transportando encomendas e documentos – quanto a preocupação e a dúvida em se permitir que mulheres pilotassem motos mais robustas, a noite.

Nos Documentos 1A e 1B, apresentados a seguir, escritos em 23 de Janeiro de 1942, por um oficial no comando de um porto em Liverpool, encontramos uma reclamação quanto ao desempenho de algumas dessas mensageiras.

Na carta, escrita com cópia para o superintendente e para a diretoria do WRNS, o comandante local comenta, no Documento 1A, no item (1) que, devido a geografia e

especialização das docas em questão, somente motos maiores e mais fortes seriam de fato eficientes para o trabalho pleno das atividades das mensageiras, especialmente nos meses de inverno; no item (2) comenta que as pilotos do WRNS não seriam fortes o suficientes para pilotarem motos mais robustas, já que mesmo com as motos mais leves, acidentes eram frequentes, causando injúrias tanto às motoristas quanto ao veículo (por conta principalmente das estradas irregulares e movimentação das docas); no item (3), o comandante comenta que uma sugestão de adicionar um “sidecar” à moto preveniria o problema (provavelmente pela questão do equilíbrio e estabilidade) mas que *experts* já tinham o alertado que, a adição do mesmo requisitaria maior habilidade do piloto do que em conduzir uma moto sozinha; no item (4) comenta que além dos cuidados com as pilotos, os gastos com reparos das motos eram constantes; no item (5) aponta alguns mecânicos e outros trabalhadores da garagem responsável pelos veículos do porto e que, um mecânico especialista em motos teria trocado de funções para atender a necessidade de reparo das motos das Wrens, contudo, o mesmo teria pedido para retornar à antigas funções já que sentia-se desiludido com o constante retorno das motocicletas.

No Documento 1B, item (6) traz os números totais, somando 250 dias, que resultam do afastamento das mensageiras, hora por doenças (provavelmente por ocasião do mal tempo), hora por acidentes e que, aquelas que ali serviam teriam tido um mínimo de treinamento necessário para atuarem nessas funções; finalmente, no item (7) o comandante local pede a substituição de tais pilotos por homens, já que elas se mostraram inadequadas para tal; no último item (8) o comandante sugere que a idade dos homens a serem recrutados seja entre 16 e 18 anos devido à necessidade de homens para servir e que por ocasião de severos bombardeios locais o sistema de telefonia não operava como deveria, fazendo com que a substituição fosse fundamental.

Os documentos são reproduções fotográficas do material original, autorizado e disponibilizado pelo *The National Archives*, em Richmond, Kew. Tal documentação não estava disponível para consulta pública até o ano de 1972. Apesar do tempo, e da qualidade do documento, é possível ler com nitidez os informativos do mesmo.



Royal 4035

&amp; 1646

City 247

Reference CGPH/KF.

No. M/15/66.

H.M.S. EAGLET,

ROYAL LIVER BUILDING,

LIVERPOOL, 3.

23rd. January, 1942.

The Flag Officer-in-Charge,  
Liverpool.

(Copy to: Superintendent W.R.N.S.  
Chief Officer, W.R.N.S.)

W.R.N.S. DESPATCH RIDERS.

Experience has shown that the above are not a success in the Port of Liverpool.

1. The conditions prevailing, especially in the winter months, in the 11 miles of docks on either side of the River, due to the rough nature of the roads, railway points and lines, caissons and dock gates are such that only heavy motor cycles stand up to the work.
2. W.R.N.S. Riders are not strong enough to manage these heavy machines and they have been tried out with lighter machines, but, even with these it is found that accidents incurring serious injuries to riders and damage to machines are all too frequent.
3. It has been suggested that the addition of a side-car to the motor cycle would obviate these difficulties, but expert opinion appears to be that the addition of a side car necessitates even more expertness than is required to manage a motor cycle solo.
4. A serious matter, apart from the injuries sustained by the riders and the possible deterioration of the health of these young women in the National Interest, apart from a personal one, is the amount of repair work necessitated to the machines.
5. The two garages which maintain the motor transport of 114 vehicles under the S.N.S.O. in this Port, have a combined staff of three mechanics, one assistant mechanic and one greaser, whose time is fully occupied in keeping the fleet in running order. At one time an M.T. Driver who, before calling up, was an expert motor cycle mechanic, was put into the repair side to deal with the motor cycles of W.R.N.S. Despatch Riders, but after a few weeks he

Cont. Over ...

few weeks he/

-2-

became so disheartened at the constant return of machines that he had put into perfect order, that he requested and was returned to the work he had enlisted for, i.e. M.T. Driver. My information is that there are ~~never~~ seldom less than 4 motor cycles at a time under repair at a motor cycle repairer's shop, and it is observed that the aggregate expense of these repairs must amount to a very considerable sum.

6. A list is attached showing the number of days "off duty" in the last 17 months of Wren Despatch Riders, caused by accidents or sickness, which amount to over 250 days. It will be observed furthermore that these Despatch Riders have had a minimum of training and experience when they start duty.

7. It is recommended that, however successful elsewhere, Wren Despatch Riders are not suitable for this Base and therefore that they should be replaced by Male Despatch Riders.

8. It is suggested that in view of the Man Power situation youths of 16½ to 18 years of age, who are well experienced in motor cycle riding, could be found in the various Cadet Corps who would successfully carry out these duties and could, if thought advisable, be enrolled into a Corps of Despatch Riders. In view of the interruption to telephone communications caused by severe air attack, such a Corps of Despatch Riders might prove of the greatest value.



*G. G. P. Howard*

MAINTENANCE CAPTAIN,  
LIVERPOOL.

II.

No. 260/370.

Commander-in-Chief, Western Approaches.

(Copy to Maintenance Captain, Liverpool.

Chief Officer, W.R.N.S., Liverpool.)



Forwarded for consideration.

2. I fully concur with Minute I that W.R.N.S. Despatch Riders are unsuitable in the Port of Liverpool, and that they should be replaced as suggested in para. 8 of Minute I; but that the minimum age should be 17 years.

LIVERPOOL.

1st February, 1942.

*J. M. Hutchie*

REAR-ADMIRAL,  
FLAG OFFICER-IN-CHARGE.

É possível perceber que a questão física é diretamente ligada ao gênero do mensageiro que, por ser mulher, teria uma natureza mais fraca e/ou frágil e que, por este motivo, não estariam aptas para o serviço naquele local específico. Contudo, vale a pena ressaltar que o condicionamento físico poderia sim, ser determinante para o desempenho das pilotos ao passo que, treinamentos e exercícios de aptidão física (não somente a habilidade de pilotar) seriam extremamente necessários para o serviço – e não foram cumpridos de forma homogênea. Em um documento presente entre as mesmas correspondências, encontra-se uma folha contendo informações das mulheres que serviam como mensageiras e pilotos daquela estação, em especial.

No Documento 2, são dispostos em uma tabela, nomes das pilotos, onde eram empregadas, a data em que ingressaram como mensageiras na unidade específica, onde e como foram treinadas, o tipo de veículo pilotado, a eficiência em pilotá-lo, e ainda a quantidade de dias que ficaram afastadas por ocasião de qualquer injúria ou acidente.

A coluna mais à direita do documento, onde se elencam os dias de afastamento para cada Wren, está danificada impossibilitando a leitura completa e certa dos dias e razões pelas quais algumas condutoras estariam afastadas. Contudo, é fácil constatar que, todas as apresentadas na lista estiveram envolvidas em algum tipo de acidente que as afastaram do serviço – mesmo estas tendo conceitos máximos como “A” ou “AA”.

Na coluna indicada como “Where & How Trained” encontramos o local e a forma pela qual essas mulheres aprenderam a dirigir, assim como a experiência de direção em veículos específicos. Percebemos que a origem e experiências prévias variavam muito: a mensageira W. Dobson possuía sua própria motocicleta e teria aprendido a dirigir sozinha, assim como sua colega I. Ivory que teria se auto instruído no *First Aid Nursing Yeomanry* (F.A.N.Y.)<sup>103</sup>. A mensageira Rawlinson, já teria experiência anterior servindo em uma estação aérea conhecida por *HMS Daedalus II*<sup>104</sup>. Já outras pilotos da mesma lista, teriam treinamento comum pelo R.A.S.C.<sup>105</sup>.

---

<sup>103</sup> F.A.N.Y ou *First Aid Nursing Yeomanry* era uma organização independente formado exclusivamente por mulheres voluntárias que englobavam tanto serviços de enfermagem quanto logístico durante as guerras mundiais. Durante a Segunda Guerra Mundial, o corpo foi adaptado para servir as necessidades de locomoção do A.T.S (*Auxiliary Territorial Service*). Com um quadro específico para os serviços de transportes esta organização possuía sua própria hierarquia e uniformes apesar de não ser parte de nenhuma força armada específica. Também ficou conhecida no pós-guerra por ser uma das formas mais importantes pela qual o Serviço de Espionagem atuava. Treze membros do FANY foram capturadas e assassinadas pela Gestapo quando atuavam na França.

<sup>104</sup> HMS Daedalus II foi uma estação aérea da Marinha e uma estação de treinamento que funcionou durante os anos de 1940 e 1946.

<sup>105</sup> R.A.S.C ou *Royal Army Service Corps*, foi um corpo específico do Exército Britânico responsável, particularmente pela logística da instituição – hoje, o corpo faz parte do *Royal Logistic Corps*.

ENCLOSURE TO LETTER NO: M/15/66 OF 23/1/42.

W.R.N.S. DESPATCH RIDERS.

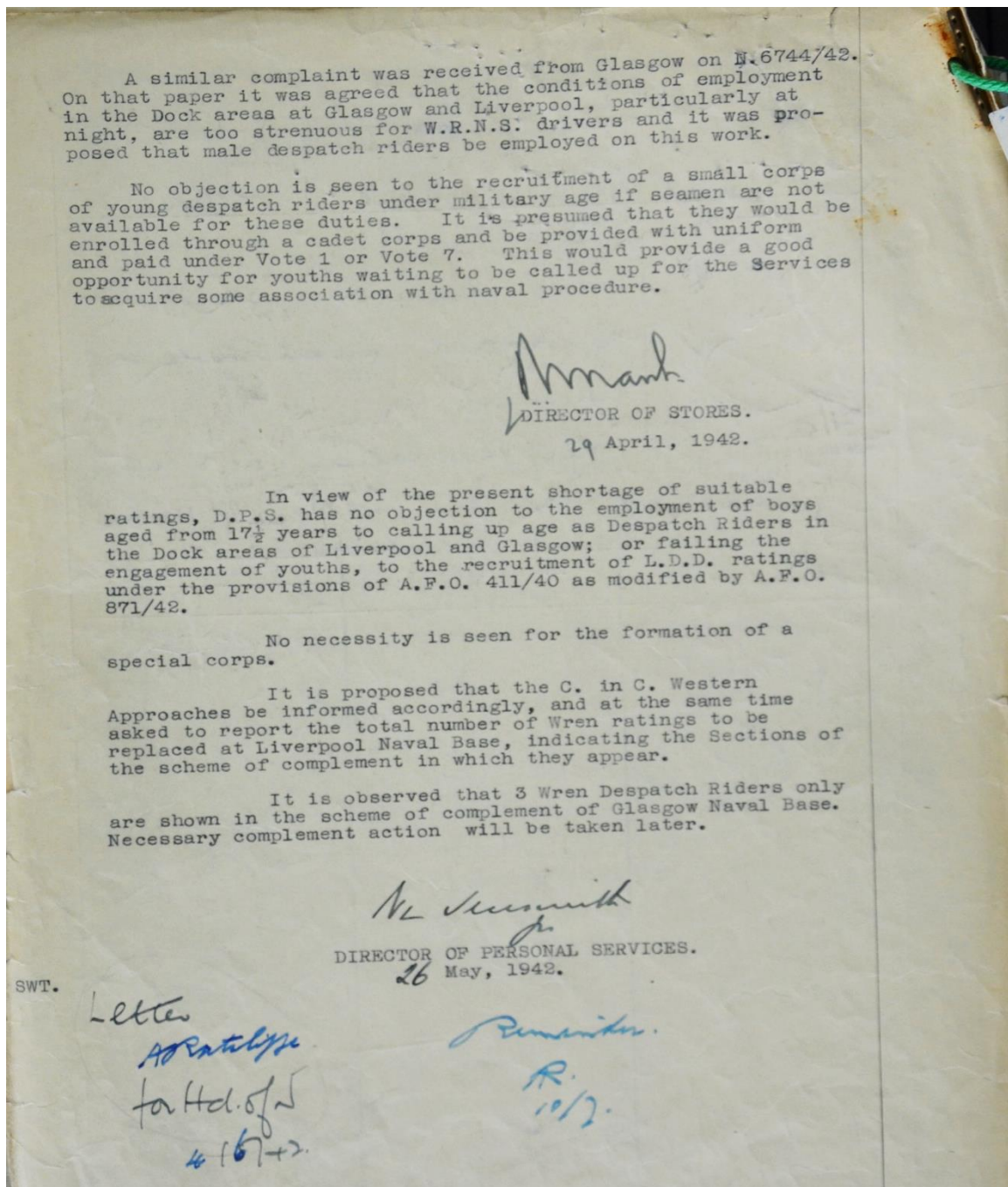
Where Employed.	Name.	Date joined this Area as Dispatch Rider.	Where & how trained.	Conduct.	Efficiency.	No. of days off duty in 1941 owing to accident or sickness.
Royal Liver Building.	I/W. Dobson.	23/8/40.	Had own motor cycle. Ridden for years in I.O.M. No training.	V.G.	A.A.	16 days due to accident. 10 days sickness.
"	I. Ivory.	15/7/41.	Taught herself. One week at F.A.N.Y. School Camberley.	G.	A.A.	8 days, Accident.
"	Strong.	13/11/41.	Car experience. 14 days at R.A.S.C. School, London.	V.G.	A.	7 days, Accident.
"	Sants.	4/11/41.	-ditto-	V.G.	A.	Accident. (Now in Infirmary).
"	Crellin.	15/8/41.	14 days at R.A.S.C. School, London.	G.	A.A.	8 days sick.
"	Marsden.	1/7/41.	A little private experience. 14 days at R.A.S.C. School, London.	V.G.	A.	96 days Accident (followed by a couple of months on clerical duty).
"	Ashton-Smith.	1/8/41.	Car driving. 14 days at R.A.S.C. School, London.	G.	A.	Sick ashore. Went sick. Not yet returned to duty.
Orrell Hey.	Patterson.	22/8/41.	Car driving. 14 days at R.A.S.C. School, London.	V.G.	A.A.	8/1/42 Accident. Not yet returned to duty.
" "	McGuire.	22/8/41.	Car driving. 14 days at R.A.S.C. School, London.	V.G.	A.A.	22/11/41. Reported sick. Intense strain. Still off duty.
" "	Rawlinson.	21/3/41.	Private experience. Further experience at "DAEDALUS II".	V.G.	A.A.	

Documento 2 – W.R.N.S Despatch Riders. Enclousure.

Data: 23 de Janeiro de 1942

Origem: The National Archives, Kew, Richmond.

Desta forma, ficou acordado entre as partes do alto comando da Marinha – tanto do Almirantado quanto pela própria Diretoria do W.R.N.S. que a substituição das mensagerias seria necessária. Homens a partir de dezessete anos e meio, poderiam ser convocados para o serviço mesmo que ainda não estivessem alistados, como visto no Documento 3, a seguir:

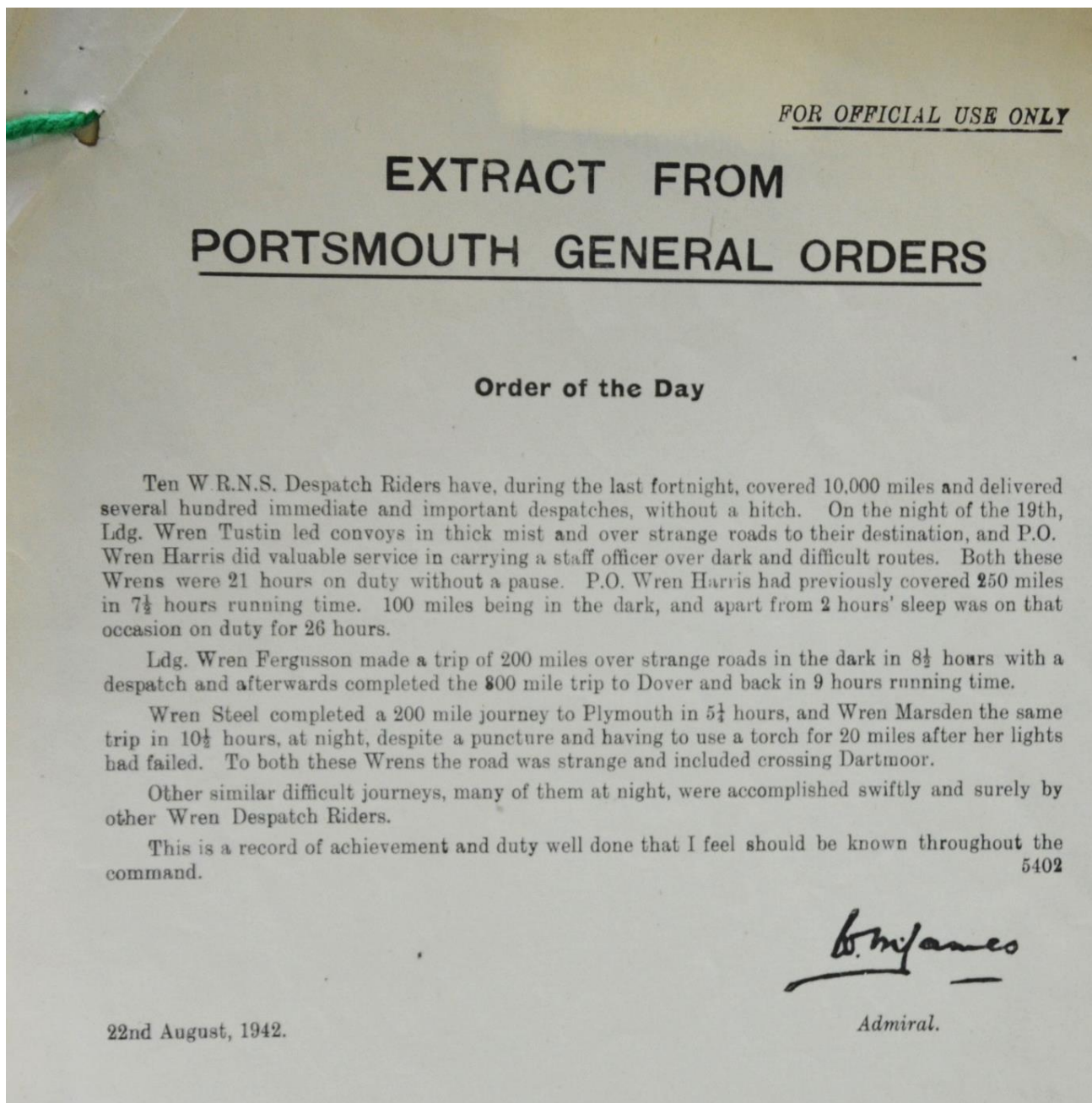


Documento 3 – W.R.N.S. Despatch Riders considered unsuitable at Liverpool

Data: 29 de Abril de 1942

Origem: The National Archives, Kew, Richmond.

Contudo, mesmo após tal decisão e sob a possibilidade de uma padronização nos modelos das motocicletas para o serviço de mensageiros, sob ainda ameaça de se cessarem a convocação para mulheres preencherem tais vagas, um comunicado escrito diretamente pelo Almirante de Portsmouth, em resposta a uma dúvida sobre a capacidade de direção de tais mulheres, traz números impressionantes da atuação das mesmas nesta base específica, como podemos verificar no Documento 4:



**Documento 4** - Extract From Portsmouth General Orders  
Data: 22 de Agosto de 1942  
Origem: The National Archives, Kew, Richmond.

O Documento 4 traz elogios ao desempenho das mensageiras alocadas em Portsmouth citando casos específicos, como o da *Leading Wren* Tusting, e da *Petty Officer Wren* Harris que juntas, teriam somado vinte e uma horas de serviços ininterruptos e onde a Wren Harris já teria percorrido cerca de 250 milhas no período de sete horas corridas das quais, 100 milhas teriam sido percorridas à noite, estando em trabalho por mais de vinte e seis horas. Nas palavras do Almirante, o comunicado seria um registro da conquista e de um trabalho bem feito, o qual achava de bom grado ser reconhecido pelo comando local.

A análise dos documentos anteriores nos mostra que existia a crença nas condições naturais femininas e masculinas para serviços em situações específicas. Enquanto um grupo de mulheres não tivera desempenho esperado por um comando, em outro tinham seu trabalho devidamente reconhecido. Colocando de lado a questão da qualidade das estradas, da ambientação e da movimentação de cada local apresentado (Liverpool e Portsmouth) vale ressaltar que, em primeira análise a questão do treinamento parece fundamental. Muitas daquelas empregadas nos cargos de mensageiras aprenderam a pilotar sozinhas ou tinham tido uma pequena experiência em condução em outras organizações. Contudo, a desqualificação daquelas que atuavam em Liverpool não levou em conta tal aspecto, justificando somente que tais mensageiras não conseguiam ter um bom aproveitamento de suas atividades e que, por serem mulheres, não conseguiriam lidar com um novo tipo veículo – veículo este que fora pensado para melhorar o desempenho dos mensageiros no geral mas que, por serem mais robustos, não seriam adequados para mulheres.

Não existem registros, no entanto, que possam servir de referência quanto ao emprego e desempenho de jovens a partir de dezessete anos para estas funções. De acordo com os documentos eles seriam recrutados a partir de escolas de cadetes ou seriam selecionados entre aqueles que ainda aguardavam serem convocados. É possível que estes também não tivessem experiência como motoristas, principalmente por conta da idade mas, mesmo assim, foram a opção em substituí-las.

Levantar a hipótese sobre o gênero e o papel social que homens e mulheres possuem para esta questão parece válido. Nenhum dos documentos anteriores trabalha com o apontamento sobre treinamento como principal diferenciador e sim sobre a capacidade sensorial e física de cada um deles. A construção social sobre as habilidades e tarefas que seriam intrínsecas em homens e mulheres segregava ainda a área de atuações dos mesmos.

A seleção para as vagas de mensageiras ficaram mais restritas e mais seletivas. Aquelas que já serviam nesta função em alguns postos e bases mantiveram como tal, contudo o fornecimento de vagas deste cargo para mulheres diminuiu.

Quando pensamos em forças armadas algumas imagens nos são imediatamente familiares: a farda, a forma, a disciplina, o hino, a bandeira. Todos têm em comum a identidade para com sua força em particular e sua nacionalidade, patriotismo. A disciplina, neste caso, pode ser vista como a principal característica comum à todas elas. É através da disciplina, treinamentos e adequação aos padrões de cada força que se cria e se estabelece a identidade de um indivíduo com ela. Desta forma, ao se preocuparem com o treinamento dado à homens e mulheres que ingressam em determinada força, estão relacionando este treinamento diretamente com a adequação dos corpos, sua disciplinarização.

As fotografias a seguir retratam o momento de treinamentos físicos e de tiro que demonstram o condicionamento das ingressantes ao novo órgão.



**Fotografia 8** – Physical Training fo Happy Wrens

Fonte: Imperial War Musuem Collecions

Disponível em:

<http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205139033>



A Fotografia 8 nos apresenta um momento de descontração entre as Wrens em uma aula de educação física. Todas parecem fazer pose para o momento da foto com um movimento específico do treinamento e todas aparentam estar alegres e sorridentes. Vestem roupas casuais, no geral sapatos conhecidos como *Oxford*, saias *longuetes* – ou plissadas ou *evasé*. Estão se exercitando em um campo aberto, que parece ser um jardim. A casa ao fundo é, provavelmente, um local onde tinham aulas e possível alojamento – não é trazida informação quanto ao local e ano da fotografia.

Apesar de não serem autorizadas a portar armas de fogo – a não ser em casos de extrema necessidade – algumas Wrens eram submetidas a treinos de tiros, representados pelas duas fotografias a seguir.



**Fotografia 9** – Instruction by the Sergeant of Marines, 1940.

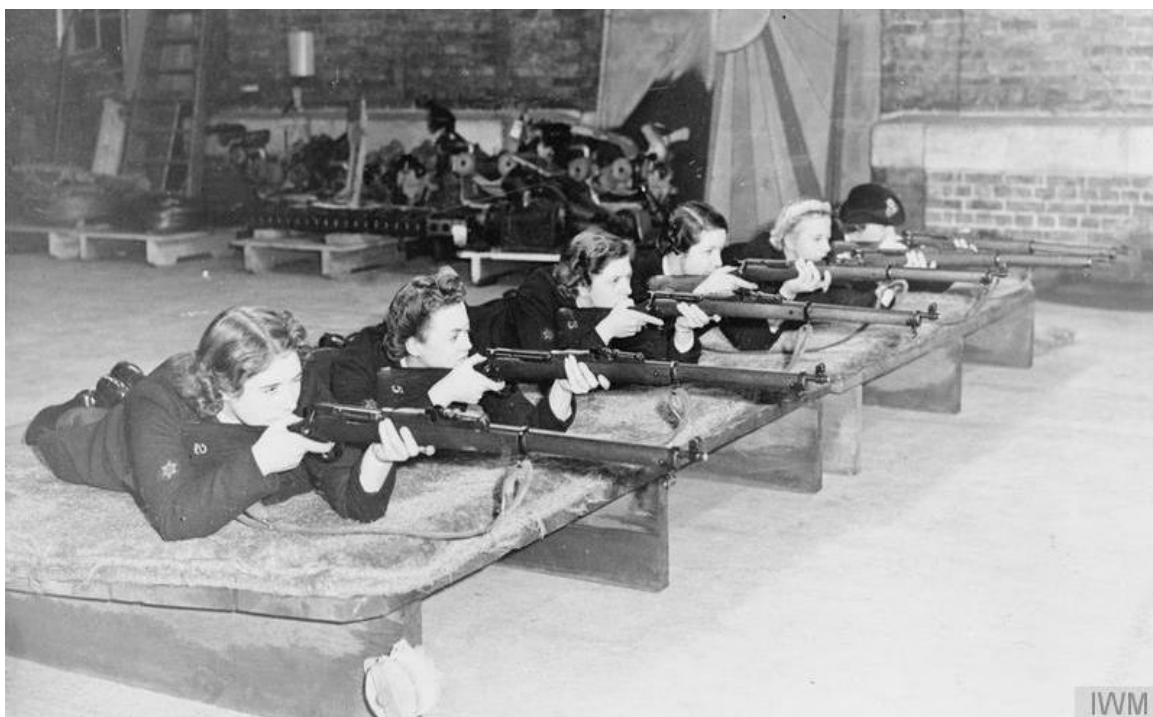
Fotógrafo: Tomlin, H. M.

Fonte: Imperial War Museum Collections

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205136050>

A Fotografia 9 retrata o momento em que seis Wrens recebem instrução de tiro de um sargento da marinha. Como a maioria das fotografias produzidas pelo departamento de propaganda e comunicações no período, esta fotografia em particular consegue se expor neste sentido já que, em meio a uma instrução, algumas Wrens sorriem para seu instrutor no momento da foto.

Já a Fotografia 10 retrata as mesmas seis Wrens em posição de tiro, mirando em um alvo – imaginário ou não. Em ambas as fotos, tiradas dentro de um ambiente amplo, todas as Wrens estão fardadas, deitadas em uma superfície inclinada, coberta por algo que lembra um edredom. É possível perceber, também, que em ambas as fotografias, existe uma oficial posicionada mais ao fundo. Sua identificação pode ser feita pois é a única a usar (quase como ostentação) o chapéu com três pontas – somente as oficiais usavam este tipo de chapéu.



**Fotografia 10** – WRNS At Work at the Rifle Range, 1940.

Fotógrafo: Tomlin, H. M.

Fonte: Imperial War Museum Collections

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205136049>

As Fotografias 11 e 12 retratam o momento em que a Diretora do W.R.N.S. inspeciona uma formação na estação aérea localizada em Hatson em maio de 1942 conhecida por HMS Sparrowhawk. Todas as Wrens, classificadas como *ratings* estão dispostas em posição ereta para a inspeção dos uniformes, em frente a um galpão. Laughton é auxiliada por duas outras oficiais que caminham com ela durante a inspeção. Os uniformes são de cor azul marinho, bem escuros. Saias com as bainhas logo abaixo dos joelhos, meias calças pretas, luvas e um chapéu. A diferença entre os uniformes das oficiais se dá pelo uso do chapéu com três pontas e os detalhes presentes no uniforme – como nas mangas do casaco, além claro, das listras de identificação.



**Fotografia 12** - Mrs Laughton-Mathews inspecting WRNS, 1942.

Fotógrafo: Priest, L.C.

Fonte: Imperial War Museum Collections

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205142996>



**Fotografia 11** - Mrs Laughton-Mathews inspecting WRNS, 1942.

Fotógrafo: Priest, L.C.

Fonte: Imperial War Museum Collections

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205142997>

Já a fotografia a seguir retrata o momento de apresentação de um grupo de Wrens para o comandante Sir Henry Pridham-Wipell, responsável pela frota enviada ao mediterrâneo. Para auxiliar nos trabalhos locais, as Wrens da Fotografia 13 foram enviadas para Alexandria em 1942. Podemos perceber que o grupo de sete Wrens Oficiais é inspecionado e cumprimentado pelo comandante, que é acompanhado por mais quatro oficiais locais. O uniforme usado é o de veraneio – tanto os da Wrens quanto os dos oficiais da Marinha. Em cor branca, com saias abaixo do joelho, meias também brancas e sapatos Oxford brancos. O chapéu, de mesma cor, também possui estilo de veraneio, com abas mais alongadas e uma faixa azul marinho com o símbolo da marinha ao centro.



**Fotografia 13** - The Admiral shaking hands with WRNS officers.

Fotógrafo: Zimmerman, E. A.

Fonte: Imperial War Museum Collections

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205142899>

Como visto anteriormente, o capital simbólico a que se refere Bourdieu, trazido pela posse de símbolos e signos, também se relaciona com a questão do comportamento. Este, por sua vez, resultado direto do treinamento e aprendizado, se traduz naquilo que Bourdieu define como *habitus*.

De maneira mais simples, podemos compreender *habitus* como a apreensão de características e sistemas de um campo específico que pode ser adquirido e interiorizado por um indivíduo: *o habitus constitui um sistema de esquemas de percepção, de apreciação*

*e de ação (...) que nos permitam perceber, agir e evoluir com naturalidade num universo social dado*<sup>106</sup>

Para esta análise nos interessa, portanto, a questão em torno do *habitus militar*, que pode ser entendido como um conjunto de práticas, disposições e símbolos pertencentes a um campo, grupo ou ambiente em questão. Práticas e disposições estas que servem para identificar os indivíduos pertencentes a um grupo em particular a partir do seu comportamento, ideias, posturas, atitudes e interpretações do mundo. Dentro deste conjunto encontram-se as questões referentes à doutrina da instituição militar em questão, que nada mais é que um conjunto harmônico destas ideias e de entendimentos que ordena, distingue e qualifica uma organização – no caso a Marinha.

O *habitus* desta forma, mais especificamente o *habitus militar* aproxima e cria vínculos entre o indivíduo e seu meio. As voluntárias que se apresentaram a quaisquer vagas disponíveis no W.R.N.S., mesmo que com experiência prévia em alguma atividade, passaram por treinamentos e ambientações necessárias à este novo espaço.

Retornando aos depoimentos sobre marcha e comando que analisamos anteriormente, no início deste capítulo, podemos exemplificar novamente a necessidade desta ambientação.

Quando Christian Lamb e Margareth Gordon comentam da dificuldade que tinham ao se colocar em marcha justificam assim a necessidade de treinamentos, que na ocasião ocorriam de forma rápida e não tão intensiva. É válido ressaltar que aqui, fazemos exemplos e análises destes conceitos através da experiência e depoimentos de mulheres, contudo, é necessário frisar que assim como a maioria das mulheres que serviam ao W.R.N.S. – que nunca tinham sido familiarizadas com esta cultura – muitos dos homens que serviram à Real Marinha Britânica também o faziam pela primeira vez, apesar do serviço obrigatório.

Logo, os exemplos aqui trabalhados não pretendem excluir de forma nenhuma qualquer dificuldade e complicação que tenha ocorrido na seleção, recrutamento e treinamento de homens ao se alistarem para a marinha. Novamente, para tal, podemos recorrer ao Documento 3, quando nele apresenta-se a necessidade de se substituir mulheres já treinadas e com certa experiência, por homens que ainda aguardavam sua chamada para serviço. Provável que estes jovens de dezessete anos ou menos foram submetidos a treinamentos e ambientações específicas desta função e que, sem experiência prévia,

---

<sup>106</sup> LOYOLA, M. **Bourdieu e a Sociologia**. IN: LOYOLA, M: Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andrea Loyola. EDUERJ: Rio de Janeiro, 2002. p. 66.

tiveram dificuldades semelhantes – contudo, aceitáveis, segundo a lógica de seus supervisores.

Pensando nas propostas de Foucault acerca do corpo e sua dominação, podemos fazer um paralelo sobre a dominação e a relação entre corpo e instituição no que diz respeito ao comportamento dentro das forças armadas. Estas instituições são as primeiras a serem escolhidas pelas mulheres dentre uma lista de possibilidades – esgotando as vagas de forma rápida. Podemos pensar que esta procura é maior, pois algumas mulheres já atuavam fora do ambiente doméstico em algumas funções ligadas ao comércio, enfermagem e educação. Contudo, o ingresso em uma força armada não era possível se não em situações de guerra. Essa participação já fora experimentada, como vimos, pelas britânicas durante a Primeira Grande Guerra e justamente por isso, se intensificou durante o conflito seguinte.

Junto com todo o processo de seleção e triagem – questões de idade, trabalho, se tinham ou não tinham filhos, se eram alfabetizadas, se tinham alguma experiência, etc. – vem a ideia trabalhada nos parágrafos anteriores sobre controle e que pode ser ampliada na questão de poder trazida por Foucault.

Ao afirmar que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. Foucault já explicita que micro poderes perpassam todo o corpo social, acarretando em transformações e modificações de condutas nos indivíduos. O corpo social, ao longo dos séculos, se consolida como algo fabricado, influenciado por uma coação calculada, esquadrihado em cada função corpórea, com fins de automatização.

O homem para Foucault é o principal alvo e objeto do poder, que tem como meta, a tarefa de incorporar nos corpos características de docilidade. É dócil “um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. Suas formas de modelagens são dadas através do adestramento, sendo utilizado como uma poderosa ferramenta de controle, que age de forma disciplinadora, considerado como uma das “fórmulas gerais de dominação”<sup>107</sup>.

Assim, segundo Pinho, “a disciplina, segundo a genealogia foucaultiana, diz respeito tanto a uma modalidade de poder que se caracteriza por medir, corrigir, hierarquizar, quanto torna possível um saber sobre o indivíduo”<sup>108</sup>. Sob o olhar da disciplina existem técnicas que norteiam todos os processos de modelagem.

---

<sup>107</sup> Idem.

<sup>108</sup> PINHO, L. C. “As tramas do discurso”. In: Castelo Branco, G.; Baêta Neves, L. F.. (Org.). **Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência**. Londrina/Rio de Janeiro: Nau, 1998, v., p. 183-192.

A partir deste raciocínio proposto por Foucault, podemos analisar como o controle dentro das forças armadas em relação à aceitação das mulheres em seus quadros aconteceu. As normas, os padrões de treinamento, a postura, os uniformes, os gestos, os hinos, as saudações, a hierarquia da instituição; todas as suas regras e doutrinas controlam e disciplinam os corpos de acordo com suas visões de mundo, concepções, filosofias e propagação do discurso: “(...) como funcionam as coisas no nível do processo de sujeição ou dos processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos, etc.”<sup>109</sup> e ainda “(...) somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função de discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder.”<sup>110</sup>.

Desta forma, a partir deste discurso de uma ciência específica, se estabelecem regras, padrões, normas que são características de cada área do conhecimento. Os corpos neste sentido, os sujeitos, ou agentes, são condicionados a agir segundo esta normalização, padronização, seja de comportamento, aparência:

(...) O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio (...).

A partir deste treinamento, dessa nova aprendizagem e adequação, as mulheres são introduzidas em um novo espaço, e dentro deste espaço possuem novas funções, novos comportamentos, sempre passíveis de uma vigilância, de um rigor. Sobre a questão da disciplina – no caso a militar – e sobre a questão do poder, podemos analisar uma passagem de Foucault a respeito de suas relações com a produção de conhecimento, específicos de cada área ou ciência:

(...) Na realidade as disciplinas tem o seu discurso. Elas são criadoras de aparelhos de saber e de múltiplos domínios de conhecimento. São extraordinariamente inventivas ao nível dos aparelhos que produzem saber e conhecimento. (...) As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra, não da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra “natural”,

<sup>109</sup> SWAIN, T. **Quem tem medo de Foucault? Feminismo, Corpo e Sexualidade**. Artigo digital disponível em; Acessado em 10 de Julho de 2013. Página 3.

<sup>110</sup> SWAIN, T. Idem.

quer dizer, da norma; definirão um código que não será o da lei mas o da normalização (...).<sup>111</sup>

Os corpos dóceis propostos por Foucault podem se enquadrar na análise do treinamento e padronização das mulheres dentro das forças armadas, pois estas agora possuem o domínio sobre estes corpos, os moldam de acordo com suas concepções. Contudo mesmo estando sob essa dominação, esta última também é passível de mudanças frente ao novo corpo que à ela tende a se adequar. Ou seja, ao mesmo tempo em que essas mulheres passam por um treinamento e doutrinação, estes últimos também se adaptam ao corpo feminino:

Essas técnicas que permitem o controle detalhado das operações do corpo, que realizam a sujeição permanente de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que Foucault chama de ‘disciplinas’. Estas visam à formação de uma relação que torna o corpo humano tanto obediente quanto útil, constituindo uma política de coerções que trabalham sobre o corpo, ‘uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos’. Essa política passa a ter domínio sobre o corpo dos outros, para que operem como se quer, através das técnicas. A disciplina, arte das técnicas para a transformação, tem por alvo os indivíduos em sua singularidade. E o poder de individualização tem como instrumento a vigilância permanente, classificatória, permitindo distribuir os indivíduos, julgá-los, medi-los, localizá-los e, por conseguinte, utilizá-los ao máximo. Desta forma, ‘a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’.<sup>112</sup>

Ainda sobre a questão dos treinamentos, nos documentos a seguir, de 1941, apresentam-se trocas de telegramas entre oficiais da Marinha e do W.R.N.S a respeito da necessidade de se expandir, com urgência, o período de treinamento de oficiais do W.R.N.S. Até então, menos de um ano após a abertura de vagas para voluntárias, a necessidade de oficiais para o órgão era urgente, já que as vagas auxiliares e administrativas cresciam em progressões geométricas. Além da necessidade de mais oficiais, o documento aponta ainda, a necessidade de se reestruturar os programas de treinamentos das mesmas já que, aquelas em plenas funções até então, não apresentavam desempenho satisfatório e, por isso, diminuía a eficiência do grupo como um todo.

---

<sup>111</sup> SWAIN, T. op. cit.

<sup>112</sup> NIEMEYER, F. KRUSE, M. **Constituindo sujeitos anoréxicos**. Dissertação de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. 9 páginas. Artigo disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72163/000679711.pdf?sequence=1>. Acessado em: 10 de Julho de 2013. Página 8.



No primeiro parágrafo do Documento A percebemos a justificativa central para a modificação do curso e da ampliação do mesmo proposto pela própria diretoria do órgão:

(...) It is also felt that W.R.N.S. Officers drafted as such reliefs are seriously handicapped by lack of training, which lowers their efficiency and places them at a disadvantage which is unfair to them. An Officers Training Course comparable to that given to prospective R.N.V.R. Officers of the Special Branch is a desideratum, but the following proposals are put forward as a practicable step in the right direction (...).

Vera Laughton, diretora do W.R.N.S., mostra ao escrever tal pedido, seu interesse por adequar o órgão aos padrões mais elevados da marinha. As discussões em torno da eficiência das oficiais é diretamente ligada à questão da sua ambientação, treinamento e prática, e a preocupação sobre as impressões externas e internas quanto a esta atuação aparece quando Laughton comenta sobre a injustiça que poderia estar ocorrendo quando estas mulheres não passam por um treinamento adequado. O R.N.V.R., ao qual se refere quando aponta os padrões de formação e treinamento, é o *Royal Naval Volunteer Reserve*, um órgão da marinha responsável por recrutar e treinar jovens voluntários para atuar em seu corpo. Contudo, imediatamente após essa sugestão, Laughton elenca em onze tópicos os passos para tais modificações, caso a padronização do curso com base no R.N.V.R. não fosse permitido. Neles, vemos sugestões de ampliação de aulas, horário e dias do curso completando um total de três semanas, observa ainda, que as despesas de transporte e material das Wrens inscritas no curso deveria ser custeado pelo Serviço de Fundos da Marinha.

The demand for W.R.N.S. Officers continues to be greater than the supply, and although a decision to cut down cypher staffs would ease the situation, it is obvious that more and more officers are going to be required for administrative work and as reliefs for Junior Naval Officers. It is also felt that W.R.N.S. officers drafted as such reliefs are seriously handicapped by lack of training, which lowers their efficiency and places them at a disadvantage which is unfair to them. An Officers Training Course comparable to that given to prospective R.N.V.R. Officers of the Special Branch is a desideratum, but the following proposals are put forward as a practicable step in the right direction.

- (1) The accommodation for the Officers Training Course to be enlarged by taking over space now allocated to the W.R.N.S. Training Depot at Greenwich, so as to be sufficient for 66 Cadets including those in cypher training and undergoing the Staff Duties Course.

Steps are already being taken to achieve this.

- (2) The Officers' Training Course proper to be lengthened from a fortnight to three weeks, in order that the syllabus may include more instruction on naval subjects.
- (3) Cadets to be drafted to the Officers Training Course once a week and a Passing Out Board to be held every week, so as to maintain a steady flow of officers.
- (4) Cadets selected as prospective cypher officers to attend a fortnight's cypher course (cyphering, teleprinting and typex) following the Officers Training Course, as at present.
- (5) Cadets selected as prospective reliefs for Junior Naval Officers and for Plotting and Operational duties to attend the Staff Duties Course now given at the R.N. College. This had already been agreed to on C.W. 32901/40. It is anticipated that from four to eight Cadets (or Third Officers) would attend each course.
- (6) Instruction in W.R.N.S. administration and lectures on general subjects to be arranged by the Superintendent W.R.N.S. Officers' Training Course as at present, but the Admiralty to be responsible for supplying technical instruction and to recognise the W.R.N.S. Officers Training Course as part of the College. Lecturing to the Officers' Training Course would therefore be part of the official duties of Naval Officers undertaking this.

(2/1/20) (1902) Wt. 20000/9711 4th 3/27 S.E.R. Ltd. Co. 571

Register No.	Minute Sheet No.
(7)	The syllabus of the Course <del>to be drawn up</del> to be drawn up by the Superintendent W.R.N.S., Officers Training Course, and after approval by the Captain and Director W.R.N.S., to be officially promulgated by A.F.O. or otherwise.
(8)	In this connection it is suggested that Lieutenant E.S. Gill, R.N.R., now serving in H.M.S. DRAKE in the R.C.S.O., who, it is believed, applied for appointment as an Instructor, should be appointed to the R.N. College as Instructor to the W.R.N.S. Officers' Training Course.
(9)	An additional Sergeant or Corporal of Marines (P.T.I.) to be appointed to the College, in order to assist in drill and P.T.
(10)	An additional Second Officer W.R.N.S. to be allowed, to act as Drafting Officer for the Officers' Training Course and Liaison Officer between the Officers Training Course and Officers Appointments (W.R.N.S. Headquarters), and also an additional Wren Writer for duty at the Officers' Training Course. The weekly drafts and increased numbers will make this additional staff indispensable.
(11)	Transport and victualling expenses of Lecturers and W.R.N.S. Officers visiting the Officers' Training Course in an official capacity to be recognised as a legitimate charge to Service Funds.
<i>CAF. G. STRATA</i>	<i>K. Langston Matthews</i>
	Director W.R.N.S. 18th October, 1941.

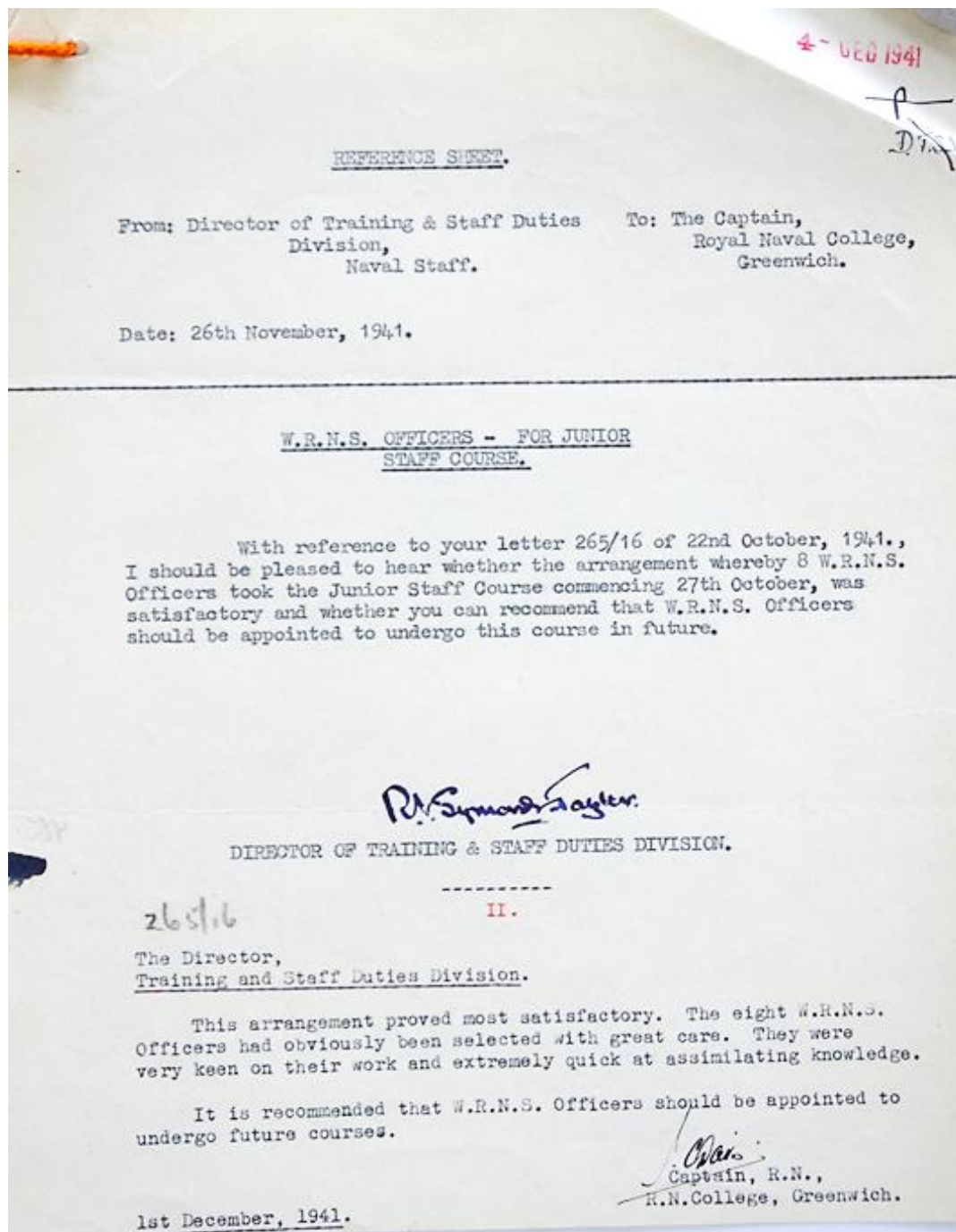
Documento 5B - Training of W.R.N.S. Officers

Data: 18 de Outubro de 1941

Origem: The National Archives, Kew, Richmond

ADMI/13981 CW 35125

Um grupo de 8 Wrens fora selecionado para fazer o curso extenso e, após completarem sua grade e serem aprovadas, algumas cartas de observação foram trocadas entre oficiais da marinha, como por exemplo, o documento a seguir.



**Documento 6 - W.R.N.S. Officers – For Junior Staff Course**

Data: 18 de Outubro de 1941

Origem: The National Archives, Kew, Richmond

ADMI/13981

O Documento 6 traz troca de correspondência entre o Diretor da Divisão de Treinamento e de Pessoal (*Training & Staff Duties Division*) e o Capitão da Real Escola Naval (Royal Naval College). Nela, ambos os oficiais comentam sua satisfação no desempenho das moças selecionadas e indicam que todas as outras Wrens que já ocupassem os cargos oficiais – ou aquelas por vir – fossem incentivadas a fazer tal curso.

As três semanas de curso intensivo se dividiam em atividades que iam desde simulações e exercícios físicos até aulas que tratavam sobre a vida de uma oficial do W.R.N.S., suas obrigações e responsabilidades, cotidiano, aulas sobre higiene, vida no mar, navegação, defesa pessoal, combate a incêndios, liderança etc.<sup>113</sup>

Contudo, mesmo com o desempenho sendo satisfatório, alguns cargos ainda não tinham obtido total aprovação de seus superiores, como o de cifradores e codificadores, que necessitavam de treinamentos mais direcionados. Com isso o curso começou a ganhar extensões específicas para cada cargo mais especializado.

O cotidiano de uma codificadora é trazido pelos relatos de Veronica Owen em seus diários de guerra. Suas cartas foram arquivadas por seus pais e hoje estão disponíveis para consulta no *Imperial War Museum* em Londres. Após o final da guerra, anos mais tarde, Owen se dedicou a reuni-las para contar sua história servindo ao W.R.N.S.

Quando a guerra foi declarada, Owen tinha apenas quinze anos e estudava no Canadá. Sua primeira intenção ao estudar era atuar como enfermeira, contudo, apesar do interesse do pai, por conta da idade, não pôde fazê-lo:

I had intended eventually to be a nurse so my father wrote to me on 19 June 1940, 'If you were 4 or 5 years older, I should like to think of you nursing the wounded in some hospital or hospital ship – As it is I think it's very much better that people of your age should be out of England – to ease the work of the ships bringing food & so on, and to make more room for the soldiers to fight & for the workmen who have to be here.'<sup>114</sup>

Os pais de Owen já tinham tradição em servir em tempos de guerra. Seu pai, fora comandante da Real Marinha Britânica e, já na reserva, serviu no Almirantado durante a Segunda Guerra Mundial. Sua mãe era coordenadora do departamento da Cruz Vermelha responsável pelo setor de comunicações da marinha. O histórico de seus pais, pode justificar a carta que seu pai a escreveu. Nela, percebemos ao mesmo tempo a vontade que

<sup>113</sup> As três tabelas referentes às três semanas de curso estão disponíveis no Anexo I deste trabalho.

<sup>114</sup> OWEN, Veronica. *Personal Diaries*. Imperial War Museum. p. 777.

seu pai demonstra em vê-la desempenhando um trabalho vital para os feridos em combate – o que sua mãe também o fizera – e o receio de que ela voltasse à Inglaterra. Para isso, se baseia em fatos que serviriam de incentivo contrário: quanto menos jovens ficassem na Inglaterra, menos urgência no abastecimento o país precisaria e mais espaço para acomodações de soldados estaria disponível.

Em uma de suas correspondências, Owen comenta sobre o curso que fazia em Toronto, com algumas colegas, e que em geral o curso e suas aulas eram bem fáceis. Entre aulas de Álgebra, Física, Geometria e Latim, também tinham aulas de educação física, basquete, lacrosse, hockey, entre outros. Abaixo, a tabela de atividades que cursou em Toronto:

TIME	Monday	Tuesday	Wednesday	Thursday	Friday
9 - 9.45	French C	Latin	French C	Latin	Latin
9.45 - 10.20	French A	P.T.	French A	French A	"
10.20 - 10.55	Algebra	Geometry	Latin	Literature	Geometry
10.55 - 11.30	"	Algebra	Composition	History	"
11.30 - 12.05	Physics	Chemistry	Geometry	Physics	Literature
12.05 - 12.45	Lunch	Lunch	Lunch	Lunch	Lunch
12.45 - 1.20	Physics	History	Algebra	Chemistry	Literature
1.20 - 1.55	Composition	French C	Physics	Algebra	Chemistry
1.55 - 2.30	History	Literature	Geometry	Geometry	Chemistry

**Figura 2** – Tabela de Aulas cursadas por Veronica Owen em 1940, Canadá.

Contudo, tão logo seu pai percebera que a idade para voluntárias seria a partir de dezoito anos e, dezessete anos e meio sob permissão dos pais, Veronica já retornava a Inglaterra em 1942.

Pamphlets gave information on the work of the different branches and Entrants were allowed to give a choice on their Application Form. Whether the choice could be granted depended on the need for recruitment. Some branches like Boat's Crew and Despatch Riders were small, highly selective and required experience. My father's Wren friends recommended Communications, and Signals and Coding sounded attractive. Some weeks after applying I was interviewed by, I think, a retired R.N. Officer in a small office at the end of a long Underground journey. My mother accompanied me to give the parental permission.<sup>115</sup>



Fotografia 14 – Veronica Owen

---

<sup>115</sup> OWEN, Veronica. Idem.

Owen escolheu ser codificadora e durante toda a guerra trabalhou, principalmente nos túneis construídos como bases de comunicações. Sobre sua atuação em Portsmouth, Owen nos relata algumas características:

A mass of tunnels had been cut into Porstdown Hill below the 19th century Fort to form the C in C's – Communications Centre. This Centre had been first used in August 1942 for the Dieppe Raid although unfinished. In December there were still workmen about. It was 166 concrete steps below ground which ratings used for entrance and exit; officers could enter at the tunnel level from the outside. There was daylight lighting and air ventilation. The vast majority working in the tunnel were Wren ratings: wireless, telegraphists, plotters, telephonists, coders, messengers... there were also a few sailors, some Naval Signal Officers and Wren Cypher Officers. To ease night watches there were double decker bunks with blankets and a galley. Here a remarkable and ever welcoming Third Officer Wren supplied hot orange-brown soup and corned beef sandwiches – the bread of the latter dried and curled up as it was carried from the galley to a bench nearby! To compensate for the conditions we had a three day Stand Off a month but also compulsory sunray treatment.<sup>116</sup>

As condições de trabalho eram péssimas. O local barulhento, sem luz natural, mal cheiroso e muito quente dificultava o dia-a-dia daqueles que trabalhavam nos túneis. Em outra parte de suas memórias, Owen comenta sobre a visita do Rei George VI a um destes túneis em Porstdown e como ele se comovera com a situação:

On November 16, 1944, King George VI visited the Fort and all who worked there were present. Two watches were above ground for a march past when he took the salute. Two watches, including mine, were on duty in our offices. He walked through our Coding Office looking in a glaze of exhausting but spoke to two or three people. There were double the number of people below ground than normal and the whole tunnel had been painted in glossy off white paint few days before. It was extremely hot, smelly and stuffy. The tunnel rumour was that the King had declared the place 'not fit for human habitation'. Whatever he had said the number of air ventilators, certainly in the Coding office and probably throughout, was double within two or three days – the improvement was noticeable.<sup>117</sup>

A fotografia a seguir retrata o local de trabalho que Owen descreve no depoimento acima. Mesas são dispostas em um longo túnel, com quadros de cortiças contendo informações, enquanto Wrens trabalham no setor de comunicações.

<sup>116</sup> OWEN, Veronica. Personal Diaries. Imperial War Museum. p. 779.

<sup>117</sup> OWEN, V. Idem.





**Fotografia 15** – Wrens do setor de comunicações trabalham na estação de Portsmouth.

Ainda sobre o cotidiano de seu trabalho, Owen relembra quais eram suas funções como codificadora e, em certo momento comenta como ficara surpresa ao reescrever suas memórias. Sua primeira lembrança sobre seu trabalho era que este era emocionante, instigante. Contudo, ao ler suas correspondências, se impressionou como em suas palavras, comentava com seus pais como o trabalho lhe parecia chato e tedioso.

Most of this was dull steady coding and decoding signals from anywhere in the world where ships or land bases had sailors from Portsmouth Command. Signals marked 'Secret' were passed to Cypher Office. For Wrens there was excitement: Whenever there was activity in the Channel one or two coders were summoned to work in the Plotting Office, 'with all the gold braid from C in C downwards'. The work was obviously interest and I was surprised on reading the letters and diary of tedium which apparently felt at the time. On night watches, if there were no signals, it was possible to get some sleep on the bunks for short spells; we were allowed to write letters, many of mine start 02:35am or the like, or to knit or read. This helped to keep us awake.<sup>118</sup>

<sup>118</sup> OWEN, V. Idem. p. 780.

As atividades das Wrens podiam ser várias, como já comentamos aqui. Desde trabalhos domésticos à consertos de navios e embarcações, etc. Para cada uma delas, um treinamento era necessário, um tipo de conhecimento específico e o cotidiano era diferente. Enquanto algumas trabalhavam em portos, outras trabalhavam em oficinas. As fotografias a seguir retratam algumas dessas atividades.



**Fotografia 16** - WRNS radio mechanics carrying wireless apparatus to a naval aircraft, 1942.

Fotógrafo: Priest, L. C.

Fonte: Imperial War Museum Collections

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205143000>



**Fotografia 17** - WRNS radio mechanics fitting wireless apparatus to a naval aircraft.1942.

Fotógrafo: Priest, L. C.

Fonte: Imperial War Museum Collections

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205143001>

As fotografias 16 e 17 retratam duas Wrens mecânicas em serviço. Na Fotografia 16, carregam aparelhos de rádio sem fio para serem instalados em uma aeronave da RAF. Na Fotografia 17, uma auxilia a outra na instalação de tais aparelhos. Ambas estão vestidas com macacões próprios para o serviço e boinas.

Já a fotografia a seguir nos apresenta uma Petty Officer Wren cozinheira. É conhecida pelo sobrenome Drummond e segundo fontes do IWM, chega a fornecer refeições para até trezentas pessoas em uma estação aérea na Escócia. Drummond se alistou ao W.R.N.S. um dia depois da declaração da guerra e imediatamente foi chamada para trabalhar como cozinheira. Na foto, Drummond está vestida com uniforme branco,

chapéu de mesma cor e em sua manga está bordado o símbolo da marinha. Prepara uma massa em uma grande vasilha. A sua frente, uma balança parece conter farinha para o possível preparo de pão.



**Fotografia 18** - Petty Officer Wren Drummond cooking. Escócia, 1943.  
Produtor: Ministry of Information Photo Division Photographer.  
Fonte: Imperial War Museum Collections  
Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205199973>

O setor de produções gerais tinha Wrens como maioria de funcionários. Fabricar munições, pequenas embarcações, reparos de navios, equipamentos de segurança etc. As funções cresciam de forma concomitante à gravidade do conflito, contudo, os serviços se mantinham com suas características mais auxiliares – e assim permaneceram até o final da guerra.

Assim como o ocorrido ao final de 1918, a desmobilização das mulheres de seus órgãos militares também ocorrera entre os anos de 1945 e 1946. No caso do *Women's Royal Navy Service*, sua desmobilização se iniciou tão logo a vitória tinha sido declarada.

Milhares de mulheres que serviam ao W.R.E.N.S., alocadas em diversos países durante a guerra, tiveram que retornar à Grã-Bretanha para oficializar seu desligamento do órgão.

O motivo que cercava as justificativas para tal vinham pelo mesmo discurso que as convocara – o esforço de guerra precisava desta participação; as forças armadas necessitavam de apoio e de aumento de pessoal para os serviços administrativos; se a guerra tinha chegado ao fim, essa ajuda e auxílio já não eram mais necessários.

As impressões sobre essa desmobilização, de forma mais geral, se assemelham quanto ao despreparo da Marinha em fazê-la e ainda, sobre a falta de políticas e garantias de seguros pós-guerra – já que o serviço em reserva não era algo que havia sido considerado, justamente por tais órgãos terem caráter temporário e não serem diretamente ligados aos comandos da Marinha Real Britânica.

Contudo, os sentimentos sobre tal desmobilização não podem ser aqui, generalizados. De forma ampla, presente em depoimentos e memórias, vemos que muitas sentiram com pesar tal desligamento mas, de forma curiosa, outras consideravam que tinham tido ali, a experiência necessária aos seus anseios e que tinham cumprido com aquilo que lhes era mais importante. Exemplificando tais situações podemos voltar às duas membros do W.R.E.N.S. que aqui foram mencionadas, Christian Lamb e Veronica Owen.

Em parte de suas memórias, Lamb comenta sobre não ter grandes expectativas sobre sua vida depois de servir ao órgão e relembra sobre o Dia da Vitória e sobre a desmobilização:

(...) Soon after this they surrendered, and we went to Dunkirk and saw their midget submarines. When VE-day came we had a Victory Parade through Ostend, and then with a great deal of excitement went home and worked in a factory in Slough while we waited to be demobbed.<sup>119</sup>

Lamb já estava casada com um oficial da marinha e durante um ano aguardou sua ordem de desmobilização chegar. Enquanto isso, seu marido que já atuava na reserva, tinha a função de mentor e treinava oficiais da reserva, como ele. Sobre seu último ano como *wren*, Lamb comenta:

The last year of my Wren life was interesting and unexpected as the rest of it. Our fate was always in the hands of their Lordships of the Admiralty, and as John had survived almost every-thing

---

<sup>119</sup> LAMB. Idem. p. 192.

the Atlantic could throw at him, he was allowed to a working up centre”, suitably named HMS *Mentor*.<sup>120</sup>

E sobre a relação com seu futuro e sua posição social, comparando ainda com a posição que seu marido adquirira dentro da marinha, Lamb comenta:

Well, I realised I had to take second place after that and must do something to regain my position. It seemed a convenient moment to announce that I was going to have a baby, not only to restore my prestige but also to be able to retire from the WRNS on one of the few grounds over which their Lordships of the Admiralty had no control. (...) Now I had taken on with complete but quite unjustified confidence, a lifelong commitment of being a sailor’s wife, and the prospect of this baby. But for us ex-Wrens who had discovered independence and freedom, the world was now our oyster, and when John was sent out to Hong Kong in command of an Algerine minesweeper, HMS *moon*, shortly after our daughter Felicity Anne was born, I thought nothing but blowing everything in my bank and following the Fleet.<sup>121</sup>

Enquanto Lamb se aventurava pelos caminhos da maternidade no pós-guerra e não tendo se desvinculado por completo do universo militar devido à profissão de seu marido, para Owen o desinteresse de continuar no W.R.E.N.S. já se apresentava antes mesmo de ter sua desmobilização prevista:

I was a Leading Wren and would have liked to have been a Petty Officer. From February to April 1945, I had gone to the Fort for extra watches to work for the examination and had passed. P.O. Coders were no longer needed although this was a consideration in my request to go overseas after VE-day. I lost all interest in the WRNS. Rather than accept an invitation to a lecture by Director, Dame Vera Laughton-Matthews, at the R.U.S.I.

E seus anseios após a desmobilização eram o de fazer uma faculdade e se tornar professora. Em Outubro de 1946 Owen já cursava o King’s College, em Londres, e começou sua carreira como professora de História em 1951.

O cenário, apesar de dúbio, nos mostra a diversidade de interpretações e anseios frente ao engajamento tido para o esforço de guerra. Muitas das mulheres que se alistaram o fizeram por motivos patrióticos e/ou para terem certa autonomia e experiência no pós-guerra. Apesar de todo o descontentamento frente a má gestão destes desligamentos,

---

<sup>120</sup> LAMB. Idem. p. 193.

<sup>121</sup> LAMB. Idem. p. 196-197.

depoimentos sobre o desejo de se casar e ter filhos é uma constante e, nos mostra que não só o governo politizou as relações de gênero pela necessidade da guerra mas também, como algumas mulheres já carregavam consigo a ideia de posições sociais específicas para cada um e, desta forma, se voltam ao espaço doméstico novamente.

É com a desmobilização pautada nos fins da guerra que podemos analisar o ciclo das relações de gênero formado durante os anos de 1939 e 1945. A politização dessas relações de gênero – nome dado a esta situação e dos jogos de poder nela presente – é fato que estruturou toda a dinâmica do esforço de guerra quando mobiliza e delimita as ações de mulheres para tal.

### 3. A REAL FORÇA AÉREA BRITÂNICA E AS MULHERES DO W.A.A.F.

No primeiro capítulo deste trabalho foi apresentado um pequeno panorama sobre a participação da mulher na Primeira Guerra Mundial. Nele, pudemos observar que a necessidade de se criarem órgãos femininos que viessem suprir atividades auxiliares era urgente. Com isso, exército, marinha e aeronáutica recebiam voluntárias e recrutas para atuarem junto à uma força específica. Contudo, ao contrário do que vimos acontecer na Marinha, a Aeronáutica passara por algumas dificuldades pontuais ao estabelecer tais órgãos. Com o Women's Royal Air Force extinto no pós-Primeira Guerra, em 1939 em seu lugar, surge o Women's Auxiliary Air Force (W.A.A.F.)

As integrantes do que viria a ser o W.A.A.F. foram inicialmente selecionadas a partir de companhias do Auxiliary Territorial Service (A.T.S.) espalhadas por diversas cidades. Uma companhia em específico, para cada região, deveria estar diretamente ligada aos serviços auxiliares da R.A.F. Com isso, o A.T.S., criado desde 1938, fora a fonte inicial para a formação estrutural do W.A.A.F.

O W.A.A.F., fora um órgão criado em Junho de 1939, após a necessidade da separação total do A.T.S. Era o corpo auxiliar da Real Força Aérea Britânica (R.A.F.), para tempos de guerra, composto somente por mulheres<sup>122</sup>. Não era uma organização completamente independente e nem diretamente integrada à R.A.F., contudo, suas mulheres poderiam substituir integrantes da R.A.F. sempre que fosse necessário, somente para fins operacionais. Não estar diretamente ligado ou submetido à R.A.F. significava que este órgão possuía diretoria e coordenação própria. Contudo, seguiria padrões e responderia, se necessário, ao diretor da Real Força Aérea.

Under two decades later, however, war clouds were lowering and looming once more, and in Douglas Bader's words 'Hitler's shadow was long over Europe'. On June 1939 the W.A.A.F. as born. In then had just 1,734 members serving under the umbrella of the Royal Air Force companies of the Auxiliary Territorial Service. Their six kinds of duties seemed very similar to those of the original W.A.A.F.: cooks, clerks, mess orderlies, Military Transport (MT) drivers, equipment assistants and fabric workers (on Balloon Squadrons).<sup>123</sup>

<sup>122</sup> Royal Air Force Museum. **Women's Auxiliary Air Force (WAAF) – 1939-1949**. Artigo disponível em: <http://www.rafmuseum.org.uk/research/online-exhibitions/women-of-the-air-force/womens-auxiliary-air-force-waaf-1939-1949.aspx>.

<sup>123</sup> TURNER, John Frayn. **The WAAF At War**. South Yorkshire: Pen&Sword, 2011. p. 9.



O Women's Auxiliary Air Force fora comandado por Katherine Trefusis-Forbe, que já tinha atuado como Instrutora Chefe pelo *Emergency Service*<sup>124</sup> em 1936 e, em 1938 atuou como instrutora no A.T.S. Em seu livro de memórias, dedicado à história do órgão, Beryl Escott comenta que Forbes era, “*neat as a new pin, and given to roaring to work on her motorbike*”<sup>125</sup>. A fotografia a seguir retrata a diretora do órgão com uma postura determinada e semblante sério, olhando para o horizonte em seu uniforme.



**Fotografia 19** – Comandante K. J. Trefusis Forbes. 1943

Produtor: Royal Air Force official photographer.

Fonte: Imperial War Museum

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205126963>

---

<sup>124</sup> O *Emergency Service* fora uma organização criada em 1936 para treinar e preparar mulheres para uma ameaça de guerra. Não era uma organização oficialmente reconhecida, mas contava com cerca de 100 mulheres.

<sup>125</sup> ESCOTT, Beryl. **The WAAF**. Oxford: Shire Publications, 2011.

As integrantes selecionadas para o W.A.A.F. estavam divididas pelo país em quarenta e sete companhias, as quais eram ligadas aos esquadrões de vôo locais. Cada companhia deveria ter sessenta e sete mulheres que serviriam, basicamente, em postos auxiliares como os de cozinheiras, mecânicas, assistentes de equipamentos, serventes, caixeiros e ainda, trabalhavam em fábricas de balões e de construção de aviões.

A missão das companhias do W.A.A.F. era a de preparar e treinar mulheres para se tornarem oficiais, comissionados ou não, garantindo a existência de um grupo que pudesse vir a treinar futuros membros. De início, as voluntárias que desejassem atuar pelo órgão eram alistadas, tendo a permissão de saírem quando quisessem – contudo, com a intensificação do conflito muitas mulheres já atuavam nos serviços secretos e de espionagem e sua saída ficou submetida às regras e permissões da R.A.F. por motivos de segurança.

Apesar do apelo inicial pela criação do órgão não ter sido apoiado inteiramente pelo ministro da aviação, o mesmo, já nas vésperas da guerra, mudara de postura frente a necessidade de liberar os homens para o combate:

Early in August 1939, the Air Ministry, which had declared it needed no WAAF for several months, was panicked into appealing of telephonists, teleprinter operators, plotters and radar operators for desperate RAF stations. From 25<sup>th</sup> August telegrams went out mobilising all WAAF, and on 3<sup>rd</sup> September 1939, when war was declared to Germany, recruitment began for a further 10,000 women. Immediately companies and the Air Ministry were besieged by applicants. ‘Have you seen them, Madam?’ a perspiring policeman asked the WAAF director. ‘The queue stretches from Victory House ... Almost to Whitehall!’<sup>126</sup>

As voluntárias tinha perfis variados e eram oriundas das mais diversas regiões sendo, em sua maioria jovens, com espírito patriótico, ansiosas por se aventurarem fora de seus empregos e da vida doméstica. Especialmente no caso do W.A.A.F., segundo Beryl, a possibilidade de voar e espírito de aventura eram grandes motivadores.<sup>127</sup>

Novamente, partindo desta análise de Beryl, percebemos que o serviço militar atraía tais mulheres por se dar em um ambiente um tanto desconhecido. Em muitos casos, o exemplo de amigas, vizinhas ou familiares que se interessavam por servir acabavam

---

<sup>126</sup> ESCOTT, Beryl. Idem. p. 6.

<sup>127</sup> ESCOTT, B. Idem. p. 7.

despertando em outras, o mesmo ímpeto em se voluntariar para tais órgãos. A possibilidade de mudança de vida e de percepção social:

The melting-pot theory of war had an element of truth. WAAF Flo Mahony felt that the war had shifted her up the social scale. 'I think we've gone up a class. My family were certainly working-class, but I don't think I am now. I look on myself as middle-class.'<sup>128</sup>

A ideia por trás deste serviço também vinha com a necessidade de reconhecimento que vemos no depoimento acima. O status militar da época, o “pertencer” a uma instituição reconhecida nacionalmente e, estar servindo ao seu país em uma situação como esta trazia de forma evidente e sedutora a imagem da mulher militar.

Contudo, por mais que a necessidade da guerra trouxesse a urgência pelo alistamento de mulheres, a RAF não estava preparada para recebê-las e as companhias – fechadas no ano de 1940 – que tinham a missão de formar e treinar inicialmente oficiais, acabavam tendo que enviar voluntárias para estações, sem qualquer treinamento:

These stations were often only half built, with no WAAF accommodation, uniforms or proper Jobs, and with unhelpful staff. 'The RAF just wasn't ready for us', bemoaned one WAAF. Such unsatisfactory conditions lasted into 1941, as the number of women recruited far exceeded the facilities available.<sup>129</sup>

O despreparo da R.A.F. pode ser percebido tanto em sua estrutura para receber as voluntárias do W.A.A.F. quanto antes mesmo da guerra ser declarada, quando sua organização e aparelhagem também deixavam a desejar:

At the time, Britain was still seriously under-armed. In the air, the RAF would rely on the Spitfire and Hurricane fighters, but in September 1938 at the time of the Munich crisis just five squadrons had received Hurricanes, while deliveries of Spitfires were only just starting. From the point of view of Britain's air power, the extra respite given by Mr Chamberlain's appeasement of Hitler at Munich was crucial. The intervening year enabled the RAF to double its Fighter Command strength.<sup>130</sup>

Contudo, apesar de certo despreparo, a Aeronáutica se organizava com força paralelamente a intensificação da guerra. O recrutamento oficial de mulheres para servir

<sup>128</sup> NICHOLSON, V. op. cit. p. 157.

<sup>129</sup> NICHOLSON, V. op. cit. p. 112.

<sup>130</sup> TURNER, J. op. cit. p. 10.

ao W.A.A.F. só aconteceria em 1941. Antes disso, tanto o R.A.F. quanto o W.A.A.F. já sentiam o cotidiano de guerra com o início da Batalha da Grã-Bretanha.

### 3.1 Primeiras atuações: W.A.A.F. e a Batalha da Inglaterra.

A Batalha da Grã-Bretanha, também conhecida como a Batalha da Inglaterra foi disputada em espaço aéreo entre a força aérea britânica e a alemã. Sua consequência primeira foi a destruição de parte de ambas as forças aéreas e a destruição de cidades – principalmente Londres. Trouxe grandes desafios e avanços para as tecnologias de vôo – como o uso de radares, por exemplo, e foi durante esta batalha, que algumas mulheres membros do W.A.A.F. foram condecoradas com medalhas de honrarias por sua atuação.

Joan Pearson servia, em 1940, em uma estação aérea em Detling, no condado de Kent. Pearson já havia sido sua própria instrutora de voos antes mesmo da declaração da guerra e de optar por servir ao órgão. Ao se lembrar de algumas peculiaridades de seu cotidiano, Pearson comenta em depoimento que os quartéis do W.A.A.F. ficavam muito próximos aos campos de decolagem e o barulho que as aeronaves faziam ao pousar e decolar era ensurdecedor:

It was hard to sleep soundly as planes were continually revving up; patrols going out or returning. Being in the medical branch, she was always on the alert, even when off duty. It was instinctive.<sup>131</sup>

Durante a noite do dia 30 de Maio de 1940, Pearson ouviu os motores de um avião próximo falhando e, logo depois, sua queda aos arredores do quartel. Mesmo estando fora de seu serviço, naquele momento correu para o lado de fora da cabana, passando pela porta e os guardas do portão, em direção ao local do acidente, seguida por uma ambulância. Mesmo com alguns oficiais tentando impedir que ela continuasse em direção a aeronave, pois a mesma corria risco de explodir, Pearson foi em direção a mesma mesmo sabendo do perigo:

She knew there were bombs aboard the burning aircraft, which must explode soon, yet she struggled to drag the pilot – seriously hurt by the crash – free from the flames. He was groaning, so she decided to render first aid on the spot, in case of further damage. Another officer had been killed outright. She fought her way to

---

<sup>131</sup> TURNER, J. op. cit. p. 11.

the wreckage, stood on it and roused the stunned pilot (...) It was then the petrol tanks blew. Joan lay down quickly and tried to shield the light from the pilot's face, as he was suffering severe shock (...) More blast and more splinters. But they were safely tucked in the vehicle and on their way to the sick quarters.

Dois meses após o incidente e sua atuação de salvamento, Joan Pearson fora promovida de *Waaf Corporal* para *Waaf Assistant Section Officer*, sendo condecorada com a medalha *Empire Gallantry Medal* que, mais tarde seria convertida e conhecida como *George Cross*. Pearson é mais conhecida como Daphne Pearson. Por sua atuação foi a primeira mulher a ser condecorada com a Cruz de Jorge (George Cross), a mais alta condecoração civil do Reino Unido, correspondente à Cruz da Vitória – que no caso é a condecoração para militares<sup>132</sup>. Como só fora criada em Setembro de 1940, quando foi condecorada por ter salvo o piloto das chamas do avião, Pearson recebera sua antecessora, a *Empire Gallantry Medal*. As fotografias a seguir nos mostram a Cruz de Jorge nomeada para Pearson com seu número de inscrição, instituição e ano.



**Fotografia 20 – George Cross Daphne Pearson**

Produtor: Royal Mint.

Fonte: Imperial War Museum

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/30009898>

<sup>132</sup> Essa diferenciação nos remete novamente a questão trabalhada no Capítulo 2 sobre a identificação de tais mulheres ao serviço – ao se voluntariarem para as forças armadas deixavam de ser civis mas também não eram militares. De definição de postos e patentes até as próprias condecorações, tudo era paralelamente correspondente aos títulos e nomenclaturas oficiais.

A Fotografia 20 nos traz algumas medalhas adquiridas por Pearson, nos interessando aqui a primeira medalha, da esquerda para a direita. Com aproximadamente cinco centímetros, forjada em prata, a medalha possui a forma de uma cruz e, em seu centro, um círculo traz a imagem de São Jorge, montado em seu cavalo, combatendo um dragão. Às margens do círculo lê-se: “For Gallantry” que, em português significa “Por Bravura”.

Na Fotografia 21, podemos analisar a Cruz de São Jorge por outro ângulo. Atrás da cruz há a identificação daquele que a recebeu. No caso, vemos o nome de Joan Daphne Pearson, assim como seu número de inscrição, sua instituição e a data que recebeu a condecoração.



**Fotografia 21 - George Cross Daphne Pearson**

Produtor: Royal Mint.

Fonte: Imperial War Museum

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/30009898>

A fotografia a seguir retrata Pearson em seu primeiro ano como cabo da W.A.A.F. Na foto, posicionada um pouco de perfil, Pearson olha para o horizonte enquanto posa fardada para a fotografia.



**Fotografia 22 – Corporal Joan Daphne Pearson**

Fonte: Imperial War Museum

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205022523>

Por sua condecoração até então inédita, Pearson fora retratada em uma pintura da artista Laura Knight, muito conhecida, que remete a sua atuação como membro do W.A.A.F, como podemos ver a seguir. Knight trabalhou durante a Segunda Guerra no Comitê de Propaganda de Guerra para as forças armadas. Na época, Knight era uma artista muito influente e foi a primeira a ser eleita para a Real Academia de Artes.



**Figura 3** – Corporal J. D. M. Pearson, WAAF.

Artista: Laura Knight

Fonte: Imperial War Museum

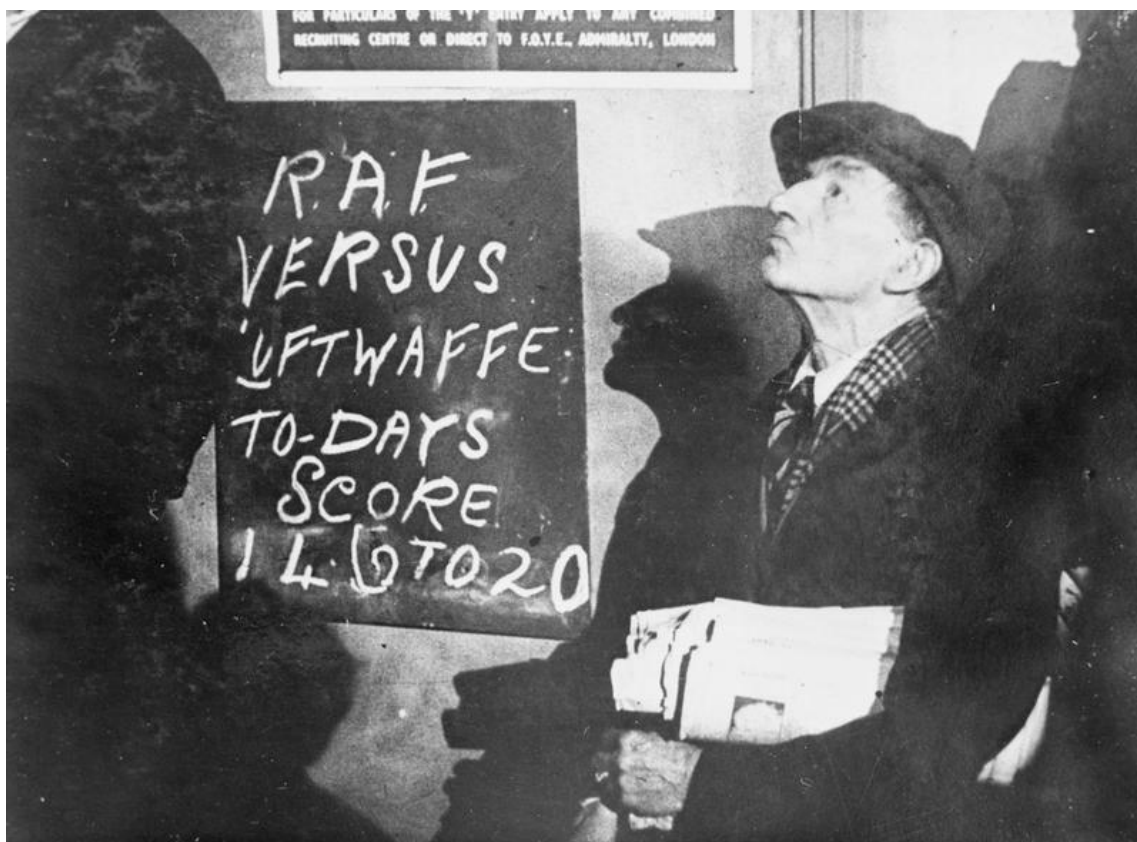
Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/15501>

Podemos perceber que a fotografia 22 pode ter sido base de inspiração para a obra de Laura quando esta retrata Pearson em uma situação de alerta. A imagem foi pintada na técnica de óleo sobre tela. Com sua farda azul marinho, posicionada no que parece ser um campo aberto, Pearson segura um respirador enquanto olha para o céu. Sua expressão aparenta certa apreensão e vigília e possui uma dramaticidade maior do que aquela



retratada na fotografia. O jogo de cores escuras dá à pintura uma característica sombria e inquietante, transmitindo angústia e medo, ambos sentimentos comuns àqueles que testemunharam a Batalha da Grã-Bretanha.

A Batalha da Grã-Bretanha, ocorrida entre Junho e Outubro de 1940, trouxe números expressivos para os anos iniciais de confronto. Os bombardeios aumentavam e a moral dos britânicos começava a ficar abalada. O intuito de Hitler era conquistar o domínio do espaço aéreo referente ao Canal da Mancha, considerado estrategicamente importante pois interliga regiões como a da Inglaterra, França, Noruega, Dinamarca, parte da Alemanha, Holanda e Bélgica. Após a invasão e domínio de parte da França, avançar territorialmente sobre a Inglaterra seria fundamental. O ataque alemão, apesar de encontrar êxito nas primeiras investidas e ter sucesso sobre o despreparo da aeronáutica britânica, acabou não conseguindo superar as táticas e a ofensiva da R.A.F junto a seus aviões Spitfires e Hurricanes. Na fotografia abaixo, vemos um vendedor de jornais parado em frente a uma lousa, olhando para cima aparentemente assistindo a uma perseguição aérea. Na lousa, lê-se: “*RAF versus LUFTWAFFE: to-days socre, 146 to 20*”.



**Fotografia 23 – Battle of Britain**

Produtor: Desconhecido

Fonte: Imperial War Museum

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205226579>

A Fotografia 23 parece não ser espontânea. Seja no posicionamento do vendedor em frente a lousa ou seu olhar para o céu, é provável que esta fotografia seja uma montagem na retratação do contexto da Batalha da Grã-Bretanha. Todavia, o essencial a ser evidenciado pela fotografia é o contraste entre o cotidiano de guerra, em meio aos constantes bombardeios, e a vida cotidiana que adaptava-se como podia aos ataques ofensivos.

Os alvos mais comuns eram as bases aéreas e, próximo a elas estavam os quartéis gerais. A apreensão e situação de risco eram grandes, sempre a espera de um próximo ataque. Em um depoimento, um membro da W.A.A.F., Cooper, recorda os momentos de tensão:

It was very hot: we were waiting to go on watch at 4pm when we heard the warning on the tannoy. As we were hurrying to the shelters, we looked up and saw the enemy planes glinting in the sun and getting into formation, ready to do a run across the station. We were just down when the first bomb, a screaming one, fell near (...) There were not more than six WAAF and three RAF in our shelter. When the first bomb fell, we all involuntary sat forward with our hands over our heads. I think we heard the second bomb. After that it was just a roar.<sup>133</sup>

Ainda em 1940 as membros do W.A.A.F. eram aquelas oriundas de unidades do Auxiliary Territorial Service (A.T.S.), pois o serviço de recrutamento e voluntariado não seria aberto antes de 1941, quando a necessidade de aumentar o pessoal para serviços administrativos crescia tão intensa a guerra ficava. Durante a Batalha da Inglaterra aquelas que serviam ao W.A.A.F. já assumiam importantes funções e, frente as dificuldades pontuais pelas quais a R.A.F. passava, podemos tratar esse período da guerra como o mais difícil para o órgão. Ainda em sua formação inicial – menos de um ano criado – o W.A.A.F. acabara de estabelecer condutas e normas para seu funcionamento, assim como quais funções seriam assumidas por mulheres e em quais circunstâncias.

As fotografias a seguir retratam atividades mais comuns desempenhadas por elas durante a Batalha da Inglaterra. A Fotografia 24 foi feita em Setembro de 1940 e retrata um grupo de cinco mulheres e um homem, em uma sala de comunicações. Podemos observar que quatro mulheres membros do W.A.A.F. estão sentadas com aparelhos de comunicação usados para receber informações sobre as atividades inimigas. Parecem

---

<sup>133</sup> TURNER, J. Idem. p. 19.

estarem sendo supervisionadas por um oficial da R.A.F. posicionado atrás das cadeiras e ainda, por uma outra membro do W.A.A.F., mais ao fundo da sala. No canto superior esquerdo, é possível perceber uma escrivaninha mais alta, em espécie de púlpito, onde duas pessoas estão de pé. Provavelmente um homem e uma mulher, que mapeiam as informações dadas pelas telefonistas.



**Fotografia 24 – WAAF Telephone Operators**

Produtor: Royal Air Force Photograph

Fonte: Imperial War Museum – CH 1404

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205209961>

A Fotografia 25 também retrata um momento em que telefonistas do W.A.A.F. rastreiam informações e posições inimigas para repassar aos comandantes e estrategistas da R.A.F. Podemos observar cinco mulheres sentadas em escrivaninhas, com fones de ouvido junto a dois oficiais da R.A.F. Em primeiro plano, uma telefonista senta à frente de uma mesa, analisando o que parece ser um mapa, e estabelecendo coordenadas recebidas ao telefone. As duas fotos trazem uma peculiaridade. Ambas possuem ao menos um oficial da Força Aérea Britânica. Por conta de experiência e autoridade, era comum que membros do W.A.A.F. fossem supervisionadas por oficiais da aeronáutica em tarefas sigilosas.



**Fotografia 25 – WAAF Radar Station, 1940**

Produtor: Royal Air Force Photograph

Fonte: Imperial War Museum – C 1868

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205211301>

O ataque da Luftwaffe à base aérea de Biggin Hill, próxima ao Canal da Mancha, encontrou fortes resistências por parte deste Posto de Comando que teve papel decisivo nos rumos do conflito mais emblemático da Segunda Guerra Mundial para os britânicos. Durante um desses ataques, três membros da W.A.A.F. não se abrigaram e permaneceram em seus postos<sup>134</sup>. As sargentos Elisabeth Mortimer, Helen Turner e a cabo Elspeth Henderson continuaram trabalhando em suas funções de telefonistas para manter a estação funcionando sob o bombardeio alemão. Todas as três receberam a Medalha de Bravura por seus serviços, como pode ser observado na fotografia a seguir:

<sup>134</sup> \_\_\_\_\_. **The Women's Auxiliary Air Force and The Battle of Britain.** The Military History Review. Artigo online. Disponível em: <http://www.military-history.org/articles/the-womens-auxiliary-air-force-waaf.htm.n>.



**Fotografia 26 – WAAF e Biggin Hill**

Fotógrafo: RAF Official Photographer

Fonte: Imperial War Museum – CH 1550

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205209979>

A fotografia traz a cabo Henderson ao centro, à sua esquerda a sargento Mortimer e à sua direita a sargento Turner, posicionadas a frente de um prédio recém bombardeado em Biggin Hill em 1 de Setembro de 1940. Em posição ereta e fardadas, as três Waafs sorriem para a foto prestes a serem condecoradas por seus atos de bravura.

Elsbeth Henderson and Helen Turner were awarded the Military Medal at the same time as Joan Mortimer. The Commanding Officer of the station said of them: ‘These three girls have shown amazing pluck in carrying on their work under the strain of falling bombs. I am proud to have them working on this station. There is no doubt that their example during two days of bombing inspired all around them’.<sup>135</sup>

As destruições foram devastadoras. Os ataques da Luftwaffe, comandada pelo Marechal Goering, destruíram boa parte do arsenal aéreo da R.A.F. e boa parte das

---

<sup>135</sup> TURNER, J. Idem. p. 18.

indústrias de armamento – estratégia muito comum em ataques aéreos, destruir o abastecimento bélico do país rival. Além de se concentrarem na capital, Londres, os ataques aéreos alemães também objetivaram cidades esparsas, menores, no intuito de abalar ainda mais a moral dos britânicos. Contudo, essa mesma estratégia acabou descentralizando os objetivos da Luftwaffe quando, paralelamente, a Real Força Aérea trabalhava em se recompor. Em números, mesmo com altas baixas entre os militares, o número expressivo se dá pela morte de civis estimada em cerca 40.000 mortos e 46.000 feridos e mutilados.<sup>136</sup>

### 3.2 WAAF se expande: recrutamento, treinamento e impressões sociais.

No final de 1940 e início de 1941, a guerra se intensifica e as movimentações pela Europa, na dinâmica em que conflito se inseria, mais homens foram sendo recrutados para compor as forças militares. Conseqüentemente há a necessidade de aumentar o contingente de mulheres que serviam ao W.A.A.F. Desta forma, em 1941 é aberto oficialmente a conscrição de mulheres para o Women's Auxiliary Air Service quando o governo britânico sanciona o *National Service Act*, que seriam chamadas para preencher vagas no início de 1942. Um fragmento do jornal *The Courier-Mail*, de 2 de Setembro de 1941, nos traz o exemplo dessa convocação, com o título de *W.A.A.F. Recruiting Friday*:



Figura 4 – W.A.A.F. Recruiting Friday

Jornal: The Courier-Mail

Data: 2 de Setembro de 1941

Disponível em: <http://trove.nla.gov.au/ndp/imageservice/nla.news-page2001859/print>

<sup>136</sup> LESPINOIS, Jerome. *A Batalha da Inglaterra*. Edições Texto&Grafia: Lisboa, 2011. p. 147.

No artigo, vemos a convocação de mulheres para compor os quadros do órgão e traz números significativos do início desta convocação. Se a ideia em torno do voluntariado tivesse sido de certa forma subestimada, já que muitas foram aquelas que se prontificaram ao serviço, quando os quadros oficiais abriram convocações e recrutamento, os números superaram novamente as expectativas e capacidades da própria Marinha em absorvê-las:

Enlistment of women for ground staff duties in the Women's Auxiliary Air Force will start in earnest, at the recruiting centre in Creek Street on Friday. Since general recruitment was announced on Saturday 100 applications have visited de centre – 50 each on Saturday and yesterday. The preliminary announcement some months ago was followed be 500 applications. From Friday parties of 50 a day will be called up, interviewed, trade-tested, and medically examined. Successful applications will be place on a waiting list and will be called up as soon as possible for recruit training.<sup>137</sup>



**Fotografia 27** – WAAF personnel assist recruits

Fonte: Imperial War Museum Collections – CH2155

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205212710>

---

<sup>137</sup> Transcrição do fragmento do Jornal The Courier-Mail apresentado pela Figura 4. O texto transcrito está disponível em: <http://trove.nla.gov.au/ndp/del/article/41941328>.

A fotografia anterior, retrata como eram a maioria dos centros de recrutamento. Em mesas postas lado-a-lado, oficiais do W.A.A.F. preenchem e completam formulários de alistamentos das voluntárias. Parecem estar reunidas em uma espécie de galpão. Algumas mulheres podem ser vistas sentadas ao fundo, aguardando para serem chamadas.

Os números de candidatas superaram o esperado e, apesar de serem necessárias, como não havia suporte ou infraestrutura para receber todas as candidatas, em 1943 as conscrições cessaram – estima-se que tais números chegaram a 182.000.<sup>138</sup>

Os desafios começariam desde o recrutamento. Em ambos os capítulos apresentados até o momento, muito se falou sobre a questão patriótica e o simbolismo que o campo militar tinha para muitas das mulheres que se alistavam. Contudo, algumas exceções existiram e a força que moveria a iniciativa de servir à uma força estava intrinsecamente ligada a um espírito aventureiro, de mudança. Não tanto por questões patrióticas mas encantadas com a ideia de novas oportunidades, muitas mulheres viam no serviço militar a chance de experimentarem algo distinto do encontrado até então.

Jean Wallace entrou oficialmente no Women's Auxiliary Air Service em 15 de Setembro de 1942, aos dezoito anos, quando a conscrição já estava amplamente em voga. Em suas memórias, arquivadas pelo projeto de história oral do Imperial War Museum, Wallace descreve sua lembrança ao se juntar as Waafs:

Even though I knew there was a war on it did not exactly evoke in me any dramatic patriotic feelings. In fact, to me, a rather irresponsible 18 year old, it was rather funny (...) In 1941 the boys of my age group began to go into the forces, coming home on leave in uniforms and spending the whole of their leave strutting up and down the High Street showing off. Some girls began to join up when it became more the thing to do. It was then that the girls who were afraid to leave gone headed for munitions factories, nursing and making parachutes. (...) It was known that there were reserved occupations, and this would enable one to evade conscription when called up. However they had to remain in these occupations for the duration of the war. So, I cannot honestly say that I joined up out of patriotism, rather out of a need for adventure. The act itself was most unadventurous, you simply took the form from a stand much like a DHSS leaflet, filled it in and handed it over the counter. This took place in Recruiting Office and a few months later you receive a travel warrant and a list of items to bring and a time and place to report.<sup>139</sup>

---

<sup>138</sup> ESCOTT, Beryl. Idem. p. 7.

<sup>139</sup> WALLACE, Jean. Recollections of a servicewoman in the Women's Auxiliary Air Force During the Second World War: depoimento. Londres: *The Imperial War Museum Collections*.



Sobre o recrutamento Wallace comenta que não foram recebidas com discursos de boas-vindas; que desde o primeiro dia se sentiram como se fossem somente um número e que a impressão que tiveram era a de que as recebiam ali como um favor para elas mesmas. E continua suas lembranças recordando que durante todo o seu processo de recrutamento esteve subordinada somente por homens e que nenhuma mulher esteve envolvida:

No welcoming speeches, no pep talks and no thanks. From then on you were a number, and got the feeling that the powers dealing with this crowd of girls assumed that they were dealing with the dregs of society and that they were taking us on as a favour to us. The impression we had got was that they felt that there was no need to be kind as no 'decent' girl would be doing this anyway. The whole process of recruitment and receiving of new recruits was done by men and not one a single female was involved. So, from the very start to the end of the war we were judge and ruled by men.<sup>140</sup>

Contudo, apesar do depoimento acima, outras fontes corroboram para uma situação inversa a esta que Wallace recorda. Tanto o W.R.E.N.S. quando o próprio W.A.A.F. possuíam diretorias próprias que eram chefiadas por mulheres. No caso da marinha, entretanto, essa participação e ênfase no poder que a D.W.R.E.N.S. possuía é mais claro nas fontes documentais do que aquilo percebido dentro da aeronáutica<sup>141</sup>. Apesar de também possuir sua diretoria, o W.A.A.F. acaba se posicionando mais dependente da R.A.F. para tomar atitudes.

É interessante perceber que este depoimento trazido por Wallace pode retratar a discrepância de organização no recrutamento. Enquanto algumas bases poderiam estar mais organizadas e mais bem preparadas, outras deveriam estar mais propícias a adaptações, sendo assessoradas por membros da Real Força Aérea e não do W.A.A.F. em questão.

Ainda sobre este depoimento de Wallace é curioso perceber certa expectativa de recepção ao serem convocadas para o órgão. Se, ao entrarem na Real Força Aérea, alguma cerimônia simples de recepção poderia acontecer, de fato é necessário se atentar ao fato de que, em momentos de guerra e na urgência de certos serviços, as pessoas que ali estão aptas a servir são vistas como mão-de-obra importante e extremamente necessária ao esforço de guerra, nada mais além disso. Quando comenta sobre a falta de “gentileza” na recepção das

---

<sup>140</sup> WALLACE, J. op. cit.

<sup>141</sup> Especificamente sobre a relação entre poder e comando dentro do órgão, outras fontes e comentários já foram analisados anteriormente neste capítulo.

garotas, Wallace nos apresenta esta expectativa de tratamento diferenciado. Pelo fato de serem mulheres, em um ambiente masculino, estas deveriam ter um tratamento um tanto quanto distinto. Essa ausência de diferenciação pode, em alguns aspectos, representar a ideia de padronização das instituições. As mulheres estariam ali para substituir os homens na maioria das funções auxiliares e, desta forma, deveriam ser tratadas como tal.

Contudo, essa falta de recepção, preparo e ambientação da R.A.F. e do próprio W.A.A.F. era algo comum frente ao crescente número de inscritas – como já comentado anteriormente.

Wallace comenta ainda sobre a questão das “*decent girls*” ou “garotas decentes” quando comenta sobre a falta de envolvimento no recrutamento destas mulheres. De fato, socialmente, muito se comentou a respeito desde envolvimento e engajamento destas mulheres – acreditava-se que estas eram mulheres que estariam interessadas em servir somente pelo fato de estarem próximas de homens teoricamente influentes e que, sua presença nas instituições militares era tida basicamente por interesses outros que não o de servir puramente ao esforço de guerra.

Em uma parte de seu depoimento intitulada como “Attitudes towards Sex”, Wallace comenta tais impressões e ainda relembra uma importante questão que estava fora de qualquer manual ou ausente de qualquer orientação: a questão sexual.

Our attitude towards civilian opinion of us was that these were views expressed by self-righteous middle class ladies, who made damned sure that their daughters were in reserved occupations and who could thus stay at home. We felt that they thought of us girls in uniforms and away from home as promiscuous sluts. We were young girls between the ages of 18-25. Many girls had boy-friends and fiances from pre-War days, who themselves were most likely to be serving in the forces, usually abroad. These girls were faithful and spent most evening sitting in the billet writing letters or embroidering for their bottom drawer. (...) But the majority of girls were free so they met, dated and flirted and had affairs with servicemen (...) The general attitude towards sex and morality was the same as the civilian life, but the circumstances were different. And tie as the war not freedom from home that affected moral values. Primarily it was the knowledge that however much they wanted it, no relationship could be permanent. This bred desperation and recklessness. One must remember that in 1943 we did not have de advantage of any sex education. The War Department thought of many things but this was not one of them. There certainly were no contraceptives made available to the girls, so our fate was in the hands of our men. All we had were myths and old wives stories wich we had

brought into the forces with us, like the popular one that if you had sex standing up you could not get pregnant.<sup>142</sup>

Em nenhum depoimento ouvido ou lido esta questão se faz presente. Em nenhum dos documentos analisados em mais de vinte pastas do National Archives em Londres percebemos ou notamos qualquer menção à questão da educação sexual. Basicamente, a omissão deste fato e possibilidade nos mostra a negligência e despreparo das instituições frente a incorporação de mulheres à qualquer uma das três forças armadas. Apesar de estarem em alojamentos diferentes e estarem alocados em quartéis e centros distintos, a maioria dos casos retrata a vida de mulheres e homens – mais precisamente na Marinha e na Aeronáutica – sendo compartilhada em espaços comunitários. O convívio existia e era algo comum.

No tocante à questão da gravidez, Wallace traz lembranças significativas das medidas teoricamente tomadas por ambos os órgãos frente a necessidade de se esconder uma suposta gravidez de uma mulher do W.A.A.F.

Given the circumstances, there were many pregnancies. None to my knowledge led to marriage. The usual thing was for the girl to hide it as long as possible while trying all the methods known to the girls of the 1940's i.e. hot baths, Epsom Salts etc. to bring on a miscarriage. When it was no longer possible to hide her condition she would be summoned to the WAAF OFFICER Admin. Who up till then she had never even seen (such was the gap between the WAAF Officers and the ranks), and given the choice of being discharged back home or staying on in camp, given a suitable job and medical care till confinement. She then could go into a RAF home, have the baby adopted and be posted back to a different station, with a promise that no record of the birth would be made on files. These were tragic days for these girls, having to stay on camp, pregnant and in uniform.<sup>143</sup>

Apesar deste depoimento não foram encontrados registros de nascimentos e nem outro depoimentos oficiais que relatem casos semelhantes – a não ser casos de amor e casamento que culminaram em uma gravidez durante a guerra e, por esta razão estas mulheres acabavam se deligando do órgão.

Wallace comenta ainda sobre algumas impressões de oficiais da R.A.F. em relação as oficiais do W.A.A.F.:

---

<sup>142</sup> WALLACE, J. op. cit.

<sup>143</sup> WALLACE, J. op. cit..

Were men predatory? Yes they were (not the ones with whom we worked). I think the worst offenders were married men, their respectable wives were at home and they had the strange idea that the serving girls were there for their pleasure. (...) I have never heard of rape sexual harassment of WAAFs but there was a general chauvinist attitude towards us, in so far as we were not treated with much consideration.<sup>144</sup>

De forma peculiar, o depoimento de Jean Wallace é um contraponto importante para análise desta participação de forma mais geral. De fato, o despreparo das instituições é algo em comum e perceptível, as impressões sociais também são aquelas mesmas que criticam esta participação e os anseios das mulheres que serviram a estes órgãos se familiarizam uns com os outros, desde as experiências entre elas até mesmo ao cotidiano da guerra. Contudo, ao trabalhar a questão do físico, moral e sexual, Wallace traz um ponto crucial para a observação das relações de gênero. A ideia de que não só em infraestrutura mas em questões éticas, estes órgãos estavam ainda em espécie de experimentação – não tinham uma organização eficaz para tratar diretamente com as mulheres que ali serviam.

A exemplo disto, Wallace relata como os oficiais da R.A.F. se relacionavam com as membros do W.A.A.F. e como esta relação de poder entre comando e subordinado era extremamente desconfortável nas questões mais íntimas:

Now, as my service was passing, so my clothes wore out and I had to present my old ones for inspection in order to get new ones. If the powers that be decided that no more patches or stitching were possible, I would go to stitch another patch on, So you got a supercilious RAF sergeant (store man) who with a chauvinistic attitude told a girl that “no” she can nor have a new pair of knickers. Why were these duties performed by men? I got the feeling once again that it was all part of the system to degrade the WAAFs. But why? I still can not understand.<sup>145</sup>

E Wallace continua seu depoimento frisando o quão era desagradável depender de superiores ou supervisores homens para as questões femininas mais básicas, como por exemplo, adquirir absorventes. Isso porque além de se dirigirem ao departamento específico que era administrado por um oficial da aeronáutica, ainda tinham que assinar comprovantes e só podiam adquiri-los uma vez ao mês – causando desconforto quando se era necessário mais de uma retirada por mês.

---

<sup>144</sup> WALLACE, J. op. cit.

<sup>145</sup> WALLACE, J. op. cit.

There was a worse ordeal of course, which deserves a mention, if only to prove my point. In order to get one packet of Sanitary Towels we had to report once again to the store run by Air Men and to sign the date we received them. Can one imagine the humiliation and explanations if one needed them after 3 weeks as we were only entitled to 1 packet a month?<sup>146</sup>

O treinamento para essas mulheres tinha que ser planejado de acordo com os padrões da RAF mas, em contrapartida, tinham que ser imediatos e eficazes<sup>147</sup>. Apresentavam duração de aproximadamente três semanas onde, geralmente no primeiro dia, acontecia uma recepção, uma inspeção sanitária conhecida como FFI – *Free From Infection* – e onde recebiam seus kits. Dentro destes, encontravam-se não só uniformes mas também acessórios de segurança, estojos médicos, talheres, copo, casacos, roupas de baixo, entre outros.

Em um depoimento dado ao projeto de história oral sobre a Segunda Guerra da BBC, em Dezembro de 2005, Mary Hickers, que foi uma operadora de radar pelo W.A.A.F., traz detalhes sobre o kit que recebiam após passarem por vários exames e pré-testes:

We were then issued with our kit, which consisted of the following: 2 bras; 2 vests; 2 roll-ons with suspenders attached; 6 pairs of knickers {3 white ones with short legs which buttoned at the side and 3 dark blue ones with long legs down to the knees finished off with elastic, which we very quickly named 'blackouts' and refused to wear}. These blue knickers were sometimes referred to as 'harvest festivals' (all is safely gathered in); 3 long-sleeved shirts with 6 detachable collars 1 cardigan (Air Force blue); 1 pair of trousers; 1 battledress top similar to a blouson 1 skirt {best blue}; 1 tunic (best blue); 2 pairs striped pyjamas; 3 pairs grey lisle stockings {which we immersed in hot water to bleach them}; 2 pairs short socks; 2 pairs black lace-up shoes (flat heeled) similar to a brogue 1 pair rubber galoshes; 2 shoe brushes and shoe polish; 1 button stick and tin of Brasso for cleaning buttons and cap badge 1 greatcoat; 1 peak cap with cap badge; 1 camouflaged ground sheet to be worn as a cape in wet weather 1 gas mask in shoulder-carrying holdall; 1 first aid kit to be worn in inner pocket of best blue tunic 1 kit bag; 2 white hand towels; (1 knife, 1 fork, 1 spoon and drinking mug had already been issued).<sup>148</sup>

---

<sup>146</sup> WALLACE, J. op. cit.

<sup>147</sup> ESCOTT, Beryl. op. cit. p. 7.

<sup>148</sup> HICKES, Mary. **Mary's Memoirs – A WAAF in War Time**. BBC Artigo online: A7881807. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/history/ww2peopleswar/stories/07/a7881807.shtml>.

Mary comenta ainda como as inspeções dos kits eram realizadas. Tê-los em perfeito estado e sem faltar um item era o esperado. Quando as inspeções aconteciam, todos os elementos do kit tinham que ser dispostos em cima da cama, em ordem correta.

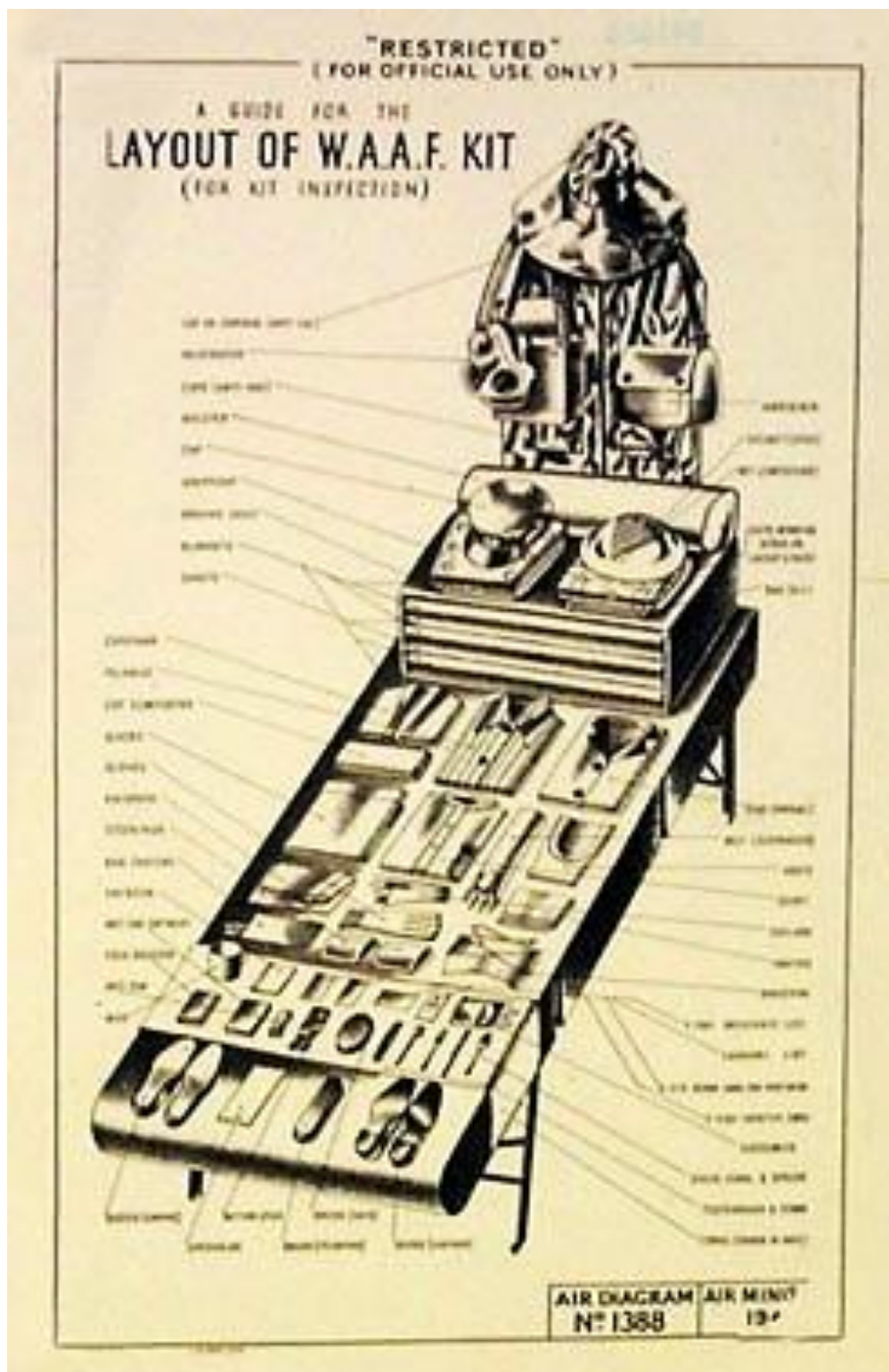
Sobre o cotidiano das inspeções, Mary comenta ainda:

Domestic night would be a Monday, when a WAAF officer would inspect our kit laid out on the bed, shoes were to be polished, also the floor of the bed space. Once a month we would have an inspection called FFI {free from infection}, which every WAAF would have to attend. We were also told that if we were chosen to be mechanics, trousers and battledress tops would be a 'must', but we would have to change into skirt and best blue tunic if going off Camp in the evening. We sat general knowledge and psychology tests so that the Air Force could decide the appropriate trade for each individual.<sup>149</sup>

A Figura 5 retrata como o kit deveria ser disposto em cima da cama, em casos de inspeções. A imagem está em baixa resolução mas consegue retratar a quantidade de elementos e a variedade dos mesmos. As inspeções eram realizadas com frequência para garantir os padrões do órgão e o condicionamento de suas integrantes. O procedimento narrado por Mary não era incomum ou exclusivo ao órgão – regras e comportamentos semelhantes também aconteciam nos quartéis e dormitórios do R.A.F. e, com o objetivo de tornar o W.A.A.F. um órgão que tivesse os mesmos padrões de excelência da aeronáutica, sua diretora Jean Forbes, primava por aproximá-lo a esta reputação.

---

<sup>149</sup> HICKERS, Mary. op. cit. p. 7.



**Figura 5** – Layout of a WAAF Kit

Fonte: RAF Museum Collections

Disponível em: <http://www.rafmuseum.org.uk/research/archive-exhibitions/worth-a-thousand-words-air-diagrams/layout-of-waaf-kit.aspx>

Já a imagem a seguir retrata o primeiro dia de treinamento das recém alistadas, mais precisamente o momento em que os kits são distribuídos. A pintura foi feita pelo artista Charles Ernest Cundall (1890-1971), que serviu como fuzileiro durante a Primeira Guerra Mundial e dedicou a maioria de seus trabalhos retratando cenas referentes a guerras.



**Figura 6 – Women's Auxiliary Air Force kitting up**

Fonte: RAF Museum Collections, Hendon.

Na pintura denominada *Women's Auxiliary Air Force Kitting Up*, de 1943, Cundall procura reproduzir o ambiente amplo, provavelmente um *hangar*, em que dezenas de mulheres se preparam para iniciar seu treinamento pelo W.A.A.F. Dentro do *hangar* vemos algumas mulheres mexendo em caixas e em estantes, ou armários, que contém os elementos necessários aos kits. Aquelas vestidas em macacões azuis são membros do W.A.A.F. responsáveis por fiscalizarem e distribuírem os kits àquelas que estão do outro lado das mesas, facilmente identificáveis como civis pelas roupas que estão usando. Uma porta alta e larga traz de forma marcante, e um tanto dramática, a entrada do galpão e por ela, pode-se avistar algumas pessoas do lado de fora, aparentemente fardadas, em um ambiente que parece lembrar um quartel. Ainda sobre a imagem, a iluminação que entra no ambiente funciona como um holofote, marcante, que evidencia as ações que ocorriam dentro do *hangar*, trazendo um elemento mais dramático à pintura.



A movimentação de mulheres interessadas em ingressar em uma força armada já foi apontada nos capítulos anteriores. Seu interesse pela defesa do país, suas curiosidades frente as instituições militares, o atrativo e o sensorial trazido pelas posturas e uniformes etc. Contudo, ao passo em que falamos desta movimentação, estamos falando também de mudanças de perspectivas no tocante aos papéis sociais. Se de início as mulheres foram mantidas em segundo plano (antes de serem convocadas) um dos motivos poderia ser o de usá-las em últimas circunstâncias – mantê-las afastadas dos conflitos, distanciá-las dos perigos e influenciá-las a assumirem outros papéis que não dentro das forças armadas. Como aponta Tessa Stone em relação ao gênero e as supostas “fronteiras físicas e intelectuais femininas”, temos:

The military context was theoretically conducive to a radical rethinking of the position of women in the labour force. As Penny Summerfield has pointed out, in the Armed Force’s ‘supplying labour appropriately trained for the job that needed doing rather than defending gender boundaries defined by skills labels... remained the paramount concern and the evidence relating to the WAAF confirms that the exigencies of the manpower situation prompted a radical subversion of traditional gender roles and the assumptions on which they were founded.<sup>150</sup>

O combate a certas ideologias e concepções em torno do papel da mulher e sua performatividade era algo mais latente socialmente do que dentro das próprias forças. Enquanto o trabalho doméstico e nas fábricas não eram tão criticados socialmente – pois as mulheres já tinham certa atividade nestes ambientes – o ingresso das mesmas nas forças armadas era visto como algo sem valor e por vezes incerto, já que as mulheres não se enquadrariam nos moldes e padrões militares – discursos comumente relacionados às questões físicas e limites intelectuais. Stone aponta em seu trabalho, ao falar sobre tais impressões, a aceitação por parte dos oficiais da aeronáutica e a campanha travada pela diretora do W.A.A.F. para divulgar o quão importante era o trabalho daquelas que se alistavam:

For the diretor of the WAAF, Jane Trefusis-Forbes, the unique status of the WAAF as integral part of the RAF rested upon the extent and nature of WAAF substitution, in which she felt it was superior not only to the other women’s services but also in other areas of employment: ‘the ready acceptance by the RAF of the WAAF in a large variety of skilled trades and the extensions of

---

<sup>150</sup> STONE, Tessa. **Creating a (Gendered?) Military Identity: The Women’s Auxiliary Air Force in Great Britain in the Second World War**. In: *Women’s History Review*, Volume 8, Number 4, 1999.

responsibilities to the WAAF officers and NCOs [non-commissioned officers] has given women in the WAAF greater opportunities than in other spheres of war work'.<sup>151</sup>

E sobre as impressões sociais e até mesmo familiares, Stone comenta sobre o desapontamento de Forbes frente a imprensa e o público, e como falou a respeito em uma conferência em 1941:

Further, she stressed that the importance of their role arose from their equal value as participants in the war effort. Frustrated by the attitude of the public and the press 'that a woman is invariably more easily spared than a man', she sought to demonstrate the importance of their work through the representation of their equal status as workers. At a press conference in 1941, for example, she sought to impress upon 'the parents of this country ... that the duties that their daughters are doing towards the war effort are as important as the duties their sons are doing'. Indeed, she felt that the airwomen's status was inextricably linked to their achievements as tradeswomen; it was the importance of their work which would 'emphasise to the country the need for the women', while seeing some of the WAAF substituting fully for the RAF would 'encourage all people to have a pride in their womankind if they are able to take up the full duties of a man'.<sup>152</sup>

Certo é que, conforme a necessidade do esforço de guerra urgia por novos recrutas, a mesma urgência reverberava aos ouvidos de mulheres por todo país. Mais e mais postos de serviços eram abertos, vagas para as mais diversas atividades expandiam e o número de candidatas aumentava dia após dia. Além dos apelos vindos por rádios, manchetes de revistas e jornais e por panfletos, os cartazes ainda eram os centro das atenções no que diz respeito a empatia feminina pelas forças armadas.

Assim como vimos no capítulo anterior, o principal veículo de propaganda que recrutava membros para atuar no W.A.A.F. eram os cartazes de convocação. As imagens carregadas de símbolos, significados e mensagens de mudança, tinham em todos esses pontos seus melhores atrativos. A mudança de ambiente e a nova experiência, que eram esperados dentro das forças armadas, se refletiam nestes cartazes.

No cartaz a seguir, vemos uma proposta um pouco diferente, mesmo que as características mais gerais sejam as mesmas. A primeira imagem que nos chama atenção é a da primeira mulher, em primeiro plano, fardada e sorrindo. Contudo se analisarmos bem

---

<sup>151</sup> STONE, Tessa. op. cit. . p. 3.

<sup>152</sup> STONE, Tessa. Idem. p. 3.

o cartaz, veremos que ele trabalha com a ideia de retirar as mulheres de suas funções e trazê-las para o esforço de guerra.

A mulher ao fundo da imagem, com uma roupa mais social, carrega uma mala e apresenta um semblante mais sério. Atrás dela podemos perceber algumas casas, nos dando a ideia de que ela estaria deixando suas tarefas domésticas ou similares para então, se transformar na mulher militar, fardada, sorridente. Atrás desta segunda mulher, vemos então um hangar e aviões no solo e no ar, fazendo referência assim, a Força Aérea Britânica.



**Propaganda 12 – Join the WAAF**

Fonte: Imperial War Museum Collections

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/9763>

Com essa imagem temos ainda os dizeres que trazem: "Pegue a estrada para a Vitória, Junte-se a WAAF". Essa frase pode nos trazer duas interpretações quando pensamos na palavra “vitória” que tanto pode nos dar a ideia de se juntar ao país para ganhar a guerra como pode trazer a conotação de conquista pessoal ao ingressar em tal feito.

Já no cartaz abaixo, vemos a retratação de uma mulher em primeiro plano, novamente fardada e com uma postura mais séria, angulada à frente de um piloto da RAF (Real Força Aérea). Atrás de ambos, a bandeira estizada com duas imagens específicas, uma retratando a bandeira do Reino Unido juntamente com o símbolo da RAF, também com as cores azul, branca e vermelha.



**Propaganda 13 – Serve In The WAAF With The Men Who Fly**  
Fonte: Imperial War Museum Collections  
Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/9764>

O céu é o plano de fundo da imagem e faz alusão à própria força armada em questão. No cartaz lê-se: "Sirva no WAAF, junto dos homens que voam". Aqui, podemos perceber nitidamente, que o cartaz designa uma função específica para o homem, que pode estar em combate e pilotar aviões, enquanto as mulheres exerceriam funções administrativas e liberariam estes homens para a frente de batalha.

Todos os cartazes e panfletos levam a ideia de que as mulheres são necessárias e fundamentais para o sucesso da nação no desenrolar da guerra. É justamente este conjunto de detalhes trazidos pelos símbolos, cores e postura, que desperta nestas mulheres a vontade de pertencer a uma instituição, de ser parte de um órgão reconhecido. São estes signos que, ao mesmo tempo em que atraem tais mulheres para a instituição militar, identificam-nas com a mesma.

Entretanto, mesmo sendo representadas em espécie de ascensão social – bem representado anteriormente pelo depoimento de Mahony– e tendo ingressado nestes espaços (novos) de atuação, é válido frisar que não podemos considerar tais movimentações como méritos ou conquistas sociais, ou de uma classe. A entrada de mulheres nas forças armadas aconteceu quando aqueles no comando (seja de uma força, do estado ou ambos) consideraram necessária tal intervenção. Uma espécie de emprego temporário em que os papéis e identidades ficam, temporariamente, instáveis e em constante redefinição até que o conflito seja encerrado. As mulheres ainda estavam submetidas a superiores masculinos, eram alocadas e definidas em postos por decisões majoritariamente masculinas, em um ambiente que não estava preparado estruturalmente para recebê-las. A guerra, substantivo feminino, ainda se apresenta como instância essencialmente masculina.

Stone comenta sobre a metáfora da Dupla Hélice, usada por Higonnet & Higonnet, ao se referirem sobre a constante dependência das mulheres em relação aos homens no que se refere ao poder e subordinação durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo Margareth Higonnet<sup>153</sup>, as guerras não afrouxam definições e papéis sociais, ao passo que se estabelecem funções e limites, as políticas de guerra intensificam a relação de dominação dos homens em relação as mulheres:

Widely held theories about women's innate characteristics and abilities as workers – that they could not keep a secret, cope with responsibility or work under pressure, for example, that their inherent lack of mechanical aptitude meant they could not even be trained to undertake skilled technical trades, or that physical exertion would cause health problems and injuries, particularly of the reproductive organs – were thus forcibly tested and found wanting. In spite of such advances, however, Higonnet & Higonnet have used the metaphor of the 'double helix' to characterise women's continued relative subordination to men. They have contended that even where women did directly replace men in the workplace in this way, any relative advance this may

---

<sup>153</sup> HIGONNET, Margareth. **Behind The Lines: Gender and the Two World Wars**. Londres: Yale University Press, 1987.

have engendered in their status was cancelled out by the corresponding advance in men's status resulting from their superior, combat role, thus restoring male supremacy within a redefined gender hierarchy.<sup>154</sup>

O próprio cartaz representado na Propaganda 13 nos mostra essa situação. Ao mesmo tempo em que a propaganda é o veículo de comunicação que convoca as mulheres a ingressarem na força, a mesma estabelece claramente a diferença de funções e papéis a serem assumidos dentro dela. A mulher entra na parte administrativa do esforço de guerra para liberar os homens a combaterem na linha de frente.

Contudo, mesmo que a teoria da dupla hélice se justifique frente a constante relação de subordinação entre homens e mulheres e suas funções dentro das forças armadas é válido lembrar que tanto o W.R.E.N.S quanto o W.A.A.F. tinham como comandante do órgão uma diretora. Esta sim, estava subordinada à chefes masculinos pois, o órgão como um todo, era subordinado à força a qual servia e, seja a Marinha ou Aeronáutica, ambas tinham como comandantes, homens. Stone aponta que, mesmo que a mudança fosse delimitada e temporária, a ideia de mudança nos papéis de gênero estava presente:

In the press too, articles acknowledged the revolution in gender roles that was seen to have occurred. The Midland Daily Telegraph saw the development in truly global terms, proclaiming that 'never in the history of the world has so much been asked of women. No longer do they sit at home and wait'. And the Eastern Daily Press quoted 'a neutral observer of women's work' who found it 'hard to understand why anyone ever invented the phrase, "the weaker sex"'. That phrase has died, and another one, "women of leisure" is dying fast'. Commentator Margaret Goldsmith, in her 'public information' book *Women at War*, was persuaded after 'a day among the RAF and the WAAF ... that the job barrier between men and women is being broken down. A job is a job at this station whether it is done by a man or a woman'. And elsewhere in the press the WAAF tradeswoman's equal status with their RAF counterparts was being confirmed in terms both of their abilities – WAAF plotters, for example, were described as 'working on equal terms with men when both have attained proficiency' – and of their contribution to the war effort – they were 'taking an active part in the service of their country', standing 'shoulder to shoulder with the men of the force, and are always at their posts of duty'.<sup>155</sup>

---

<sup>154</sup> STONE, Tessa. op. cit. p. 5.

<sup>155</sup> STONE, Tessa. op. cit. p. 6.

As fotografias a seguir ilustram exemplos desta dualidade. Enquanto muito se criticava a respeito de uma dominação masculina – visivelmente hierárquica – dentro do W.A.A.F., algumas funções colocariam mulheres em posições superiores.

A Fotografia 28 retrata o momento em que um grupo de bombardeio da R.A.F. retorna de uma operação de reconhecimento na costa inimiga e é entrevistado por uma oficial de inteligência do W.A.A.F. Na foto, sete pilotos são entrevistados e passam informações à oficial que parece escutar atentamente enquanto faz anotações. Atrás da oficial podemos notar um grande mapa onde as marcações inimigas e o posicionamento da R.A.F. era exposto.



**Fotografia 28 – WAAF Intelligence Officer**

Produtor: RAF Official Photographer

Fonte: Imperial War Museum – CH 12687

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205193245>

Na Fotografia 29, a seguir, um grupo de motoristas recém ingressadas ao W.A.A.F. recebem instruções de direção e ambientação de campo de uma professora. Com o uso de uma maquete que representa em escala menor um quartel general, uma cabo do W.A.A.F. orienta seis mulheres sobre as regras e condutas de direção. Ao fundo da sala, pendurado em uma parede, podemos perceber dois grandes cartazes que trazem os símbolos e sinais utilizados nas regras de trânsito. As mulheres que atuaram como motoristas, desempenhavam este papel tanto como motoristas de despacho como de caminhões, ambulâncias, motocicletas e carros de transporte convencional.



**Fotografia 29 – WAAF Trainee Drivers**

Produtor: RAF Official Photographer Baker L. H.

Fonte: Imperial War Museum – CH 8316

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205210319>



**Fotografia 30 – Work of WAAF at Bomber Stations**

Produtor: RAF Official Photographer

Fonte: Imperial War Museum – CH 13710

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205210319>



A Fotografia 30, na página anterior, retrata o momento em que uma motorista de trator chega a uma estação de bombardeio. O trator está carregado com bombas que serão instaladas dentro do bombardeiro, que está posicionado ao fundo da fotografia. Atrás do trator, podemos verificar três mulheres descarregando o veículo e, no topo do avião, uma outra mulher, provavelmente mecânica, observa a distância.

A ambientação destas mulheres, já tendo sido selecionadas para atuarem frente ao W.A.A.F. também apresentaria características peculiares da instituição em relação ao gênero, sua derivação sexual e por fim sua capacidade física. A ideia do corpo feminino e sua adequação às normas e padrões militares era distinta e seus testes eram realizados de maneira um tanto diferenciada dos modelos específicos da R.A.F.

Assim como os outros órgãos militares, aquelas que serviram ao W.A.A.F. também passaram por treinamentos físicos, provas, testes intelectuais e exercícios de ambientação. Todas essas práticas eram necessárias ao cumprimento dos padrões do órgão e indispensáveis para integrar essas mulheres à força aérea.

O conceito de *habitus* já fora apresentado no capítulo anterior como base e contextualização na análise das fontes que tratam sobre o treinamento de mulheres ingressantes em uma força armada. Mesmo que se diferenciassem em estrutura e objetivo, as três principais instituições militares trabalharam por integrar suas voluntárias aos padrões militares. As doutrinas tinham que ser seguidas para a manutenção do *status* de cada órgão e, através da disciplina, comprometimento e postura, estas mulheres estariam sendo moldadas ao seu campo específico, adquirindo aquilo que chamamos anteriormente de *habitus militar*.

A fotografia a seguir retrata uma das características principais do ambiente militar: a posição de sentido, disposta em fila. Nela, podemos notar três filas onde oficiais do W.A.A.F. se apresentam em posição de sentido, para seus superiores. Todas fardadas em uniformes de cor azul marinho e sapatos e luvas pretos. Outras pessoas podem ser notadas no canto direito da foto, parecendo fiscalizar a apresentação das oficiais. É justamente durante uma parada – que pode ser um desfile ou uma simples apresentação rotineira – que é realizada uma fiscalização dos uniformes, higiene e postura.



**Fotografia 31 - Apresentação de oficiais do WAAF**

Produtor: Tovey, P. RAF Photographer

Fonte: Imperial War Museum – CH 2091

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205210017>



**Fotografia 32 - -- Apresentação WAAF Egito**

Produtor: RAF Photographer

Fonte: Imperial War Museum – CM 5166

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205209076>

A fotografia a seguir retrata, novamente, uma outra apresentação de um grupo do W.A.A.F. Estes grupos também serviram em postos mais distantes como no Oriente Médio e no norte da África. A fotografia retrata um grupo enviado para o Egito. Nota-se pelo uniforme que estas mulheres serviam em ambientes bem diferentes entre si – geografia, cultura, clima. Posicionadas lado-a-lado, utilizam o braço para fazer o distanciamento padrão para a apresentação. Estão fardadas com uniforme caqui e não padrão azul. Estes uniformes eram mais leves e tinham esta cor pela padronização da camuflagem. Pouco pode ser percebido do ambiente em questão além de hangares ao fundo em meio a uma paisagem seca e quase desértica.

Na próxima imagem percebemos um outro tipo de fiscalização. A Fotografia 36 retrata o momento em que um grupo de cozinheiras do W.A.A.F. passa por uma fiscalização de higiene. Uniformizadas de branco, com aventais e chapéus brancos, as cozinheiras e auxiliares de cozinha estão lado-a-lado, com braços esticados, aguardando a inspeção de dois oficiais da R.A.F, que analisam as mãos de todas para conferir se a higiene das mesmas está sendo feita corretamente.



**Fotografia 323 - Cozinheiras do WAAF**

Produtor: Devon, S. RAF Photographer

Fonte: Imperial War Museum – CH 1064

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205208697>

Para as análises sobre a doutrinação e o comportamentos dos corpos femininos dentro da lógica da disciplina militar, utilizamos no capítulo anterior alguns conceitos de Foucault ao trabalharmos a ideia da docilização dos corpos. Estes, estando ambientados e culturalmente definidos em suas posturas e funções passariam por outras modificações de comportamento, atuação e performance quando inseridos no ambiente militar. À este novo comportamento e apropriação de costumes podemos chamar de *habitus*.

A imagem a seguir nos remete a um outro momento muito peculiar deste ambiente, a parada militar. A foto retrata na verdade, um ensaio de membros de uma banda do W.A.A.F., em Middlesex. Prontas para iniciar a marcha, quatro bateristas se posicionam à frente de cinco membros da banda em uma estação de treinamento. Seu posicionamento, farda e postura trazem toda a questão já debatida aqui referente às doutrinas e disciplina que caracterizam o ambiente militar.



**Fotografia 34 - - W.A.A.F. Banda**

Produtor: Daventry, B. RAF Photographer

Fonte: Imperial War Museum – C 474

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205207507>

O treinamento em geral era tido tanto intelectualmente quanto fisicamente. Em todas as forças, passavam por exercícios de aptidão e frequentavam aulas de física, matemática, doutrina, comportamento, higiene, disciplina militar, organização da força em questão, termos e vocabulário próprios do ambiente militar. O preparo físico seria tão

importante quanto o intelectual (que, em alguns casos, poderia trabalhar áreas específicas de conhecimento dependente da função de cada Waaf) sendo o primeiro mais peculiar que o segundo já que, em termos físicos, o cuidado e os exercícios passados à estas mulheres eram diferentes em relação àqueles realizados por homens.

From an early stage the women's services had encouraged sport. The growth of women's athletics was accelerated by the First World War when, as Jeremy Crump has commented, women's work in the effects of physical training therefore caused some concern to the women's services, always anxious to stress the essential 'feminity' of their members. The wartime ATS and WAAF emphasised that 'great care has been taken to avoid all undue strain on the abdominal muscles, from over-exercise, lack elasticity, the danger of childbirths are increased.<sup>156</sup>

Contudo, é válido ressaltar que muito sobre os estudos de Foucault é debatido e problematizado quando colocados frente as teorias sobre o gênero. Ao mesmo tempo em que Foucault corrobora para a teorização dos princípios feministas e sobre a relação entre poder e sexualidade, negligencia a questão do gênero – ou melhor, o omite. Em um artigo que procura estabelecer tais contribuições foucaultianas com o campo do gênero, Angela King nos apresenta as problematizações desta postura em *The Prisoner of Gender: Foucault and the Disciplining of the Female Body*. Seu objetivo central é compreender como a omissão do gênero como categoria analítica acaba trazendo falhas à análise de Foucault sobre a questão da disciplinarização dos corpos:

How can Foucault analyse power relations, sexuality and the body without discussing gender? I suggest that the female body exemplifies Foucault's arguments about discipline, yet it is conspicuous by its absence. Although this deeply problematizes his work for feminists, I don't believe it negates his entire conceptual framework. I regard it as more of an (admittedly offensive) lacuna that by definition demands to be filled.<sup>157</sup>

Apesar de Foucault não estabelecer uma relação direta entre a dominação, poder e violência sobre os corpos e o gênero, suas ideias podem ser trazidas para análise deste trabalho pois o mesmo serve justamente como elemento para tais lacunas, a exemplo do que King comenta em seu artigo:

<sup>156</sup> MAZON, Tony, RIEDI, Eliza. **Sport and the Military: The British Armed Forces 1880-1960**. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p. 249.

<sup>157</sup> KING, Angela. **The Prisoner of Gender: Foucault and the Disciplining of the Female Body**. *Journal of International Women's Studies*, 5 (2), 29-39. p. 30. Disponível em: <http://vc.bridgew.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1532&context=jiws>. Acessado em: 14 de Abril de 2015.

(...) In it I shall explore how “woman” has been discursively constructed (condemned) as inferior yet also threatening to man, thus in perpetual need of containment and control and subjected (condemned) to particular disciplinary techniques. The body is an over-determined site of power of feminist as well for Foucault; a surface inscribed with culturally and historically specific practices and subjected to political and economic forces.<sup>158</sup>

Relacionando as reflexões de Mazon e Riedi sobre a manutenção da feminilidade com as reflexões trazidas por King no âmbito do gênero-sexo-poder podemos interpretar a fotografia a seguir. Em um momento em que treinam educação física, um grupo de oficiais do W.A.A.F. faz exercícios em uma sala ampla que parece ser um galpão. Todas estão vestidas saias na altura dos joelhos, cabelos repartidos em mesmo estilo, soltos, blusas sociais, meias longas e sapatos estilo Oxford.



**Fotografia 335 - WAAF Fitness**

Produtor: Robert Hunt

Fonte: All Posters – N. 6837461

Disponível em: [http://www.allposters.com.br/-sp/WAAF-Fitness-Training-During-World-War-II-posters\\_i6837461\\_.htm](http://www.allposters.com.br/-sp/WAAF-Fitness-Training-During-World-War-II-posters_i6837461_.htm)

A manutenção de uma ideia ligada às aparências e no tocante ao “exclusivo feminino” estava presente em todos os aspectos do esforço de guerra. Desde a representação dos pôsteres, aos padrões de comportamento, passando pela estipulação de

---

<sup>158</sup> KING, A. op. cit.

regras de segurança até mesmo à elaboração da rotina de treinamentos, tudo estava diretamente vinculado à ideia daquilo que era “feminino” e/ou “masculino”.

Mazon e Reidi ainda comentam sobre a necessidade de se manter feminina e como esta prática era algo intrínseco e presente na diferenciação entre gêneros dentro das forças:

The WAAF presented physical training as a route to sex appeal. ‘Figure, health, teeth, complexion and even charm depend on physical excellence and physical training rightly undertaken is a sure road to beauty’. Servicewomen’s sport was confined to games considered ‘suitable’ for women: cricket, hockey, netball, badminton, squash, tennis and swimming plus, in recognition of their military standing, fencing and rifle-shooting.<sup>159</sup>

A fotografia a seguir retrata duas oficiais do W.A.A.F., vestidas em seus macacões azuis, jogando críquete em uma das aulas de treinamento físico. A competição entre batalhões e unidades distintas do W.A.A.F. – assim como dentro de outras forças – era muito comum. Times eram formados, cada qual representando uma estação de comando ou unidade para campeonatos específicos, entre mulheres, de um determinado esporte em questão. O críquete e o hóquei eram os principais modelos de esporte presente nestas competições.



**Fotografia 346 - W.A.A.F. Críquete**

Produtor: RAF Photographer

Fonte: Imperial War Museum – CH 10427

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205087419>

<sup>159</sup> MAZON, Tony, RIEDI, Eliza. op. cit. p. 249.

Ainda sobre o referido “sex appeal” nas observações de Mazon e Reidi, observamos que ao contrário do que outros estudiosos afirmam, a “masculinização” da mulher dentro das forças armadas não é mais presente do que a manutenção constante de sua feminilidade e a ideia de funções e características aparentemente imutáveis em relação ao gênero e sexo – mulheres, por serem do sexo feminino, estariam sujeitas naturalmente à sua feminilidade que, acima de tudo, deveria ser preservada.

Portanto, se o gênero (e por que não o sexo) são entendidos como constructos socioculturais, determinados cada qual em funções sociais específicas, as forças dominantes sobre estes corpos existem, mas de formas distintas. Enquanto o ideal de feminilidade e fragilidade ligados ao sexo feminino – em maioria – traz certos tipos de dominação e perpetuação de poder, o mesmo acontece com a dominação de leis e ordens sobre um indivíduo do sexo masculino e sua performatividade de gênero específica. O primeiro acaba subjugado em relação ao segundo, considerado muitas vezes o sexo dominante, mais forte.

Enquanto os homens são socialmente dispostos a ocuparem certas funções, seja por sua capacidade física ou intelectual, as mulheres são comumente percebidas em segundo plano – quando não são primeiramente aceitas nas instituições militares, quando suas funções ainda são limitadas, quando não são aprovadas para certos trabalhos ou ainda, quando são realocadas para outros serviços, considerados mais adequados a função social da mulher.

Em um depoimento sobre a rotina de treinos e sua relação com o sentimento de pertencer a uma instituição e a um novo meio, Jean Wallace, então mecânica de aviões, relata superficialmente tal cotidiano:

The training consisted of at best marching up and down the sea front fully dressed carrying a gas mask and haversack, or, at worst, of PT wearing shorts and blouses, and that also on the sea front. But I liked this, and I put all my enthusiasm into marching with a straight back, toes out, head high and ‘swing those arms’. I ended up in the front row, and cast withering glances at the sailors who whistled at us. I was a military person now and not to be impressed by a whistle. Yes, I enjoyed my sense of belonging and we were all girls together enjoying each other’s company. <sup>160</sup>

---

<sup>160</sup> WALLACE, Jean. op. cit. p. 5.



O “pertencimento” o qual se refere Wallace era muito presente e comum nos sentimentos de muitas das garotas que serviram no esforço de guerra. Um dos fatores que trazia tal sentimento à tona era o uso da farda. Como observamos ao analisar os pôsteres anteriormente, a imagem da mulher fardada é sempre relacionada com sua autoestima e posição social. Apesar de, muitas vezes estar em desacordo com todos os princípios de facilidade, praticidade e mobilidade, os uniformes acabavam vindo para preservar o corpo da mulher – os sutiãs, roupas íntimas no geral, eram sempre grandes, folgadas e desconfortáveis, assim como o próprio uniforme em questão. Muitas vezes, por serem padronizados, acabavam não se adequando propriamente ao corpo das mulheres, tão mutável em tamanho e curvas:

(...) The horrors of this, and our appearance later, are indescribable: Hats which either dropped over our eyes or sat on ones head like a pudding cloth, skirts down to our ankles as knees had not to be shown, shirts and ties which no-one knew how to knot. All this was bad, but had we known what was coming in the underwear department I do not think there would have existed a WAAF voluntary corps. First came bras which encased one from neck to waist in a vice-like grip, next corsets and worst of all knickers (‘airwomen for the use of’) reaching to the knees with strong elastic in each leg and huge pocket I’m which to keep a handkerchief, as one must remember that to stuff a hankie into a breast pocket of a tunic made a WAAF look as if she has a breast.<sup>161</sup>

A questão do uniforme parece curiosa em relação à feminilidade. Enquanto o discurso que mais estava presente durante a conscrição trazia a mulher, em sua condição física e intelectual, para atuar no lugar de homens, o mesmo discurso tinha o cuidado em não descaracterizá-la como mulher, independente da função que exercesse. Ainda era a equação simples de “uma mulher substituindo um homem” e essa relação não poderia ser quebrada. Contudo, o aparente descuido ou padronização dos uniformes parece querer preservar mais do que uma identidade feminina mas sim, procura preservar a moral daquilo que se considerava “ser mulher”, algo que podemos remeter ao comportamento social, à religião, ao pudico, à preservação da sexualidade feminina.<sup>162</sup>

---

<sup>161</sup> WALLACE, Jean. *Recollections of a servicewoman in the Women’s Auxiliary Air Force During the Second World War*. p. 4.

<sup>162</sup> Curiosamente, durante a Segunda Guerra Mundial as saias, hoje denominadas de minissaias, começavam a entrar na moda devido ao racionamento de produtos em geral. Era necessário economizar tudo, e os tecidos e roupas se modificavam frente esta necessidade. Botões eram menos utilizados, as saias encurtavam e os bolsos sumiam dos modelitos. Os cabelos tinham a tendência de serem mais curtos já que este era o penteado mais utilizado por mulheres que serviam ao exército e por aquelas que trabalhavam nas fábricas. Os cabelos

### 3.3 Novos campos de atuação – acima de tudo, mulheres.

Como vimos anteriormente as atividades realizadas por estas mulheres eram diversas – programação e organização de vôos, checagem de equipamentos, rastreamento, trabalhavam nas estações de radar, etc. Ao final de 1940, com o objetivo de liberar mais homens para atuarem como pilotos, o Comitê do Ministério da Aeronáutica chegou a um acordo sobre o emprego das mulheres em mais funções, concluindo que “*no work should be done by a man if a woman could do it or be trained to do it*”<sup>163</sup>, ou seja, nenhum trabalho deveria ser feito por um homem se uma mulher pudesse fazê-lo ou ser treinada para fazê-lo.

Entretanto, algumas peculiaridades frente a esta atuação se mostraram pontuais – o problema do gênero e dos ideais em torno da fragilidade do sex feminino ainda rondava algumas tarefas por elas desempenhadas. Essa constante divisão de tarefas e empenho na manutenção da imagem da mulher estava presente em todas as forças armadas. As possibilidades de atuação, os tipos de exercícios, aulas, comportamento, as possibilidades de socialização e os locais que estes deveriam ocorrer. Tudo baseava-se claramente na divisão sexual entre homens e mulheres.

Tal naturalização de funções e aptidões aparecem com frequência em documentos e correspondências entre oficiais homens dentro da R.A.F. No documento abaixo, Documento 7A e 7B, podemos perceber claramente essa questão quando um oficial comenta dentre várias outras correspondências sobre o desempenho e necessidade de mulheres substituírem homens nas unidades de *catering*<sup>164</sup>. Como o serviço era considerado pesado e desgastante frente a quantidade de alimento que deveria ser servido

---

compridos – assim como as unhas mais longas – eram vistos como potenciais riscos de acidentes, principalmente para aquelas que faziam manutenções de máquinas. Ao substituir as calças (ainda pouco usadas) por saias, estas cada vez mais distantes dos joelhos, alternativas tinham que ser criadas em substituição às meias-calças que também sumiam do mercado. Assim, misturas com suco de cebola e cenoura eram utilizadas para tingir as pernas e passar a impressão que estas estavam cobertas por meias. Criaram, ainda, uma instrumento que desenhava na parte detrás das pernas, uma linha preta contínua que também criava a impressão de costura de uma meia-calça. Tudo isso para manter a postura e a aparência da mulher “direita”, “séria” tirando sua vulgaridade. Ver: QUETEL, Claude. *Mulheres na Guerra*. São Paulo: Larousse do Brasil. V.1.

<sup>163</sup> ESCOTT, Beryl E. op. cit.

<sup>164</sup> Catering é um serviço ou ação destinada a servir tipos de suprimentos e *facilities*. Comumente associado a ação de servir e prover refeições coletivas seja para uma empresa, evento ou instituição. Na Inglaterra, durante a Segunda Guerra Mundial, os serviços de catering se estendiam para além daqueles ligados às instituições e foram realizados para alimentar pessoas que se abrigavam de bombardeios nas estações de metrô.

e preparado, existia a dúvida sobre a possível substituição de homens por mulheres, com base na questão física e emocional.

No item 1 do documento lê-se que a maioria daqueles que serviam nestes setores já tinham grande experiência fosse dentro da própria instituição ou fora dela. No item 2, reconhece-se que, apesar de ser sabido que o W.A.A.F. possuía pessoal treinado e especializado para estes serviços, seu desempenho ainda poderia ser questionável frente as tarefas necessárias. Contudo, é o item 4 do documento que traz a naturalização das supostas condições “femininas” e “masculinas” como condições para se estabelecer níveis de comparação. Abaixo, o item 4 é transcrito:

“(4.) The fact is recognises that by nature, woman can make excellent cooks but it is a different matter when it is a question of exercising control over a Cookhouse, particularly where the personnel are R.A.F. Psychological speaking, an airmen does not like to be ordered about an officer of the opposite sex and I think there is likely to be some difficulties occasioned over this problem. Furthermore, unless a woman has specialist experience in administration, one feels there is a danger of her to have to rely too much on her staff for these duties, and with the advent of Community Messing, greater responsibility is likely to be placed upon the Catering Officer as any lack of authority is more than a serious handicap.”

COPY.

From: R.A.F. Station, Odiham, Hants.  
To: Headquarters, Army Co-operation Command.  
Date: 8th March, 1943.  
Ref: OS/6010/18/ORG.

Report on substitution of W.A.A.F.  
Officers as Catering Officers.

The following comments are forwarded in respect of the above subject.

2. Most R.A.F. Catering Officers to date have been commissioned with a background of either considerable specialist experience in civil life or alternatively with long experience in the Service.

3. While one recognises that there are undoubtedly certain highly trained specialist W.A.A.F. personnel available for these duties, it is doubtful whether the normal standard of experience is sufficient for the very important duties of Station Catering Officers.

4. The fact is recognised that by nature, women can make excellent cooks but it is a different matter when it is a question of exercising control over a Cookhouse, particularly where the personnel are R.A.F. Psychologically speaking, an airman does not like being ordered about by an officer of the opposite sex and I think there is likely to be some difficulties occasioned over this problem. Furthermore, unless a woman has specialist experience in administration, one feels there is a danger for her to have to rely too much on her staff for these duties, and with the advent of Community Messing, greater responsibility is likely to be placed upon the Catering Officer and any lack of authority is more than a serious handicap.

over,

Documento 7-A - Substitution of WAAF Officers as Catering Officers

Data: 8 de Março de 1943

Origem: The National Archive, Kew, Richmond

2.(continued)

5. To sum up, whereas I feel that W.A.A.F. Catering Officers can do excellent work, I consider it preferable that in principle the aim should be for these officers to act as Assistants rather than Officers i/c Catering except at a purely W.A.A.F. Station where some of the difficulties which can be envisaged at an R.A.F. Station are automatically dispensed with, otherwise they should have had very extensive experience in all aspects affecting their duties.

Wing Commander,  
Commanding,  
R.A.F. Station, Odiham, Hants.

**Documento 7-B - Substitution of WAAF Officers as Catering Officers**

Data: 8 de Março de 1943

Origem: The National Archive, Kew, Richmond

No trecho transcrito do documento, percebemos a naturalização das funções tidas culturalmente como femininas. Ao mesmo tempo que se reconhece a necessidade de certa substituição por parte do W.A.A.F., trazendo em seu argumento que seriam em maioria aptas para o serviço por serem “naturalmente boas cozinheiras”, as mulheres poderiam encontrar problemas de hierarquia e subordinação entre homens e mulheres. A ideia apresentada no argumento ainda possui a ironia de ao mesmo tempo se atestar a capacidade de uma mulher em assumir a função e negligenciá-la da mesma pois, por ser mulher, poderia trazer certa ameaça ao comandar uma cozinha, dando ordem a oficiais homens – que, no campo psicológico, estariam mais propícios a não aceitar ordens vindas de uma mulher, mesmo que constatada sua aptidão administrativa para tal.

Veronica Owen comenta esta urgência nas substituições:

Women were seen as subsidiary; they would ‘free a man for the forces’ by taking over the desks jobs and petty duties that prevented our brave boys from doing the work *they* were naturally suited for. Women were to be allowed to choose between industry and the auxiliary services. War bureaucracy offered them the same ‘clean’, ‘feminine’, and ‘respectable’ jobs

that the pre-war business girls had enjoyed. And above all they would continue to tend, care and feed – as nurses, land girls, cook, store women, orderlies and cleaners. Seamlessly, the authorities upheld the sexual status quo, while encouraging the notion that every woman could do her bit for King and country. Even when the need for women to work on anti-aircraft batteries became urgent (by 1942 there would be more women deployed in air defence than men) they retained their official ‘non-combatant’ status.<sup>165</sup>

A ideia sobre a mulher não-combatente era sempre frisada em documentos e alguns discursos. E tal apontamento parecia urgente frente algumas questões sensíveis à guerra: a maioria dos locais onde estas mulheres serviam eram possíveis alvos de bombardeios e ataques inimigos e, a defesa de tais ambientes não era realizada por mulheres.

Ainda sobre outros momentos decisivos nas substituições, a tarefa das *plotters*, ou plotadoras, que eram responsáveis por rastrear e traçar o movimento inimigo fazendo marcações em grandes mapas. Sobre essa atividade Claude Quéétel se refere à um depoimento:

As WAAF têm mil funções, exceto o combate propriamente dito. Fora das tarefas clássicas de manutenção e de secretariado, elas são célebre no papel de *plotters*. Essas “traçadoras” dirigem com seus rastreadores, como funestos brinquedos, os pequenos paralelepípedos que configuram as esquadrilhas inimigas sobre as imensas mesas-mapa das estações de radar da RAF. Esse trabalho exige rapidez e atenção em todos os instantes, e o menor erro pode ter graves consequências. Eric Wilton fazia parte do pessoal masculino (*Royal Observer Corps*) no centro de Bromley na região de Kent. Por causa da atenção requerida, os homens com mais de 50 anos foram substituídos por mulheres jovens. Eric Wilton conta em suas memórias que a chegada das duas primeiras *plotters*, “com uma aparência de não mais de 17 anos”, a estação, poderia ser comparada “à descida de Daniel na cova dos leões”, ou melhor, se corrige nossa testemunha cheia de humor inglês, de “dois leões minúsculos na cova dos Daniel”.<sup>166</sup>

A Fotografia 37 nos mostra o quão grande esta tarefa podia ser. Nem todas as salas de rastreamento eram grandes como a retratada na fotografia mas sempre eram necessárias várias oficiais para poder movimentar com cautela a posição inimiga no mapa. Vemos um total de quatorze oficiais entorno de um grande mapa no centro da sala. Ao fundo, em uma

<sup>165</sup> OWEN, Veronica. op. cit. p. 114

<sup>166</sup> QUÉTEL. Claude. **As Mulheres na Guerra. 1939-1945**. Larousse do Brasil: São Paulo, 2009. Página 158, V.2.

mesa de operação de telefonia vemos um oficial da R.A.F. que parece observar e auxiliar a comunicação entre as operadoras e as plotadoras. Na parte superior da fotografia vemos uma divisão aparente de três salas onde tanto oficiais da W.A.A.F. quanto da R.A.F. parecem supervisionar as movimentações e, provavelmente, a partir destas, passar informações a setores de comando tático.



**Fotografia 37 – WAAF Plotters**

Produtor: Goodchild, A. RAF Official Photographer

Fonte: Imperial War Museum – CH 11887

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205210475>

Uma das funções mais desafiadoras segundo alguns autores seria daquelas que trabalhavam nas estações de balões. Os balões de barragem eram utilizados para dificultar e até mesmo deter bombardeios inimigos. Além de manufaturarem os balões, as mulheres destas estações tinham que manejar constantemente a posição dos mesmos conforme orientações da inteligência. Um trabalho considerado difícil por exigir grande força física e agilidade. Montar, dobrar, encher, esvaziar, reposicionar, manter, essas eram as atividades desempenhadas por elas:

The WAAF balloon operators knew what might happen to important war factories, docks, marshalling yards or military bases if their particular Baby failed to go up on time. But they soon provided that they could handle the great clumsy creatures in their care. They learned to fill the tough bag with hydrogen, pay out the morning cable, repair the cables themselves and check the state of the balloon fabric, for a balloon that was not absolutely gas proof would be like a bucket with a hole in it – and about as much use. Before the repairing could be carried out, the girls had to master as may knots, splices and sundry whippings as any able-bodied seaman.<sup>167</sup>

Nas fotografias a seguir podemos perceber essa atividade. A Fotografia 38 retrata uma membro do W.A.A.F. costurando um longo tecido que servirá para montar um balão cativo para a estação de balões da R.A.F. em Maio de 1940, enquanto na Fotografia 34 vemos um grupo de sete mulheres fazendo ajustes em um balão danificado.



**Fotografia 38 - WAAF at a Balloon Station**

Produtor: Press Agency Photographer

Fonte: Imperial War Museum – CH 104549

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205226887>

---

<sup>167</sup> TURNER, J. op. cit. p. 30.



No que se refere a força física e a capacidade ou não das mulheres em fazê-lo, a fotografia a seguir ilustra um dos momentos de movimentação dos balões de barragem. A Fotografia 39 retrata o momento desta movimentação, onde operadoras modificam a posição dos balões.



**Fotografia 35 - WAAF Ballon Operators**

Produtor: RAF Photographer

Fonte: Imperial War Museum – CH 21007

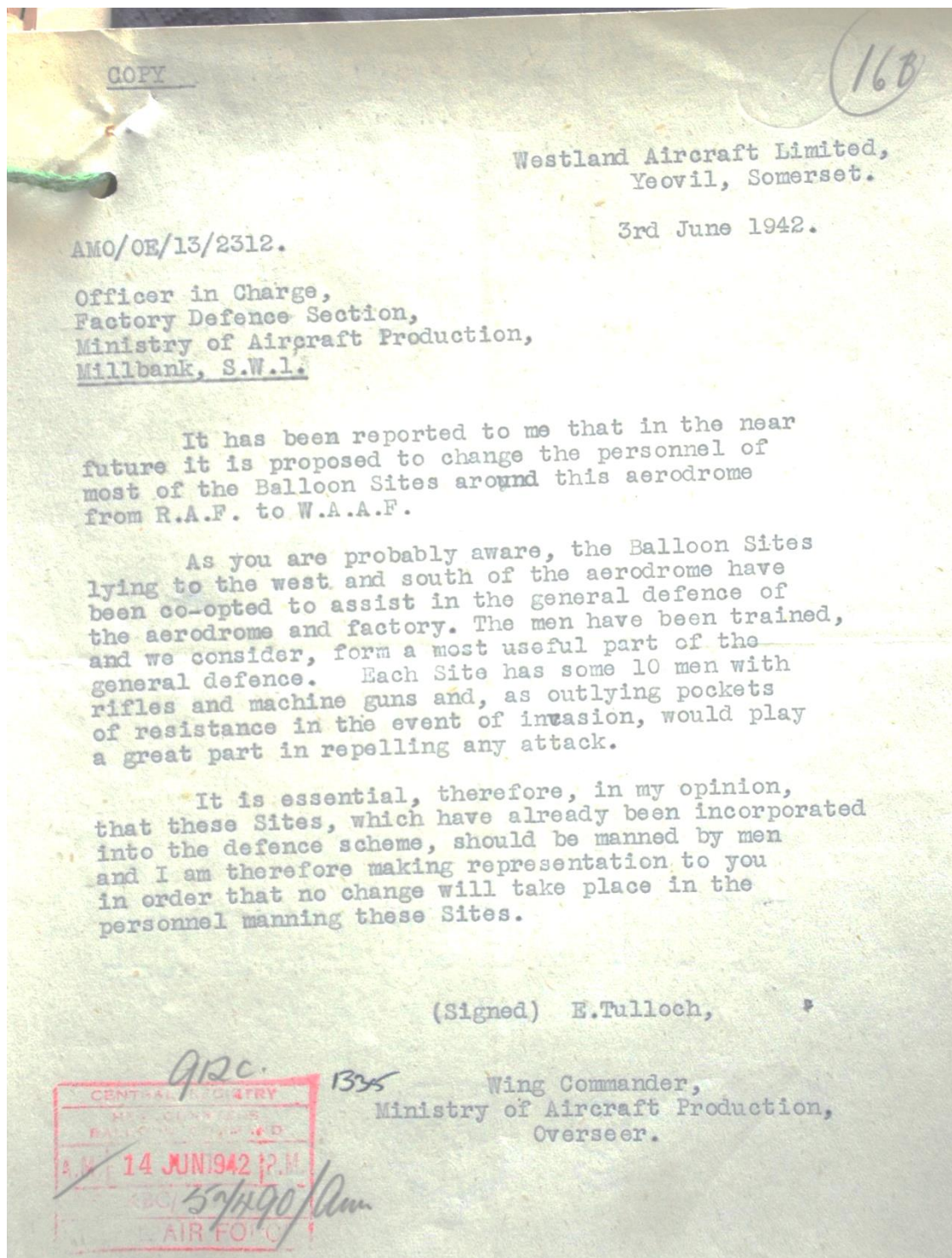
Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205210870>

Contudo, o exercício destas atividades encontrou obstáculos em algumas estações principais. Os campos e estações onde se posicionavam e monitoravam os balões de barragem eram próximos de locais estratégicos importantes e que precisavam ser defendidos. Eram alvos constantes de bombardeios e ataques. Por essa razão, quando foi decretada a substituição de homens por mulheres em estações de maior visibilidade inimiga, uma contestação a respeito desta substituição começou a circular entre os oficiais da Real Força Aérea.

O documento a seguir mostra uma das inúmeras correspondências trocadas por oficiais para discutir e sugerir a não-substituição de homens em alguns campos de barragem específicos. O motivo principal para esse pedido é o de que aqueles homens alocados em algumas destas estações já estariam aptos e treinados para qualquer situação de emergência que resultasse de uma ofensiva inimiga. No caso, estariam treinados a atirar e a defender seu posto.



A carta a seguir, escrita por um comandante da Aeronáutica, responsável pela fabricação de aviões, pede que se considere a suspensão desta substituição pelos mesmo motivos:



Documento 9 – WAAF and RAF Substitution for Balloon Sites.

Data: 3 de Junho de 1942.

Origem: The National Archives, Kew, Richmond.

Em algumas destas estações a substituição parou de acontecer com a preocupação maior pela segurança das mulheres e do próprio local. Contudo, a questão sobre o porte de armas é sim algo que dificultava algumas funções. Estar em um ambiente propício a ataques constantes demandava a habilidade de defesa do local por aqueles que ali serviam.

The Blitz involved many branches of the WAAF, but none more so than girls on the barrage balloon units. All over the country they won admiration and awards. It was about the time of The Battle of Britain that the Air Council had first explored the chances of replacing valuable RAF manpower on barrage balloon sites with women from its sister service. Training started soon afterwards and, by the time the maximum numbers had been reached, 15,700 WAAF balloon operators were at work, fulfilling the dual function of making low-level enemy air attack impossible, while releasing men. Life in balloon units was hard and often lonely, with small parties working under the command of a young NCO in areas needing extra protection from air attack.<sup>168</sup>

Apesar de tal paralização ter ocorrido, muitas destas mulheres continuaram a exercer suas funções em estações consideradas menos visíveis aos olhos de ataques inimigos. O porte de armas era, de fato, algo muito peculiar e sensível no tocante a essa participação. A proibição, velada ou declarada, da participação de mulheres em combate se tinha justamente com o objetivo de protegê-las tanto de ataques quanto do próprio ambiente hostil e violento do front. Muitas vezes, como ainda hoje podemos perceber, esse afastamento de mulheres dos campos de batalha se dão na justificativa da suposta fragilidade física e emocional feminina frente a bravura e força masculina. A mulher, ainda na Segunda Guerra Mundial, em meio a tantas novas funções, estaria sobre uma espécie de “zelo” estatal e social.

Os depoimentos e documentos acima dialogam com as fotografias 9 e 10, apresentadas no capítulo anterior onde um grupo do W.R.E.N.S. aparece treinando com armas de fogo. Apesar de nenhuma fotografia ter sido apresentada aqui para ilustrar essa mesma realidade no W.A.A.F., outros documentos semelhantes a estes anteriores tem em comum o treinamento e a proibição – ao mesmo tempo que são treinadas e estão aptas a portarem armas, essas mesmas mulheres são proibidas de utilizá-las reafirmando as politizações de gênero e de seus papéis sociais durante a guerra.

---

<sup>168</sup> TURNER, John F. op. cit. p. 30.

Ao passo que essa participação e engajamento signifiquem uma oportunidade para as mulheres demonstrarem seus “talentos”, por outro lado essa inclusão e determinação de tarefas continuou, em certos casos, reiterando a posição secundária das mulheres em mais um campo de atuação. Como Owen comenta e como mencionado anteriormente, esta posição auxiliar e subsidiária sublinha a não-participação destas mulheres como combatentes<sup>169</sup>, como se esta função não fosse de direito da mulher em exercer.

Ainda sobre tais diferenças, Owen aponta mais especificamente em sua pesquisa o papel da honra, o dever ou a “permissão” de se poder morrer em combate, se referindo justamente àquelas mulheres que serviram nas equipes de combate antiaéreo, conhecidos como *AA – Anti-Aircraft Units*.

The AA women were, however, permitted to die or be wounded alongside their male comrades, and frequently did. But they were not granted the same service medals as the men, and were paid a third less. The vocabulary of feminism was still largely conspicuous by its absence from all discussions of female participation.<sup>170</sup>

A Fotografia 40, na página seguinte, retrata o momento em que um oficial da R.A.F. recebe instruções de um professor especialista em combate antiaéreo enquanto uma oficial do W.A.A.F. projeta os alvos a serem atingidos. Na fotografia observamos que ela é a única mulher presente sob uma redoma onde, além do aluno e professor, estão presentes ao fundo outros membros do R.A.F. A foto também nos mostra claramente a questão do trabalho auxiliar: além de ser a única mulher, é aquela que executa uma tarefa para que os outros companheiros possam treinar o tiro.

Não tão ligados à critérios de importância destas funções, a percepção e análise que aqui nos interessa é justamente a que se refere à dualidade referida anteriormente a despeito da teoria da dupla-hélice e do constante jogo de papéis sociais que a guerra proporcionara. Justamente por esses limites que tendem a se expandir e retrair de acordo com interesses próprios e necessidades específicas é que muitas feministas se atém a ideia que a guerra não significara, de fato, que avanços significativos (socialmente falando) tenham ocorrido para aquelas mulheres que se engajaram ao esforço de guerra.

---

<sup>169</sup> Por mais que muito ainda se discuta sobre paraquedistas enfermeiras, ou enfermeiras no geral, que estiveram presentes nas frentes de batalha, acompanhando soldados. Entretanto, ainda sim, proibidas de portarem armas em muitos casos e excluídas oficialmente desta posição.

<sup>170</sup> OWEN, Veronica. op. cit. p. 114.



**Fotografia 40 - AntiAircraft Units**

Produtor: Goodchild. RAF Photographer

Fonte: Imperial War Museum – CH 18567

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205212699>

O jogo de poder de decisões é visível. Há a necessidade de substituição de oficiais homens por mulheres, pois estas últimas não poderiam substituí-los em combate. Contudo, essa substituição é sempre cerceada por mínimos detalhes ligados ao condicionamento do sexo e sua performatividade de gênero frente ao social. Se uma mulher não era inserida em certo ambiente e cultura, em alguns casos essa ambientação e adequação poderia ser realizada e quando muito aceita – já que, como exemplo, muitas aprendiam a atirar, mas não podiam fazê-lo. A disciplinarização dos corpos era realizada através dos jogos de poder e interesses em uma situação dada onde homens comandavam mulheres.

According to Anne Balsamo “gender is one of the primary effects of the discursive construction of the human body” (Balsamo). It is a pervasive and powerful method of social control that both produces and restricts one’s mode of being. (...) Woman’s historical association with the body has resulted in her being judged by and valued for her appearance more than man, often above all else, and has also engendered the fear and dread of otherness.<sup>171</sup>

<sup>171</sup> KING, A. op. cit. p. 36.

Ainda sobre as aptidões físicas podemos comentar a respeito do treinamento dessas mulheres e seu cotidiano em um campo militar. Os impasses, as dificuldades de adaptação e a relação entre oficiais e as impressões sociais estavam presentes em meio a outros desafios ligados diretamente ao campo das doutrinas militares. Tudo aquilo que acontecia durante os procedimentos de seleção, refletiam socialmente e causavam certo desconforto.

(...) The outcome was perhaps predictable. Men were deeply conflicted about the necessity for women's conscription. There was essentially a lack of connection between the compelling need to obligate women to do war work and the deeply held view that women must stay home to tend, feed, and care. The only way to reconcile this contradiction was to offer reassurances. Women would not kill; they would not bear arms; they would not shoot down Germans in Spitfires, nor bomb German cities. Their job would be to make the bullets that were loaded into the guns for the men to fire, to fill the bombs with explosive, not to fire them or to drop them.<sup>172</sup>

Novamente, as garantias sobre os limites de atuação destas mulheres estavam sempre presentes. No trecho acima vemos como essa delimitação de tarefas e funções tinha que ser extremamente clara para não ferir a maior instituição de todas: a família. As fotografia a seguir retratam a preocupação relatada por Owen no depoimento acima.



**Fotografia 41 - WAAF ARMOURER**

Produtor: RAF Official Photographer

Fonte: Imperial War Museum – CH 12285

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205213016>

<sup>172</sup> OWEN, Veronica. op. cit. p. 113-114.

A Fotografia 41, na página anterior, retrata o momento em que uma armeira do W.A.A.F. monta cintas de munição que eram utilizadas em aviões *Lancasters*, tipo bombardeiro. Já as fotografias a seguir mostram diferentes momentos de produção e manutenção de aviões. As mecânicas do WAAF chegaram a quebrar recorde de produção de aeronaves, quando comparadas aos mecânicos da R.A.F.<sup>173</sup> A fotografia abaixo retrará três mecânicas do W.A.A.F. e um oficial da R.A.F. fazendo reparos e instalações em um avião do modelo *Hurricane*.



**Fotografia 42 –Mecânicas do WAAF**

Produtor: Rider-Rider RAF Official Photographer

Fonte: Imperial War Museum – CH 10090

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205196931>

<sup>173</sup> QUÉTEL, Claude. Idem. Página 139.



Já em outro momento, dez mecânicas fazem reparos em uma aeronave, dentro de um hangar. Podemos reparar como o departamento de comunicações de guerra trabalhava nas produções das fotografias ao retratarem mulheres em um determinado trabalho. Enquanto algumas mecânicas parecem ignorar a foto, de forma proposital, aquela que se posiciona em cima da asa, no centro da foto, posa de lado em uma posição claramente construída, enquanto pinta uma emenda da asa. Já no canto esquerdo da foto, de pé, uma mulher parece olhar diretamente para a fotografia enquanto continua com sua tarefa.



**Fotografia 363 – Mecânicas WAAF 2**

Produtor: RAF Official Photographer

Fonte: Imperial War Museum – CH 5834

Disponível em: <http://www.iwm.org.uk/collections/item/object/205212935>

As três fotografias anteriores se relacionam diretamente com as observações de Owen. Enquanto produziam aeronaves, munições e faziam a manutenção de todo aparato aéreo necessário para o continuamento da guerra, as mulheres que serviram ao W.A.A.F. não tinham a permissão de atuar no conflito.

Contudo, no decorrer de 1942 com o grande números de inscritas e convocadas percebemos ainda que estas vagas e atividades se expandiam e, apesar das inúmeras garantias sobre a posição e o papel da mulher dentro da aeronáutica, chegou o momento em que elas poderiam se tornar pilotos.

Como nas outras armas, as tarefas da WAAF são numerosas, mas o sonho de muitas delas é voar, e muitas conseguem isso após conseguirem um brevê de pilotagem, adquirido na maioria das vezes antes de seu ingresso no exército: "*Por não poder fazê-lo nas esquadrilhas de combate, elas integram o ATA, que conduz aviões, de sua saída da fábrica até sua base de destino, ou de uma base a outra.*"<sup>174</sup>

Se esta função não poderia ser até então exercida por aquelas conscritas no W.A.A.F., o A.T.A, *Air Transport Auxiliary* – que já havia sendo organizado e formado desde 1939 – oferecia a oportunidade tão desejada a algumas mulheres. É neste sentido que a aeronáutica era vista por muitas como a força armada que trazia em si o espírito aventureiro.

Por definição básica o serviço do A.T.A. era auxiliar e de abastecimento. Não focado inteiramente em testar aviões – serviço desempenhado pela R.A.F. em maioria – os aviões do A.T.A. eram utilizados no transporte de alimentos, tropas, combustível e suplementos médicos. Contudo, com a necessidade mais urgente, o A.T.A. se tornou o meio de transporte de aeronaves entre hangares e quartéis mais imponente durante a Segunda Guerra Mundial – justamente quando se junta à R.A.F.

O A.T.A., diferentemente do W.A.A.F., se caracterizava por ser um órgão misto e não-militar – sob o comando da British Airways. Uma de suas pilotos mais famosas, entretanto, não era britânica e sim, argentina. Maureen Dunlop se uniu ao órgão em Abril de 1942 e chegou a ser Primeira Piloto. Suas fotografias serviam de grande exemplo e incentivo à mulheres de todo o mundo que ansiavam por se tornarem pilotos.

Em um artigo publicado na revista *Picture Post* – que circulou entre os anos de 1938 e 1957, se tornando referência para o fotojornalismo, se anunciava algo extraordinário para época: juntamente com um depoimento de Dunlop, anunciava-se que todos os pilotos do A.T.A. estariam em condições iguais de pagamento e direitos já que todos pilotavam os mesmo modelos de aeronaves e passavam por riscos similares:

With all ATA pilots flying the same aircraft and facing the same risks, Sir Stafford Cripps arranged that the female pilots should receive equal pay with their male colleagues and this small group of women rightly considered themselves as pioneers of sex equality. Many, including Maureen Dunlop, wished that they could have flown in combat, but this was considered a step too

---

<sup>174</sup> QUÉTEL, Claude. Idem. p. 140.

far and was forbidden. “I thought it was the only fair thing,” she remarked. “Why should only men be killed?”<sup>175</sup>

A questão salarial era algo conflitante em todas as forças. As mulheres recebiam menos que os homens, fazendo o mesmo trabalho que estes. Apesar de alguns documentos pesquisados no National Archives – UK, nada foi encontrado sobre um eficaz aumento de salário e sim, várias correspondências que debatiam tal propósito. Enquanto alguns oficiais demonstravam interesse de aumentar o salário – mas não igualá-lo – outros consideravam tal medida desnecessária.

Na fotografia a seguir, Dunlop aparece na capa da revista *Picture Post*. Na foto, Dunlop aparece como se acabasse de descer de avião modelo *Fairey Barracuda*, ajeitando os cabelos, com o paraquedas nos ombros e segurando seu capacete.



**Fotografia 44 – Maureen Dunlop, 1944.**

Produtor: Picture Post Magazine.

Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/obituaries/9334827/Maureen-Dunlop-de-Popp.html>

<sup>175</sup> \_\_\_\_\_ . <http://www.telegraph.co.uk/news/obituaries/9334827/Maureen-Dunlop-de-Popp.html>.

Outra importante piloto do A.T.A. e exemplo no campo da aviação feminina até os dias de hoje é Diana Barnato Walker<sup>176</sup>. Sua participação na guerra teve início em 1940 quando se juntou à Cruz Vermelha como enfermeira. Já em 1941 se alistou para o transporte aéreo auxiliar se tornando uma das primeiras mulheres pilotos do órgão. Foi um dos nomes mais importantes e experientes do A.T.A. sendo permitida a pilotar diferentes tipos de aeronaves entre *Hurricanes*, *Siptfires* e *Mosquitos*.

Na fotografia a seguir, Walker posa para a fotografia ao entrar no *cockpit* de seu avião *Spitfire*:



**Fotografia 375 - Diane Walker and the Spitfire**

Produtor: Ministry of Supply – RAF.

Disponível em:

[http://en.wikipedia.org/wiki/Diana\\_Barnato\\_Walker#/media/File:Walker\\_Spitfire.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/Diana_Barnato_Walker#/media/File:Walker_Spitfire.jpg)

Entre os anos de 1939 e 1945 o *Women's Auxiliary Air Force* chegou a receber aproximadamente 183.317 voluntárias e o número total de mulheres a servir em seus quadros chegou a 217.249.<sup>177</sup> O interesse em servir a aeronáutica era persistente e o ano de 1941 ficou marcado por esta procura, chegando a marca anual de 81.928 voluntárias.<sup>178</sup> Segundo Nicholson, enquanto o W.R.E.N.S. era considerado o órgão mais estiloso e mais vistoso, as meninas que serviram ao W.A.A.F. sempre demonstraram paixão:

<sup>176</sup> Primeira mulher britânica a quebrar a barreira do som em 1963.

<sup>177</sup> TURNER, John. op.cit. pg. 113.

<sup>178</sup> TURNER, John. Idem.

The Wrens may have been the most fashionable of the women's services, but if you were looking for love nothing approached the WAAF's for ardent desires and heightened passions. Eighteen-year-old Pip Beck joined up with stars in her eyes, her patriotic motives mingling with romantic daydreams of the dashing aircrew she was likely to meet in the course of her new work.<sup>179</sup>

Ainda que tivessem apresentado ótimos desempenhos nas diversas áreas em que atuaram – observações vindas de seus superiores e diretoria – mesmo tendo apresentado números surpreendentes na área de produção de aeronaves, com experiências marcantes para a época<sup>180</sup> – relacionadas aos salários equiparados e com a possibilidade de se tornarem pilotos (no caso do A.T.A.) – o W.A.A.F., assim como os outros órgãos militares exclusivamente femininos, chega ao fim em 1945 com o declarar do fim da guerra. O A.T.A., apesar de não ter sido dissolvido, pois era um órgão ligado diretamente à Aeronáutica, dispensou de seus serviços suas pilotos.

A desmobilização ocorrera gradualmente, pois aquelas que serviam fora da Grã-Bretanha, nos dias que se seguiram a 8 de maio, continuaram a servir junto ao W.A.A.F. pois a guerra japonesa continuaria até o início do mês de Setembro do mesmo ano. Sobre este processo, Escott comenta:

After days clearing from their station and having undergone a medical examination, WAAF leavers went to 105 Dispersal Centre, RAF Wythall, Worcestershire, and joined the long queues of girls snaking around its great hall. There, at different tables, they received clothing coupons, a ration card for food, pay, gratuities, leave passes, £12 10s for the purchase of civilian clothes, unemployment and health insurance cards, their service and release book, and permission to buy 320 cigarettes and 7 ounces (198 grams) of chocolate in the nearby NAAFI. Ten minutes later a WAAF officer shook their hands and thanked them for their service, and then they were out – civilians once again!<sup>181</sup>

Contudo, os sentimentos sobre a desmobilização eram vários, pois a preocupação com o futuro que levariam era muito incerto:

Feelings about leaving the WAAF were mixed; the new civilians were afraid and yet excited. They had waited so long for demobilisation and then it had come so quickly. They welcomed their new freedoms: to go home, to leave service restrictions, to

<sup>179</sup> NICHOLSON, Virginia. op. cit. p. 163.

<sup>180</sup> QUETEL, Claude. op. cit.

<sup>181</sup> ESCOTT, Beryl. op. cit. p. 37.

wear pretty clothes, to plan their own lives. (...) But there were worries about the future – no work, no regular pay, sometimes no home, a hasty marriage, no support from service friends, strangers who would not understand the world they had left behind.<sup>182</sup>

A observação trazida por Escott neste último trecho nos permite refletir sobre as dificuldades que mulheres tão novas encontrariam em sociedade no pós-guerra. Não só por questões ligadas à parte emocional de estarem longe de colegas e de um cotidiano tão intenso e desafiador mas, justamente, por terem pouca ou nenhuma orientação e indicações para atuarem na vida civil. Muitas destas mulheres, apesar das experiências adquiridas nestes serviços, não voltaram a atuar em áreas semelhantes. A volta para casa, estar novamente no âmbito familiar, cumprir com seu papel de mãe, mulher e filha, ainda era o mais comum.

Da mesma forma que todos os outros órgãos militares exclusivamente femininos, a desmobilização do W.A.A.F. é caracterizado também pelas politizações das relações de gênero que, mais uma vez, delimitariam o tempo e espaço em que as mulheres deste contexto poderiam atuar.

---

<sup>182</sup> ESCOTT, Beryl. op. cit. p. 37.

## CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos apresentados neste trabalho, foi possível perceber que todo o processo de atuação das mulheres no esforço de guerra – e mais precisamente, durante a Segunda Guerra Mundial – se teve por aquilo que definimos como “politização das relações de gênero” e a consequente adaptação de papéis sociais.

De forma mais abrangente, a análise desta participação pode ser considerada equivalente tanto para as movimentações tidas na Primeira Guerra Mundial quanto para a Segunda Guerra. As formas de mobilização, ainda que em aspectos diferentes, lidaram de forma substancial com os paradigmas sociais de cada época e com o ideal de papel social das mulheres em relação ao dos homens significando que, frente à uma necessidade maior, na qual a sociedade como um todo precisava se organizar em torno do esforço de guerra, a convocação de mulheres pareceu portanto conveniente.

A urgência em se preencher vagas de qualidades distintas aparece como força motriz que movimentaria mulheres a se tornarem operárias de diversas fábricas e a se alistarem para os serviços auxiliares das forças armadas. É pontualmente dentro de tais organizações que pudemos observar o constante jogo de poderes que, ao mesmo tempo em que promove uma espécie de oportunidade para estas mulheres acaba também por limitar as formas de atuação das mesmas evidenciando assim, a teoria da politização dos gêneros com base na predisposição cultural na qual o gênero feminino era inserido na Grã-Bretanha dos anos quarenta.

Essa ideia por trás da mudança de status social foi visivelmente trabalhada nos cartazes aqui analisados. A convocação primava por demonstrar que as mulheres que liberavam homens para as frentes de combate estariam assim cumprindo um dever e ainda, provando suas capacidades em novas funções. A idealização de uma nova posição social vinha com as imagens de mulheres sempre sorridentes, fardadas em serviço em atividades consideradas nobres.

Percorrer e analisar os processos de formação dos órgãos da Marinha (W.R.E.N.S) e da Aeronáutica (W.A.A.F.) britânicas esclarece de forma precisa as hipóteses aqui pretendidas. De início, a já mencionada politização do gênero frente as necessárias mudanças (ainda que temporárias) nos papéis sociais. Para tal, Foucault nos foi útil quando utilizamos suas ideias em torno das relações de poder e dominação de corpos. Ainda que criticado por muitas teóricas feministas, sua obra é sem dúvida utilizada como referência nos estudos em tal área e, para este trabalho, pôde contribuir em paralelo às teorias de

Judith Butler e Joan Scott, para a análise do gênero como algo intrinsecamente cultural e sensível aos jogos de poder e dominação social. No caso, as mulheres que antes eram relegadas à papéis sociais de cunho doméstico e entendidos como “privados”, administraram quando inseridas no esforço de guerra, funções que antes não eram permitidas a exercer.

Se em aspectos mais gerais e comparativos ao período da Primeira Guerra Mundial, as mulheres da década de quarenta já possuíam maior autonomia em relação àquelas da guerra anterior, as relações de gênero ainda sim continuavam frígidas no tocante às atividades desempenhadas por homens e mulheres. Essa ideia por trás dos papéis sociais se liga diretamente com a cultura do gênero em relação à um sexo específico onde teoricamente, ser do sexo feminino predispõe qualidades e habilidades específicas que se relacionam e fomentam uma identidade de gênero. Contudo, essa mudança de papéis sociais se mostra, muitas vezes, contra si mesma quando inverte esses papéis e traz as mulheres para um novo cenário em que desempenham as mesmas tarefas que homens.

Paralelo às convocações e mobilizações feitas por órgãos militares, a análise da inserção de mulheres neste campo nos evidenciou a constante fluidez de ideias em torno desta participação e como este processo pode ser considerado uma experiência não só para essas mulheres como para o órgão acolhedor em questão. Os depoimentos e documentos oficiais nos trouxeram a possibilidade de investigar as relações de poderes ali presentes e como uma aparente insegurança dos órgãos para com essas mulheres era algo comum. Enquanto alguns oficiais, por exemplo, apresentavam ideias e posições mais liberais e expansivas quanto a atuação de mulheres nas forças armadas, outros apresentavam um caráter mais conservador frente aquilo que se compreendia por “ser mulher” e por onde essas poderiam caminhar.

Consequentemente tal insegurança e dualidade, agravados ainda pela falta de estruturas básicas para alojar e treinar estas mulheres, acabaram criando um palco de experiências e de trocas culturais que analisamos aqui com base em Pierre Bourdieu e seus conceitos de campo e *habitus*. Mesmo que em seus trabalhos mais gerais Bourdieu não tenha se apropriado dos conceitos de gênero, para este trabalho a relação do campo militar e o *habitus* do mesmo nos possibilitou o entendimento mais claro do processo de treinamento e ambientação das mulheres no meio militar e o já mencionado jogo de poderes ali presente.

As mulheres que serviram às forças armadas precisaram, necessariamente, passar por treinamentos físicos, psicológicos e intelectuais, e foram submetidas às doutrinas e



disciplinas de cada força. Essa aprendizagem e capacitação vêm inserir na conduta e comportamento dessas mulheres aquilo que denominados de “*habitus militar*” – um conjunto de signos, gestos, comportamentos e doutrinas que caracterizam um campo específico e qualificam o indivíduo que atua dentro dele. No caso, para se adequarem ao ambiente militar, tais mulheres deveriam apresentar o comportamento esperado à força em questão que perpassava o uso dos uniformes, o vocabulário, os gestos e muitas vezes à forma de interpretar o mundo.

Contudo, mais do que incorporarem tal *habitus*, o que nos fica evidente é que não só elas desempenharam esse movimento de adaptação como o próprio campo militar que as recebera acabou se adequando a certas circunstâncias, adaptando-se às necessidades que surgiam com a absorção de tais mulheres. Fosse na modificação dos uniformes, nas políticas internas, com as incertezas quanto quais condutas estas deveriam ter, as formas de relacionamento entre oficiais e não-oficiais, tudo demonstra como o próprio órgão também tentava se adequar a estas mulheres.

O *habitus* nos apresenta um conjunto de características aprendido e adquirido dentro de um campo específico e, para a compreensão do que teria sido tal ingresso de mulheres nos órgãos auxiliares seria assertivo pensar que tais mulheres vêm com uma multiplicidade de identidades – cada qual com sua classe, filiação, cultura, idade, educação, etnia etc. – trazem o *habitus* pertencente ao seu campo de origem, ou aos seus campos anteriores. Suas visões de mundo por si só são díspares e, como apresentado aqui, muitas delas não teriam convivido com mulheres de trajetórias tão diferentes se não tivessem servido ao esforço de guerra.

São justamente as múltiplas identidades oriundas de culturas, campos e com *habitus* distintos que, em determinado momento, se encontram em um campo novo que pretende uma adequação desse comportamento, sob regras e doutrinamentos específicos do ambiente militar. Todavia, essa adequação não se apresenta como uma via de mão única e, durante todo o período do conflito, as relações entre mulheres, entre homens e mulheres, oficiais ou não, estão sempre em adaptação e se modificam de acordo com as necessidades mais latentes.

Ainda sobre a questão dos jogos de poder que permeiam as relações de gênero, outro ponto importante apresentado se fixa na problemática em torno da possibilidade da mulher combatente. Apesar de estarem em praticamente todas as frentes, as mulheres que serviram ao esforço de guerra britânico (assim como na maioria dos países ocidentais) estaria limitada aos serviços auxiliares não podendo atuar nas linhas de frente. Enquanto

aprendiam a atirar e eram treinadas para qualquer adversidade, o porte de arma ainda era uma questão sensível chegando até mesmo a desqualificar algumas mulheres em seus serviços, pois estas não poderiam defender o território em questão.

Em um campo congruente e convergente, ambos os órgãos (W.R.E.N. e W.A.A.F.) são estabelecidos para servirem de base à sua força particular e possuem o mesmo perfil de organização: seriam órgãos criados para assumir as atividades auxiliares e administrativas, de caráter subsidiário, de determinada força, no intuito de liberar homens que pudessem assumir o papel de combatente nas linhas de frente. Tão forte era o discurso que chamava tais mulheres para o alistamento, quanto aquele que as impedia de atuarem como combatentes. A mulher militar, como muitos se referem, que ali estava sendo formada, por vezes não era considerada “militar” – por seu treinamento distinto e por suas funções – já que estes órgãos não eram inicialmente submetidos à sua força oficialmente e por terem, de início, sido selecionadas como voluntárias.

Contudo, mesmo que a terminologia para se referir à estas mulheres não abarque por completo seu significado, é assertivo afirmar que estas passaram por treinamentos que adequassem seu comportamento aos padrões mais próximos dos órgãos em questão, analisados com base no conceito de corpos dóceis trazidos por Foucault. Ingressar nesses ambientes significaria não só um compromisso com sua função então designada mas, também, para com toda a filosofia e comportamento que sustentavam a hierarquia presente no ambiente militar.

A consciência por detrás do papel da mulher ainda era fundada em valores muito centrados na ideia de delicadeza e enraizados socialmente. A mulher combatente é algo que se contradiz com a própria essência daquilo que se entendia como *mulher* e suas *feminilidades*. A ideia por trás desta “mulher” ou “mulheres” ainda tinha bases na fragilidade, na maternidade e na proteção. Muitas mulheres eram criticadas por seguirem tropas fora de seus países, a imagem de uma mulher em combate era sempre preterida – ainda que elas estivessem nos movimentos paramilitares ou oficialmente em exércitos do leste europeu.

Desta forma, fica claro como a politização das relações de gênero, baseadas em um sistema de poder que supõe o entendimento da dualidade entre os sexos, onde o sexo masculino domina sobre o feminino, trabalha por organizar esta atuação. São as bases políticas, sempre ministradas por homens, que galgam pilares de formação destes órgãos e acabam, direta ou indiretamente, abrindo espaço para atuação destas mulheres no esforço

de guerra. Ao mesmo tempo que abrem este caminho, o controlam e o lapidam na forma de suas necessidades.

O ponto-chave do trabalho é percebido no cruzamento de fontes imagéticas e administrativas, nos depoimentos e nas imagens. Ainda que já tivessem certa perícia no que diz respeito às substituições, as forças armadas pareciam, ainda, estar em constante experimentação. Organizam tal substituição e designam funções específicas que podiam abarca-la; trabalham ao lado do departamento de comunicações com o intuito de divulgar a necessidade de recrutas mulheres para dar impulso ao esforço de guerra mas, ao mesmo tempo, não possuem estrutura e logística necessárias para recebe-las. O trato em relação à capacitação das mulheres para estes serviços não se dava tanto pelo viés do treinamento e da *práxis* e sim mais pelo lado político – por serem mulheres estariam aptas a prestarem certos tipos de serviço e outros não.

Apesar destas limitações e da característica comum das funções que assumiriam durante todo o conflito, mesmo que secundárias em caráter organizacional, estas funções não eram vistas por elas em seu sentido pejorativo – para muitas destas mulheres se apresentava uma oportunidade de mostrarem suas aptidões. Fossem secretárias, faxineiras, motoristas, decifradoras ou mecânicas de aviões, o simbolismo que permeava esta atuação, desde às convocações até o final da guerra, conquistavam a empatia feminina por servir à uma força – estando esta, sempre despreparada para recebê-las.

E durante todo o período que permeia a Segunda Guerra Mundial, vemos como o Estado e os discursos políticos são responsáveis por um alargamento e retração da atuação feminina no espaço público. Enquanto no início do conflito se restringe esta participação – fosse uma limitação por idade, conhecimento ou questão social – sua intensificação obriga o próprio Estado a romper com as concepções culturalmente enraizadas sobre as funções sociais de homens e mulheres, convocando-as para as instituições militares. Esta situação não é exclusiva da Grã-Bretanha, e países como Estados Unidos, Austrália, Canadá e Finlândia também adotaram as mesmas políticas de inclusão de mulheres em novos setores sociais e nas instituições militares – cada qual em um nível e função.

O ciclo de tal politização se encerra junto à declaração do fim da guerra. Como espécie de contrato, aquelas mulheres que se voluntariaram, se alistaram ou trabalharam nas fábricas teriam cumprido seu papel, para aquele determinado momento. O fim da guerra significou o término dos serviços das mulheres para o esforço de guerra e, enquanto nas fábricas a maioria era dispensada, nas forças armadas foram completamente desmobilizadas. Todos os órgãos auxiliares militares foram extintos a partir de 1945 e

muitos só voltariam a aparecer décadas à frente a não ser no caso da Aeronáutica que, reconhecendo certos déficits de pessoal e o desempenho das mulheres que serviram no W.A.A.F. reativa, em 1949, o W.R.A.F. *Women's Royal Air Force* – mesmo nome daquele formado para a Primeira Guerra.

Todavia, salvo o exemplo anterior, todos os órgãos têm seu fim no ano de 1945 e a maioria das mulheres que ali serviram retornariam às suas casas e seriam relegadas à sua posição social anterior. As mesmas políticas que as convocam, treinam e encorajam, são as mesmas que as realocam socialmente. O jogo das políticas de gênero e seus respectivos papéis sociais se assemelha na Segunda Guerra aos moldes daquilo que a Primeira Guerra Mundial já evidenciara e justamente por esse fim, muitos teóricos questionam a influência de tal participação nas políticas posteriores de inclusão social das mulheres.

Entretanto, apesar do foco do trabalho não se prender no pós-guerra e sim nas relações presentes durante o conflito, a relevância que o estudo sobre as relações de gênero traz para a análise da participação e das funções sociais das mulheres na guerra nos pareceu, essencial. No prelúdio das convocações e ainda, nas lembranças do imaginário de uma guerra anterior, a movimentação social em torno da mobilização de mulheres para o esforço de guerra, em meados de 1939, se mostrou tanto um incômodo quanto um ato visionário, ainda que não se possa negar os impactos que esta participação trouxe para a perspectiva social sobre as mulheres nos anos seguintes.

## BIBLIOGRAFIA

\_\_\_\_\_. New York Times. Disponível em: <file:///C:/Users/anaclaudia/OneDrive/Documentos/FONTES%20DOCUMENTOS%20OFICIAIS/105746425%20NYTimes.pdf>.

\_\_\_\_\_. Royal Air Force Museum. Women's Auxiliary Air Force (WAAF) – 1939-1949. Artigo disponível em: <http://www.rafmuseum.org.uk/research/online-exhibitions/women-of-the-air-force/womens-auxiliary-air-force-waaf-1939-1949.aspx>.

\_\_\_\_\_. War Stories – The Despatch Rider & The WREN. Produção: Pete Bleakley. Documentário, 43'20". NvTv, 2008. Disponível em: <http://archive.northernvisions.org/specialcollections/war-stories-the-despatch-rider-the-wren/>.

\_\_\_\_\_. The Women's Auxiliary Air Force and The Battle of Britain. The Military History Review. Artigo online. Disponível em: <http://www.military-history.org/articles/the-womens-auxiliary-air-force-waaf.htm.n>.

BADER-ZAAR, Birgitta. Controversy: War-related Changes in Gender Relations: The Issue of Women's Citizenship. In: International Encyclopedia of the First World War. Disponível em: [http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/ControversyWar-related\\_Changes\\_in\\_Gender\\_Relations\\_The\\_Issue\\_of\\_Womens\\_Citizenship](http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/ControversyWar-related_Changes_in_Gender_Relations_The_Issue_of_Womens_Citizenship). Acessado em 27 de Novembro de 2014.

BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro. Mulher e Relações de Gênero. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

BRODY, J. Kenneth. The Avoidable War: Pierre Laval and the Politics of Reality, 1935-1936. Transaction Publishers: New Jersey, 2000.

CHIARENZA, Baraba. Gender in War. Sarajevo: Buy Book, 2006.

CRAGGS, Tracy. Fulfilling a Need – The Role of The Women's Royal Naval Service. Artigo online disponível em: <http://war-experience.org/history/keyaspects/wrns/default.asp>.

DUBY, G. PERROT, Michelle. História das Mulheres No Ocidente. O Século XIX. Vol. 4. Porto: Afrontamento, 1991.

ESCOTT, BERYL E. The WAAF: a history of the women's Auxiliary Force in the Second World War. Buckinghamshire, Reino Unido: Shire, 2011.

FLETCHER, M. H. The WRENS – A History of the Women's Royal Navy Service. B. T. Batsford: Londres, 1989.

FRANCIS, Diana. Gender, War and Conflict Transformation. Publicado em: <http://www.opendemocracy.net>.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979.

GRAYZEL, Susan. Women's Mobilization for War. Disponível em: [http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/Womens\\_Mobilization\\_for\\_War](http://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/Womens_Mobilization_for_War).

HACKER, Barton; VINING, Margaret. A Companion to Women's Military History. Boston: Brill Academic Publishers, 2012.

- HART, Robert A. Did British Women Achieve Long-Term Economic Benefits from Working in essential WWII Industries? Universidade Stirling. Alemanha. Fevereiro de 2009. Disponível em: <http://ideas.repec.org/p/iza/izadps/dp4006.html>.
- HICKES, Mary. Mary's Memoirs – A WAAF in War Time. BBC Artigo online: A7881807. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/history/ww2peopleswar/stories/07/a7881807.shtml>.
- HIGGONET, Margareth. Behind The Lines: Gender and the Two World Wars. Londres: Yale University Press, 1987.
- HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- <sup>1</sup> KING, Angela. The Prisoner of Gender: Foucault and the Disciplining of the Female Body. *Journal of International Women's Studies*, 5 (2), 29-39. p. 30. Disponível em: <http://vc.bridgew.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1532&context=jiws>.
- LAMB, Christian. I only Joined for the Hat. Londres: Bene Factum Publishing, 2007.
- LESPINOIS, Jerome. A Batalha da Inglaterra. Edições Texto&Grafia: Lisboa, 2011
- LOPES, Christiane M. A Mulher na Era Vitoriana: Um Estudo da Identidade Feminina na Criação de Thomas Hardy. Dissertação de mestrado. UFPR. Curitiba: 1986.
- MASON, Ursula S. Britannia's Doughters – The Story of the WRNS. Pen&Sword: Barnsley, 2011.
- MAZON, Tony, RIEDI, Eliza. Sport and the Military: The British Armed Forces 1880-1960. Nova York: Cambridge University Press, 2010.
- NICHOLSON, Virginia. Single Out – How Two Million Women Survived Without Men After the First World War. Londres: Penguin Books, 2008
- NIEMEYER, F. KRUSE, M. Constituindo sujeitos anoréxicos. Dissertação de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. 9 páginas. Artigo disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72163/000679711.pdf?sequence=1>.
- PEDRO, Joana Maria. As Guerras nas Transformações das Relações de Gênero: entrevista com Luc Capdevila. Revista de Estudos Feministas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. VI.13, n.1 Jan/Abr 2005.
- PELEGRINI, M. Foucault, Feminismo e Revolução. Artigo digital disponível em: <[http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342407030\\_ARQUIVO\\_MauricioPelegriani-Anpuh2012.pdf](http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342407030_ARQUIVO_MauricioPelegriani-Anpuh2012.pdf)>. Acessado em: 10 de Julho de 2013. Página 2.
- PETERS, Yvonne. Have you got the Irons? It's a WAAF's Life. Norwich: Greenridges Press, 2004.
- PINHO, L. C. As tramas do discurso. In: Castelo Branco, G.; Baêta Neves, L. F.. (Org.). Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência. Londrina/Rio de Janeiro: Nau, 1998.
- QUÉTEL, Claude. As Mulheres na Guerra. 1939-1945. Larousse do Brasil: São Paulo, 2009. V.2.
- ROSS, Stewart. Women's War – At Home in World War Two. Londres: Evans Brothers, 2007.
- RYCHTER, Danielle R. (org.). O Gênero nas Ciências Sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour. São Paulo: ed. Unesp, 2014.

SENKEVICS, A. “Ensaio de Gênero”. Sexo é natural; Gênero é cultural? Um diálogo entre Joan Scott e Judith Butler. Artigo Digital disponível em: <http://ensaiosdegenero.wordpress.com/tag/michel-foucault/>. Acessado em: 10 de Julho de 2013.

SCOTT, J. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. Disponível em: [http://www.4shared.com/document/XCWKugpJ/joan\\_Scott\\_-\\_Gnero\\_uma\\_categoria.htm](http://www.4shared.com/document/XCWKugpJ/joan_Scott_-_Gnero_uma_categoria.htm) Acessado em: 20 de Setembro de 2010.

SOIHET, Raquel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.

STONE, Tessa. Creating a (Gendered?) Military Identity: The Women’s Auxiliary Air Force in Great Britain in the Second World War. In: Women’s History Review, Volume 8, Number 4, 1999.

SWAIN, T. Quem tem medo de Foucault? Feminismo, Corpo e Sexualidade. Artigo digital disponível em; < <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAA6yQAJ/quem-tem-medo-foucault-feminismo-corpo-sexualidade>>. Acessado em 10 de Julho de 2013.

TURNER, John F. The WAAF at War. Barnsley: Pen&Sword, 2011

WALLACE, Jean. Recollections of a servicewoman in the Women’s Auxiliary Air Force During the Second World War.

WOOLF, Virginia. A Room of One’s Own. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 1989. p.88.